

## Resumo

O sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) tem vindo a possibilitar um importante conjunto de reflexões sobre as comunidades da Primeira Idade do Bronze no Norte de Portugal. O estudo dos materiais cerâmicos provenientes da Sondagem 2 permitiu a caracterização tecnológica e funcional dos recipientes cerâmicos, e respectiva integração num contexto regional cronologicamente coevo. Essas comparações servem como pretexto para uma breve reflexão sobre as dinâmicas de povoamento do noroeste em geral e de Trás-os-Montes Oriental em particular, procurando delinear espaços e incipientes territorialidades. São ainda considerados aspectos de economia doméstica, lendo-os como os sustentáculos para uma emergente complexidade patente no registo funerário e iconográfico.

**Palavras-chave:** Primeira Idade do Bronze; Trás-os-Montes Oriental; Cerâmica.

## Abstract

The archaeological site of Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) allowed de discussion of some important considerations on the Early Bronze Age of Northern Portugal. The analysis and study of the ceramic materials from Sondagem 2 (Survey 2) provided the means for the functional and technological characterization of these vessels and their rightful integration on a chronological and regional context. These correlations serve as a pretext for a brief approach to the settlement dynamics of the North of Portugal, namely of the Eastern Trás-os-Montes area, in a attempt for the delimitation of spaces and understanding of their incipient territorialities. Aspects of domestic economy are also taken into account as being the foundations for an emerging complexity visible on the funeral and iconographic records.

**Key-words:** First Bronze Age; Eastern Trás-os-Montes; pottery.

"Nevertheless, the book gave Jack a feeling he had never had before, that the past was like a story, in which one thing led to another, and the world was not a boundless mystery, but a finite thing that could be comprehended." (Ken Follett, *The Pillars of the Earth*)

## Agradecimentos

Um pequeno agradecimento, não comparável ao justo e devido, fica aqui expresso, pois sem estas pessoas nada do que aqui se apresenta seria igual.

Ao meu orientador, Prof. Doutor João Carlos de Senna-Martinez, pela constante disponibilidade de discussão, pelo esclarecimento de dúvidas, pela prontidão de ajuda, pelo apoio bibliográfico. E, sobretudo, pela transmissão de força nos momentos mais críticos da tese.

À Jessica Reprezas, companheira desta grande aventura, indispensável na partilha de angústias e alegrias, presente em todos os momentos. Pela força, pela amizade, pelas discussões e críticas que muito ajudaram neste trabalho.

Às equipas de escavação da Fraga dos Corvos das campanhas de 2007, 2008 e 2009, obrigado pelo apoio.

Aos meus amigos Ana Viana, Bruno Rebelo, Daniela Matos, Débora Bettencourt, Francisco Gomes, Liliana Anjos, Maria Helena Barbosa, pela amizade, pelo apoio, pela ajuda imprescindível no desenho dos materiais, pelas discussões de campo, pela curiosidade e vontade de conhecer. Pelos convites preciosos para arejar as ideias.

À Leonor McMillan, pela amizade e pela ajuda com a fotografia e respectivo tratamento dos materiais.

Ao Cláudio, pelo apoio, pela amizade, pela disposição para ouvir e para discutir. Pela ajuda preciosa com as tintagens de materiais e com a revisão de texto.

À minha família, pelo apoio, pela paciência, pelos sacrifícios e por acreditarem.

## Índice

Resumo/Abstract

Agradecimentos

Introdução .....	7
1. A Investigação em Idade do Bronze no norte de Portugal e as limitações prévias ao nosso estudo .....	9
1.1 Idade do Bronze: o norte de Portugal, o metal e as periodizações .....	10
1.2 Perspectivas de Continuidade.....	13
2. O sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros).....	15
2.1 Caracterização Geográfica.....	15
2.1.1 Preâmbulo.....	15
2.1.2 Localização administrativa.....	17
2.1.3 Geomorfologia.....	17
2.1.4 Hidrografia.....	19
2.1.5 Vegetação.....	19
2.2 A descoberta do sítio e as estratégias de intervenção.....	21
2.2.1 A descoberta.....	21
2.2.2 As estratégias de intervenção.....	21
2.3 A Estratigrafia.....	24
2.3.1 A Sondagem 2, historial de intervenção.....	24
2.3.2 O faseamento.....	28

2.4 O Espólio.....	30
3. O Conjunto cerâmico.....	35
3.1 Metodologia.....	35
3.2 Os dados da cerâmica.....	40
3.2.1 Caracterização tipológica.....	41
3.2.1.1 A tabela tipológica.....	41
3.2.1.2 Os resultados da análise estatística.....	44
3.2.1.3 Os tipos de bordo.....	48
3.2.1.4 A relação forma/decoração.....	50
3.2.2 A caracterização tecnológica.....	51
3.2.3 As decorações.....	55
3.2.3.1 A localização da decoração.....	56
3.2.3.2 As técnicas.....	56
3.2.3.3 Os motivos.....	57
3.2.4 As bases.....	62
3.2.5 Os elementos de prensão.....	63
3.2.6 Os cossoiros.....	64
3.3 Considerações sobre o conjunto.....	65
3.3.1 A produção técnica dos recipientes.....	65
3.3.2 Aproximação à funcionalidade dos recipientes.....	71
4. A Fraga dos Corvos e o seu ambiente cultural.....	73
4.1 Os elementos de longa duração.....	78

4.2 Os elementos inovadores.....	81
4.3 As decorações.....	86
4.4 Em torno das cronologias.....	95
5. As comunidades da Primeira Idade do Bronze no noroeste - breves reflexões finais .....	98
6. Bibliografia.....	109

## Introdução

O sítio da Fraga dos Corvos, intervencionado desde 2003, tem vindo a trazer à discussão científica novos dados relacionados com ocupação do espaço, estruturas domésticas, produção oleira e de artefactos líticos da primeira Idade do Bronze, e sobretudo tem imposto interrogações sobre as condicionantes tecnológicas, económicas e sociais das primeiras produções de artefactos em ligas de bronze no norte de Portugal.

A nossa participação nas últimas três campanhas de escavação deste sítio arqueológico e o acompanhamento dos trabalhos de investigação suscitaram, desde logo, o interesse no mesmo e, sobretudo, na componente cerâmica que apresentava. Ao convite do nosso orientador, Prof. Doutor Senna-Martinez, sucedeu-se o início deste longo périplo que costumamos denominar de tese de mestrado.

O trabalho que aqui apresentamos passou por várias fases de elaboração e de delimitação de objectivos, uns mais credíveis e elaboráveis que outros, é certo, mas sempre com a consciência (ou a esperança) de que, no fundo, era exequível. Dentro dos limites logísticos e temporais de que dispusemos o resultado final é o aqui exposto, convictos de que muitos outros caminhos poderiam ter sido percorridos e outras hipóteses trabalhadas. Para uma próxima, esperamos.

Estruturámos a obra do seguinte modo.

O primeiro capítulo pretende constituir uma breve síntese da história da investigação em Idade do Bronze no norte de Portugal, criando para nós uma base epistemológica prévia ao estudo das realidades arqueológicas. Nele procuramos enunciar os principais quadros teóricos que têm regido a discussão interpretativa em torno das materialidades e imaterialidades pré-históricas.

Os capítulos seguintes incidem concretamente sobre o sítio da Fraga dos Corvos. O primeiro deles consiste numa breve abordagem geográfica à micro-região

envolvente ao povoado, abordando as variáveis mais recorrentes neste tipo de caracterização: geomorfologia, hidrografia e vegetação.

Segue-se a síntese dos trabalhos efectuados no sítio arqueológico e os principais resultados preliminares: descoberta do sítio e estratégias de intervenção, estratigrafia e espólio.

O capítulo subsequente constitui o resultado de todo o trabalho analítico da amostra seleccionada para este estudo, o acervo cerâmico da Sondagem 2 do sítio vertente. Após a descrição das nossas opções metodológicas, trataremos de sistematizar o manuseamento dos dados brutos: a construção de uma tabela tipológica específica para este sítio e seu conseqüente tratamento estatístico, a análise de pastas, o estudo das decorações, das bases, dos elementos de prensão e dos cossoiros e uma síntese destes dados.

Os dois capítulos finais estabelecem a integração cultural da Fraga dos Corvos atendendo aos resultados que obtivemos. O primeiro deles sintetiza genericamente o ambiente cultural das cerâmicas deste sítio, comparando com conjuntos considerados contemporâneos. O segundo procura, de forma breve e sintética, uma integração regional mais ampla atendendo a questões de povoamento, economia, relações inter-regionais e relação destas variáveis com as novas lógicas de poder e visibilidade individual caracterizadoras deste período cronológico.

Este trabalho enquadra-se no Projecto METABRONZE (Metalurgia e Sociedade do Bronze Final do Centro de Portugal) financiado pela Fundação Portuguesa para a Tecnologia (FCT) (POCTI/HAR/58678/2004).



## **1. A Investigação em Idade do Bronze e as limitações prévias ao nosso estudo**

“A consciência de que o discurso sobre o real não é com este confundível, a noção de que todo o conhecimento é contingente, tornam evidente que os factores que intervêm e condicionam o processo são tão decisivos na elaboração do discurso, quanto a “realidade” que se pretende conhecer”.  
(Valera, 2007)

Ao caracterizarmos um particular contexto arqueológico, inserido num particular momento da história, estamos igualmente a interpretá-lo dentro de um quadro conceptual que aprendemos a reconhecer e/ou a construir. Consciente ou inconscientemente, usamos esse quadro como fonte para uma construção de história, para uma interpretação do particular e respectiva inserção num plano mais abrangente, procurando apreender as mais variadas formas de crescimento e de transformação das comunidades humanas da Pré-História.

Estudar o processo de construção desse quadro, ou de vários quadros que se encontram no tempo, alerta-nos para a fragilidade e falibilidade das interpretações que fazemos dos vestígios do passado, bem como para as diferentes agendas que guiaram a sua formulação. Mas, ao mesmo tempo, fornece-nos linhas directoras dos caminhos a percorrer, procurando não repetir trilhos já esgotados.

É neste sentido que procuramos aqui produzir uma breve síntese do processo de delimitação e caracterização do período da Idade do Bronze, atendendo especificamente ao norte de Portugal, onde podemos situar o momento de vida do povoado em apreciação.

### 1.1 Idade do Bronze: o norte de Portugal, o metal e as periodizações

Na construção de um quadro de referência para a Idade do Bronze peninsular, assim como para o noroeste de Portugal numa forma mais particular, a cronologia sempre foi o primeiro e mais discutível ponto de reflexão. Desde finais do século XIX, várias foram as tentativas de encaixar numa estrutura classificativa e sequencial toda uma panóplia de artefactos, sobretudo metálicos, e contextos arqueológicos que, em crescente número, foram sendo recuperados e associados a esta etapa.

Acompanhando as diferentes posturas epistemológicas consideradas como as grandes correntes da arqueologia do século XX, verificamos que as questões de periodização e de utilização desses faseamentos tiveram diferentes significados (Ruiz-Galvéz Priego 1984, 1998; Jimeno Martínez, 1984; Gilman, 2003).

Concretamente para o norte de Portugal, a aplicação dessas linhas condutoras da arqueologia foi sempre dificultada pela falta de dados brutos e de projectos de investigação direccionados para o estudo da Idade do Bronze, que permitissem quer a edificação de um quadro cronológico específico, quer a construção de modelos explicativos para o desenvolvimento destas comunidades (Jorge, 1986, p. 17; Bettencourt, 1999, p. 29; Senna-Martinez 2000, p. 103).

De facto, até bem recentemente, *grosso modo* anos 70, os trabalhos no norte de Portugal caracterizaram-se genericamente por tentativas de enquadramento dos diversificados artefactos, na grande maioria metálicos, que desde longa data foram sendo recuperados, em contextos de depósito, funerários e alguns, pouco frequentes, habitacionais. Para este fim, foram feitas comparações tipológicas com materiais e interpretações elaboradas para outras áreas regionais da Península e da Europa, tentando-se criar um faseamento com base nas diferenças morfológicas que esses materiais apresentavam. Assim, o uso quase exclusivo do metal enquanto fósil director e, por isso, enquanto elemento fundamental na caracterização das comunidades que os produziram e utilizaram, manteve a arqueologia nesta região fechada numa perspectiva artefactualista, classificativa, que “*ignora as explicações socioeconómicas, ideológicas e simbólicas para cada fase, explicando as mutações pelo difusionismo*” (Bettencourt, 1999, p.23-24), e que, ainda, reduziu a complexidade dos

fenómenos culturais “à cómoda formulação de categorias temáticas, puramente arbitrárias, categorias essas definidas em função de critérios empíricos, que variam ao longo do tempo, consoante a evolução dos conceitos e das tendências da investigação em outras áreas peninsulares...” (Jorge, 1986, p.17). Nesta perspectiva encontramos, a título de exemplo, os trabalhos de Mendes Corrêa, Bosch Gimpera ou Santa Olalla (Bettencourt 1999, p. 24-26).

Os anos 70 iram trazer alguns discursos alternativos que estabelecem a ponte entre as perspectivas de tom histórico-culturalista e as novas formas de abordagem dos vestígios materiais recuperados pela arqueologia. Tais são os trabalhos de J. Eiroa García e de J. Maluquer de Motes (*Idem*, p. 28-29) que defendem, individualmente, a construção de quadro interpretativo regional que deve partir de trabalhos de campo sistemáticos, análises metalográficas e datações de radiocarbono, reforçando a necessidade de definição das características da metalurgia peninsular e de um estudo mais aprofundado dos mecanismos de produção e difusão da mesma.

Será já nos anos 80 que a investigação nesta região tomará um novo rumo, mais virado para a interpretação económica, social e ideológica das comunidades pré-históricas, fase esta denominada de antropológica por A. Bettencourt e M. J. Sanches (1998, p. 13; Bettencourt 1999, p. 33), que, genericamente, segue “os paradigmas da Nova Arqueologia americana e da Arqueologia Processual anglo-saxónica” (Bettencourt, 1999, p 33).

A esta mudança paradigmática não será estranha a recente tendência para a compartimentação analítica regional, atendendo às especificidades de unidades geograficamente delimitadas. A partir do momento em que o registo arqueológico para a Idade do Bronze revelou assimetrias directamente relacionáveis com espaços regionais concretos, as linhas de investigação caminharam para o particular, para o estudo concreto e específico desses espaços.

Elemento igualmente imprescindível para o desenvolvimento da investigação em Idade do Bronze foi a denominada revolução do radiocarbono, que, com a sucessiva calibragem de datas antigas e recentes, definiu um intervalo relativamente longo para este período, permitindo a afirmação plena desta etapa cultural, desprendendo-a de

relações pouco claras com momentos anteriores e posteriores. Além do mais, foi possível, pela primeira vez, distinguir, adentro da Idade do Bronze, dois momentos bem concretos, um mais recente (Bronze Final), que sempre deteve maior visibilidade arqueológica, e um mais antigo, englobando os conhecidos bronze antigo e médio (Senna-Martinez, 2002; Ruiz-Galvéz Priego, 1984).

Para o norte de Portugal, ainda que estas novidades tenham obviamente penetrado o meio científico local, este foi um processo longo, sempre limitado pelos escassos contextos arqueológicos conhecidos e pela reduzida equipa a trabalhar estes contextos.

No entanto, alguns projectos de investigação foram iniciados, sendo direccionados para o estudo sistemático dos contextos arqueológicos recentemente reconhecidos, procurando apreender os mecanismos de mudança não só através dos artefactos metálicos, mas sobretudo através da correlação entre cultura material no seu todo e contextos semelhantes. Novas abordagens ao território são efectuadas, tais como estudos de reconstituição paleo-ambiental e paleoclimática, mapas de fontes de matéria-prima, entre outros. A obtenção de contextos seguros que permitam a recolha de amostras para datação por radiocarbono tem vindo também a aumentar, permitindo a crescente construção de cronologias mais rigorosas para esta região. Neste âmbito, foram pioneiros os trabalhos de Manuela Martins (1990) e Susana Oliveira Jorge (1986, p. ex.). No segundo caso, esta investigadora procura iniciar uma análise micro-regional para a zona de Chaves e Vila Pouca de Aguiar, integrando dados provenientes de escavações mais rigorosas, portanto, contextualizados, de forma a poder caracterizar os principais vectores de povoamento desde o Calcolítico ao bronze inicial na referida região. Trata-se igualmente de um trabalho de ruptura pois foge à tendência de considerar objecto de estudo válido só as cerâmicas decoradas, tais como o campaniforme ou a de tipo Penha/Mairos, optando por realizar uma análise integrada de todos os recipientes cerâmicos devidamente contextualizados. Neste sentido, abre as portas ao estudo da cerâmica doméstica na região e respectivo *“posicionamento cronológico e filiação cultural (Jorge, 1986: 22)”*. (Jorge, 1986: 18, 22-23; Bettencourt & Sanches, 1998: 15; Bettencourt 1999: 36-37). Nas décadas que se seguiram a este trabalho vários têm sido os estudos elaborados sensivelmente com os

mesmos objectivos, uns mais aprofundados que outros, dos quais destacamos os trabalhos mais recentes de Susana Oliveira Jorge (e sua equipa), os de Ana Bettencourt (e de sua equipa), ou os de Maria de Jesus Sanches.

Contudo, apesar dos vários esforços de estudo e síntese, a primeira Idade do Bronze no norte peca pela falta de contextos habitacionais<sup>1</sup> suficientes seguramente identificados e escavados em área de modo a que facultem dados para a sua caracterização. Excluindo ocupações tardias em sítios de habitat Calcolíticos (como os povoados fortificados de Vila Nova de Foz Côa, ou o Abrigo do Buraco da Pala, em Mirandela, por exemplo), que, por si, traduzem apenas parte das estratégias de ocupação do território, até à data, que conheçamos, apenas três sítios da Primeira Idade do Bronze foram intervencionados segundo um inquérito direccionado para a compreensão do dinamismo das comunidades do bronze inicial: o povoado do Fumo (Vila Nova de Foz Côa, Carvalho, 2004) ainda que se situe já na Beira Transmontana e não concretamente em Trás-os-Montes, o da Sola (Braga, Bettencourt, 2000a) e o da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros, Senna-Martinez *et al*, 2004, etc.). Estes são, obviamente, contextos fundamentais que têm trazido inúmeros dados inéditos, mas não são, certamente, em número suficiente para uma plena caracterização das estratégias económicas, sociais e de povoamento das comunidades deste período.

## **1.2. Perspectivas de continuidade**

Queremos aqui reflectir sobre dois pontos que consideramos importantes enquanto medidas de continuidade para o desenvolvimento do estudo da primeira Idade do Bronze no noroeste.

O primeiro deles prende-se com a falta sítios de habitat intervencionados. Como acima referimos são escassos os contextos que têm sido alvo de uma

---

1 Restringimo-nos aqui aos contextos habitacionais por estarem directamente relacionados com o nosso estudo. Dadas as características do nosso trabalho, optámos aqui por não incluir aqui as informações e os discursos disponíveis para o registo funerário e para a iconografia.

intervenção sistemática e direccionada para a resolução de um inquérito específico. No entanto, paralelamente, têm proliferado trabalhos de reconhecimento de sítios arqueológicos quer em âmbito de projectos científicos (universitários/ autárquicos/ outros) quer durante Estudos de Impacto Ambiental e trabalhos de Arqueologia de Salvaguarda, cujos resultados têm vindo a ser apresentados em bases de dados sob diversas formas: Endovélico, teses de mestrado e doutoramento (como são os casos das teses de Leonor Pereira e Ana Bettencourt, respectivamente), artigos científicos (como exemplo Sá Coixão, 2000), entre outros. São trabalhos deste género que constituem o ponto de partida para novas investigações. Torna-se portanto essencial a interligação e publicação destes trabalhos, o que abrange uma elaboração cuidada, completa e rigorosa dos mesmos, uma preocupação de incluir o máximo de informação possível nas bases de dados e, sobretudo, tê-las facilmente acessíveis.

O segundo ponto relaciona-se com os projectos de investigação em si. Acreditamos que a investigação hoje não é mais um projecto solitário, é sim um trabalho de discussão entre uma equipa de formações distintas, mas complementares à investigação arqueológica. Falamos de transdisciplinaridade, na qual a colaboração de investigadores das mais variadas áreas científicas permitirá aceder a toda uma panóplia de metodologias e estudos que facilitarão a compreensão das realidades do passado com outros olhares. Numa primeira abordagem ao território, por exemplo, resultará útil recorrer à geografia, aos sistemas de informação geográfica, e às reconstruções de paleoclima e paleoambiente, de forma a melhor integrarmos no espaço as comunidades que visamos estudar. Uma integração espacial deste género possibilitará uma aproximação a recursos naturais disponíveis e acessíveis, a potencialidades de incremento económico e de desenvolvimento social. Por outro lado, o recurso à química e à geologia no tratamento dos materiais arqueológicos poderá permitir um rastreio de fontes de matérias-primas, a reconstituição das cadeias operatórias para cada tipo de material, o reconhecimento das tecnologias utilizadas e ainda a inferência de funcionalidades através, por exemplo, de análise de conteúdos.

Pensamos, assim, que, sempre que logisticamente possível, estes constituem dois pontos-chave para o desenvolvimento da investigação em Idade do Bronze (e, quiçá, outros períodos) no noroeste.

## 2. O sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros)

### 2.1 Caracterização Geográfica

“And through living in it, the landscape becomes part of us, just as we are a part of it.” (Tim Ingold, 1993, p. 154)

#### 2.1.1 Preâmbulo

Compreender de que forma o relevo, a geologia ou a hidrografia podem condicionar ou facilitar o modo de vida de determinada comunidade é, claramente, essencial na interpretação arqueológica. Localizar recursos disponíveis e de fácil acessibilidade, reconhecer solos mais ou menos favoráveis às actividades agrícolas, cartografar fontes de matéria-prima ou utilizar estudos de reconstituição paleoambiental são tarefas que o arqueólogo tende igualmente a cumprir de forma a explorar as eventuais potencialidades económicas que as comunidades pré-históricas teriam ao seu alcance.

Porém, um inventário genérico dos recursos disponíveis, pouca informação oferece. Por si só não é mais que um leque de possibilidades, que nem sempre se poderão transpor para realidades tão remotas. Por conseguinte, torna-se fundamental considerar esses dados à luz das evidências arqueológicas, dos indicadores de exploração regional, como por exemplo, matérias-primas usadas no fabrico de utensílios, fragmentos faunísticos ou vestígios antracológicos.

Apesar da utilidade unanimemente reconhecida, esta abordagem de cariz economicista tende a ser, nos últimos anos, complementada com outras perspectivas de análise territorial. De facto, as recentes pesquisas no âmbito da Arqueologia da Paisagem (cf. Criado Boado, 1997; Ingold, 1993; Roberts, 2003; Ucko *et. al.*, 1999 POR PAGS), a abertura à Antropologia Cultural (cf. Bernardi, 2007, 1ª edição de 1974; Bodenhorn *et. al.* 2004, p. 12; Gosden, 1999, p. 7, 11, 35. etc.) e à História das Religiões (ainda que de forma indirecta) (cf. Eliade, 2004, 1ª edição 1949) têm vindo a

trazer novas ferramentas para compreender as várias dimensões que a paisagem ocupa na vida das comunidades humanas.

A envolvente natural é, em primeiro lugar, o garante da sobrevivência, a fonte primária de todas as necessidades. Mas é igualmente um elemento poderoso que é preciso respeitar e até temer. Nesta medida, resultará natural, neste tipo de sociedades, que a natureza se revista de simbolismos, com locais privilegiados de manifestações do sagrado (ou Hierofanias, como refere M. Eliade, 2004, p. 20), quer como forma de legitimação e apropriação territorial, quer como expressão da fragilidade humana face às “vontades” do meio natural.

Todas estas concepções sobre a paisagem fazem claramente parte de uma representação do modo de estar no universo, já que *“o mundo animal e vegetal existem e sugerem ao homem um método de pensamento”* (Lévi-Strauss, *apud* Bernardi, 2007, p. 20), que fornecerá as bases para questões de identidade comunitária e legitimação de poderes.

No entanto, como cada comunidade é única num tempo e num espaço, *“o ambiente, conquanto condicione as soluções práticas e os modos de vida humana, nunca subjuga completamente a actividade mental e a inventiva do homem para novas soluções. Pode-se, assim, dizer que as adversidades ambientais estimulam a capacidade de adaptação e de domínio do homem, a liberdade de escolha por parte do homem e a singularidade das formas culturais estão documentadas pela variedade das soluções adoptadas em ambientes análogos”* (Bernardi, 2007, 1ª edição de 1988 p. 76).

Falamos, portanto, de verdadeiras paisagens culturais, *“reconstruídas através de análises de inter-relação entre o mundo, o ambiente artificial e os produtos físicos das práticas sociais”* (Criado Boado, 1997, p. 7).



### 2.1.2 Localização administrativa

O sítio da Fraga dos Corvos localiza-se na vertente noroeste da Serra de Bornes, freguesia de Vilar do Monte, concelho de Macedo de Cavaleiros, distrito de Bragança. As suas coordenadas são 99 122,194 de Longitude e 203 403,721 de Latitude GAUSS, a 870,856m de Altitude.

### 2.1.3 Geomorfologia

Em Trás-os-Montes a palavra de ordem relativamente à geomorfologia é a diversidade. Pela paisagem sucedem-se montanhas, planaltos, depressões e vales. É, no olhar de O. Ribeiro *“a região geográfica mais definida, mais acidentada posto que mais uniforme de Portugal”* (1995, p. 315).

Entre as serras mais significativas destacam-se a de Coroa (1273m), a de Montinho (1416m), a de Bornes (1202m) e a da Nogueira (1318m). Sobranceiras a estas montanhas encontram-se várias depressões e vales norteados por linhas de água.

Não será, portanto, estranha a implantação do povoado num local de altitude que permite o controlo visual da paisagem envolvente, nomeadamente sobre a bacia de Macedo de Cavaleiros, detentora de alguns dos solos férteis (Lemos, 1993, p. 115/116) da região, e sobre *“as portelas tradicionais de trânsito em direcção a nordeste (Bragança) e noroeste para Murça, em particular a de Carrapatas, célebre pelo depósito de alabardas aí encontrado em 1891”* (Senna-Martinez et. alli. 2004, p. 32).

Quanto aos recursos geológicos, podem ser explorados na região o xisto, o quartzo e o grauvaque, com potencialidade de utilização no fabrico de utensilagem lítica, e ainda o talcoxisto, sobretudo junto à actual Barragem do Azibo (Unidade de Vale da Porca), em Talhas e a sul de Castro Roupal (Carta Geológica de Portugal 1:5000, Anexo 1 - Mapa 3), que pode ser trabalhado de forma a obter artefactos ou, usando somente o mineral, o talco, para fabrico de cerâmica ou como base para tintas/colorantes. Também na região são frequentes as jazidas de minério (*Idem*),

sobretudo de estanho (Sn), alguns metais nobres como o ouro (Au) e a prata (Ag), e o ferro (Fe). Já o cobre (Cu) é bastante raro na região, aparecendo em apenas algumas jazidas, como a Junqueira e a Ponte do Azibo (Geirinhas, 2008, p. 3-4), podendo conectar-se com a precoce utilização de ligas de bronze na produção de artefactos metálicos pelas comunidades pré-históricas, especialmente as que habitaram o sítio da Fraga dos Corvos, como veremos.

Por outro lado, uma paisagem serrana, vista de um sítio de altitude, certamente terá tido um forte impacto na representação mental do mundo para estas comunidades, traduzindo-se em simbólicas ou até interpretações mitológicas relacionadas com o ecossistema que conheciam.

Estando conscientes de que este não passa de um campo teórico de interpretação, por ora sem sustentabilidade arqueológica, consideramos pertinente mencioná-lo, apenas à luz de exemplos etnográficos e de mitologias mais recentes, como as pré-clássicas, nas quais várias são as representações e as divindades associadas a estas elevações.

#### **2.1.4 Hidrografia**

A região de Trás-os-Montes Oriental é bastante rica em recursos hídricos, numa complexa rede de rios, afluentes e ribeiras, dos quais destacamos os rios Tua, Sabor (afluentes do Douro) e Azibo (afluente do Sabor). É a partir destes três rios que uma série de ribeiras, sobretudo a de Carvalhais, drenam toda a região circundante a Macedo de Cavaleiros.

Aproximando-nos da Serra de Bornes, especificamente da sua vertente noroeste, encontramos duas ribeiras principais, a de Vale Nogueira e a de Ribeirinha, ambas afluentes da Ribeira de Carvalhais, que, por questões de proximidade, poderão ter sido as fontes de água e outros recursos mais utilizadas pela população da Fraga dos Corvos.

Além de fornecimento de recursos, estas ribeiras e, em última análise, os rios, constituem fortes vias de comunicação ou, pelo contrário, de isolamento, consoante a sua configuração particular, as técnicas e os meios disponíveis para os ultrapassar.

### 2.1.5 Vegetação

Atendendo ao mapa de Distribuição das *Quercus* espontâneas de Portugal (Anexo 1, Mapa 4), apesar da escala reproduzida ser pouco ampla, e do desfasamento face às realidades pré-históricas, as espécies tradicionais da nossa região de estudo serão, genericamente, o *Quercus pyrenaica Willd.* (Carvalho Negral) e *Quercus ilex L. ssp. Rotundifolia (Lam.)* (Azinheira).

No entanto, um estudo de reconstituição paleoambiental, com base em evidências antracológicas recolhidas em sítios arqueológicos (datados entre o IV<sup>o</sup> e os finais do III<sup>o</sup> milénios), foi elaborado por Isabel Figueiral e Maria de Jesus Sanches (1998-1999), para duas sub-regiões de Trás-os-Montes: Região do Planalto de Miranda-Mogadouro (Planalto Mirandês), e Região do Tua (ou Bacia de Mirandela). A primeira localiza-se a oeste da nossa área de estudo, bem próxima da Serra de Bornes, a segunda situa-se a este, mais afastada de Bornes, com características geomorfológicas bem diferentes.

Deste estudo ressalta de imediato a diversidade de espécies presentes em contextos arqueológicos. De entre elas, elementos vegetais característicos do clima mediterrânico, como o sobreiro a azinheira, o carvalho cerquinho, o zimbro e o medronheiro, e do clima atlântico, como o carvalho alvarinho (árvore que cresce apenas acima dos 600m), o pinheiro bravo, e vegetação frequente em zonas de vale ou margens de cursos de água, como o freixo, o amieiro, o salgueiro e a aveleira. Por último, a existência de espécies particulares de terrenos incultos: a urze, as leguminosas (giestas, codeços, tojo, carqueja, estevas). (*Idem*, p. 74-76)

Na presença deste ecossistema vegetal diversificado, e atendendo à presença de todas estas espécies em sítios arqueológicos, as comunidades pré-históricas certamente exploraram um vasto leque de recursos, entre eles a madeira, para a

construção de estruturas habitacionais, combustível ou fabrico de utensílios; a recolha de frutos consumíveis (medronho, azeitonas, etc.); e ainda a possível utilização de vegetais como colorantes, forragem, fins medicinais e adubo (*Idem*, p. 80).

Por outro lado, esta aproximação à reconstituição do panorama vegetal pré-histórico, permitiu às autoras “*testemunhar já as alterações (que cremos terem ainda muito pouca expressão) introduzidas pelas práticas da economia produtiva*” (*Idem*, p. 77) e “*correlacionar vários factores indicadores duma marcada alteração da paisagem, em articulação com transformações técnicas, económicas e sociais das comunidades pré-históricas*” (*Idem*, p. 78).

Fica, porém, o alerta para a necessidade, em escavações futuras, de identificação e recolha do maior número possível de macrorrestos vegetais, de forma a perceber os “*impactes das comunidades (neste caso pré-históricas) nos seus territórios e, correlativamente, dos ecossistemas ‘naturais’ no comportamento e/ou gestão desses mesmos territórios pelos diferentes grupos humanos*” (*Idem*, p. 76).

## **2.2 A descoberta do sítio e as estratégias de intervenção**

### **2.2.1 A descoberta**

O sítio arqueológico da Fraga dos Corvos constava da Base de Dados (Endovélico) do ex Instituto Português de Arqueologia como um castro fortificado (CNS 6650) da Idade do Ferro. No entanto, a identificação da ocupação da Idade do Bronze foi apenas no verão de 2003 pelo Mestre Carlos Mendes, presidente da Direcção da *Associação 'Terras Quentes'*, aquando de uma desmatação preventiva no terreno levada a cabo pelo dono do mesmo. Este trabalho pôs a descoberto fragmentos cerâmicos que remetiam para ambientes da Idade do Bronze. Verificada a afectação de níveis arqueológicos pela interferência do proprietário, tornou-se urgente uma intervenção de diagnóstico de forma a avaliar quer o grau de preservação dos níveis arqueológicos quer o potencial informativo do sítio (Senna-Martinez *et. alii.*, 2004).

Assim, com o apoio da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros e da *Associação 'Terras Quentes'*, a primeira intervenção teve lugar ainda em 2003, tendo os trabalhos continuado nos verões seguintes, contabilizando, à data deste trabalho, sete campanhas de escavação.

### **2.2.2 As estratégias de intervenção**

Para inícios de trabalho, foi elaborado um levantamento topográfico da zona norte do cabeço, definindo a área do sector A, que possibilitou a construção de uma quadrícula ortogonal com quadrados de 1x1, com o eixo dos y orientado ao norte magnético. Dada a impossibilidade logística de uma imediata abertura em área, foram seleccionadas três áreas para implantação de sondagens de diagnóstico de modo a *“avaliar o impacto da lavra que afectou o terraço superior do povoado, eventual*

*existência de estratigrafias e estruturas conservadas” (Idem, p. 33): Sondagem 1 com 4m<sup>2</sup>, Sondagem 2 com 6m<sup>2</sup> e Sondagem 3 com 9m<sup>2</sup>.*

A primeira destas sondagens revelou uma fraca potência estratigráfica, estando o afloramento rochoso a menos de 7 cm de profundidade, ao contrário das sondagens 2 e 3, que permitiram a identificação de vários níveis de sedimento com presença de estruturas negativas (buracos de poste) e materiais arqueológicos, levando a crer que se estaria perante um sítio de habitat. Neste sentido, tornou-se evidente a necessidade da continuação dos trabalhos, bem como a definição de uma estratégia que permitisse a compreensão da estratigrafia e dos contextos ainda preservados atendendo aos constrangimentos financeiros e logísticos a que a actividade arqueológica está sujeita neste tipo de situações.

Desde logo ficou claro que uma intervenção em área segundo as propostas de E. Harris (1991, 1ª edição 1989) e P. Barker (2003, 1ª edição 1977), (sobretudo no que diz respeito à total remoção de uma unidade estratigráfica sedimentar sem interrupções), não seria possível por duas razões. Por um lado, as intervenções seguintes não se encontravam garantidas, importando portanto, perceber de imediato a sequência estratigráfica da zona já aberta, e por outro, a pequena constituição da equipa, por questões logísticas, e a delicadeza de escavação que estes contextos requerem não permitia um alargamento extenso em cada campanha. Por estes motivos impunha-se uma estratégia de alargamento progressivo das Sondagens 2 e 3, materializando-se em novas filas de quadrados abertas de ano para ano. Esta estratégia, ainda que não a ideal, implica necessariamente um registo rigoroso, pois nem sempre as unidades estratigráficas (normalmente bastante extensas neste sítio arqueológico) podem ser escavadas na íntegra numa só campanha. Trata-se aqui da reprodução de uma metodologia já utilizada com êxito pelo Director dos trabalhos noutras situações, como, por exemplo, nos sítios de habitat do Ameal-VI, Cabeço do Crasto de S. Romão ou no Outeiro dos Castelos de Beijós (Senna-Martinez, 1989).

O registo constitui assim peça fundamental para salvaguardar toda a informação obtida através do processo de escavação mas também para garantir que a intervenção do ano seguinte continue exactamente onde a anterior parou. São portanto fundamentais as fichas de registo (cf. modelo em anexo) e as plantas de campo, sob a forma de plantas de interface.

A opção de realizar plantas de detecção de interface, quanto a nós, apresenta vantagens e desvantagens. Consideramos que resulta útil elaborá-las para organização pessoal do registo e da informação consequente da escavação para que, na campanha seguinte, seja mais rápido o início de escavação e a actualização da informação. Porém, para registo final de realidades identificadas e de interpretações obtidas será, para nós, sempre mais vantajosa a elaboração de plantas individuais de unidade estratigráfica ou de fase de ocupação, pois as plantas de interface de detecção poderão, eventualmente, conter implícita uma falsa situação de contemporaneidade. Neste sentido, as plantas de interface têm vindo a ser, progressivamente, substituídas para efeitos de publicação.

Ao fim de sete campanhas de escavação a área intervencionada tornou-se bem mais extensa, 93 m<sup>2</sup> na sondagem 2 e 36m<sup>2</sup> na sondagem 3, permitindo agora uma melhor leitura em área, compreendendo a sequência estratigráfica, podendo igualmente delimitar-se um faseamento de ocupações para a sondagem 2, como veremos no capítulo seguinte.

## 2.3 Estratigrafia

O conjunto artefactual que estudámos, como tivemos oportunidade de dizer, é proveniente da Sondagem 2 do sítio arqueológico da Fraga dos Corvos. Assim, neste capítulo consideraremos apenas a estratigrafia desta sondagem, deixando os dados referentes à Sondagem 3 para consulta nas respectivas publicações (Senna-Martinez *et alli*, 2004, 2005, 2006).

### 2.3.1 A Sondagem 2, historial de intervenção

Na primeira campanha de intervenção no sítio, em 2003, foram abertos 6 m<sup>2</sup>, abrangendo os quadrados OP12/14. Nesta área foi identificada uma sequência estratigráfica relativamente simples: abaixo da manta morta (U.E. [0]) encontrava-se uma camada de terras argilosas castanho avermelhadas escuras (U.E. [157]) cortada por 5 buracos de poste que formavam uma elipse, levando a crer que se estaria perante um fundo de uma estrutura de cariz habitacional, tradicionalmente chamada de “cabana”. Esta estrutura foi denominada de “cabana” 1.

Na campanha seguinte, em 2004, a área foi ampliada para 35m<sup>2</sup> abrangendo os quadrados M12/16 e NOP7/16. Pode-se então reconhecer duas camadas intermédias entre a U.E. [0] e a [157]: uma camada de terras relativamente compactas castanho-amareladas escuras (U.E. [109]) acima de uma camada de terras argilosas compactas variando entre o castanho e o castanho-escuro (U.E. [151]). Cortando estas duas unidades estratigráficas identificou-se um amplo conjunto de buracos de poste perfazendo dois arcos, a que foram dadas as nomenclaturas de “cabana” 3 (cortando a U.E. [109]) e “cabana” 5 (cortando a U.E. [151]). Esta última cabana apresentava-se com cerca de 18 m<sup>2</sup> de área, contrapondo-se a cerca de 8m<sup>2</sup> na “cabana”3. Subjacente à U.E. [151], identificou-se uma nova unidade estratigráfica composta por terras argilosas castanho amarelado escuras (U.E. [152]) sobre um empedrado de pedra média e miúda sem aparente estruturação (U.E. [582]). Finalizou-se, igualmente, a



definição da elipse da “cabana” 1. A relação entre as U.E.s [582] e [157] não foi, ainda, esclarecida pois julgou-se pertinente esperar pelo momento em que uma visão de conjunto fosse possível, de modo a entender a função estrutural do empedrado e a sua relação com o “piso” da Cabana 1. Estas camadas encontram-se, neste sentido, por escavar.

Esta campanha constituiu uma aproximação mais concreta ao potencial estratigráfico desta área. Reconheceu-se assim uma sucessão de camadas estratigráficas, cada uma abrangendo praticamente a extensão de terreno aberta na altura, revelando já um dos principais vectores estratigráficos do sítio, ou seja, uma sequência de camadas muito extensas, algo heterogéneas, que se sobrepõem de forma regular, sem grandes desníveis ou oscilações. Estas características associadas a cotas semelhantes de detecção de buracos de poste e a pequenas áreas ligeiramente mais compactas nas camadas, possibilitaram a hipótese de se estar perante pisos de ocupação.

A campanha 3, de 2005, contou com alargamento de 13 m<sup>2</sup>, para os quadrados M13 a M11, N11 a N10, O13 a O10 e P10 a P13. Foi assim, possível, definir o restante da elipse da cabana 5.

No ano seguinte, 2006, alongou-se a área de escavação para os 39m<sup>2</sup>, para os quadrados L11/13, M10, NOP9 e Q9/13. Um conjunto de 13 novos buracos de poste foi identificado, sendo associado igualmente à “cabana” 5, sem que fosse reconhecido um buraco de poste central, embora possuía 6 interiores, assimétricos. Foi, igualmente, nesta campanha que se tornou mais forte a interpretação da U.E. [151] como correspondendo ao “piso” da Cabana 5.

A campanha de 2007 contou com um alargamento extenso, tendo sido intervencionados os quadrados L14, K11/14 e J11/14 a oeste, e a sul os quadrados Q8 e L/M/N/O/P/Q/7, num total de 58m<sup>2</sup>. Na zona oeste foi identificada uma sequência estratigráfica em continuidade com a já mencionada. Contudo, por questões de segurança até à finalização da escavação das camadas, optou-se por atribuir números de Unidade Estratigráfica diferentes, ainda que, posteriormente, se tenha percebido

tratar-se das mesmas realidades. Assim pode-se afirmar que a U.E. [278] é equivalente à [109] e a U.E. [280] é equivalente à [151].

Abaixo da [151], nesta área, identificou-se uma unidade nova, a U.E. [287] (camada de terras castanho amareladas escuras compactas), ainda que não se tenham reconhecido os seus limites. Dadas as semelhanças geológicas entre as camadas, torna-se especialmente difícil distingui-las nas zonas limítrofes, onde estas apresentam uma espessura mínima.

Também nesta nova zona intervencionada (quadrados J/K/11/14) foi reconhecido um conjunto de buracos de poste, cortando a U.E. [109] perfazendo o que se denominou de “cabana 8”. Imediatamente abaixo, cortando a U.E. [151], identificou-se um novo arco de buracos de poste, configurando a “cabana” 9.

Quanto à área sul, na nova fila de quadrados, foi possível reconhecer um pequeno conjunto de buracos de poste, denominado de “cabana” 7, que cortava a U.E. [109]. Dada a confluência dos arcos das “cabanas” 3 e 7, tomou-se como ponto de análise as cotas de detecção e de fundo. Assim, atendendo à discrepância de valores entre os dois arcos, percebeu-se que a “cabana” 7 seria mais recente que a 3, fazendo parte de um possível piso, acima da U.E. [109], do qual já nada resta. Está apenas conservada a parte final dos buracos de poste.

Ainda nesta campanha, foi identificada, acima da U.E. [582], nos quadrados O/P/9/8, a U.E. [318], uma superfície aproximadamente oval, composta por terras rubefactas com vários fragmentos de “barro de lareira” (alguns com evidências de incarbonização), que pode ser interpretada como um “local de fogo”.

Na campanha 6, em 2008, ampliou-se a área de escavação para 73m<sup>2</sup>, através da abertura dos quadrados HI/11-14 e, a sul, KLM/9-7 e NOPQ/7. Novos conjuntos de buracos de poste foram identificados: a “cabana” 10 (quadrados HI/11-14), a “cabana” 12 (quadrados KLM/7-9), cujos buracos de poste cortam a U.E. [109]; a “cabana” 11 (quadrados OPQ/7-9), a “cabana” 13 (quadrados HI/11-14) e a “cabana” 14 (quadrados KLM/7-9), cujos buracos de posta cortam a U.E. [151].

A escavação desta nova área veio corroborar e afinar a interpretação estratigráfica que havia sido iniciada nos anos anteriores. Construiu-se aqui a primeira proposta de definição de momentos de ocupação e, conseqüentemente, a construção de um faseamento, descrito no sub-capítulo seguinte.

A campanha de escavação mais recente, em 2009, contou com um amplo alargamento, de 20m<sup>2</sup> para oeste (quadrados G-J/7-14), perfazendo um total de 93m<sup>2</sup> de área aberta. A abertura em simultâneo de uma área tão extensa permitiu afinar as interpretações que vinham a ser construídas ao longo dos vários anos de intervenção no sítio. Foi possível a correcção de pequenos desvios interpretativos, nomeadamente ao nível da sequência estratigráfica e da percepção de limites de unidades estratigráficas, bem como a mais incisiva revisão do registo de campo. O faseamento foi, assim, revisto e assegurado.

Porém, a grande novidade da campanha de 2009 foi a identificação, na área oeste da escavação (quadrados H-K/11-14), das primeiras estruturas pétreas, que se encontravam sob a U.E. [152]. Ainda numa fase preliminar de estudo<sup>3</sup>, podemos avançar que se trata, aparentemente, de bases de estruturas de fogo, constituídas por pedras de pequena dimensão dispostas de forma circular, preenchidas por pedras, alguns termoclastos e nódulos de terras rubefactas. Além destas supostas bases de lareira, podemos falar, à primeira vista, de buracos de poste estruturados com blocos pétreos vincados na vertical (um deles preenchido com terras muito escuras, muito soltas e muito orgânicas) e ainda de pequenas estruturas sub-circulares de função desconhecida.

---

<sup>3</sup> Como se trata de dados recentes de escavação, ainda não completamente digeridos em gabinete (o respectivo relatório encontra-se em construção), falamos apenas em termos genéricos e preliminares quanto a estas estruturas. Esperamos que após a finalização do relatório de escavação e a campanha de 2010 seja possível caracterizar e interpretar de forma mais acurada esta realidade.

### 2.3.2 O faseamento (Anexo 2)

#### Fase 1

A primeira fase de ocupação identificada é composta pela “cabana” 7, que, como se disse, apenas documentada por um pequeno conjunto de buracos de poste preservados unicamente na sua parte final. A unidade estratigráfica que formaria a superfície de utilização da estrutura delimitada pelos buracos de poste não se encontrava conservada.

#### Fase 2

A segunda fase de ocupação identificada é constituída pelas unidades estratigráficas [109] e [278], consideradas equivalentes, tendo sido aqui reconhecidas, delineadas pela aparente direcção dos buracos de poste, 6 estruturas de cariz habitacional: as “cabanas” 3, 10 e 12, que, neste momento, apresentam já as suas plantas completas e as “cabanas” 8, 16 e 17, que se encontram ainda incompletas (sendo que, no caso da cabana”8, ou os buracos de poste foram destruídos por qualquer razão, ou não foram identificados no processo de escavação, enquanto as “cabanas” 16 e 17 se desenvolverão para área ainda não escavada). A estrutura nº8 conta também com uma especificidade relativamente às outras, contém, no seu interior, três fossas de médio tamanho, paralelas entre si.

A verificar-se o correcto agrupamento dos buracos de poste em “cabanas”, teríamos então uma fase de ocupação pautada por, para já, 5 estruturas de habitação revelando plantas semelhantes mas com pequenas variações de diâmetro e, conseqüentemente, de espaço para actividades domésticas (assumindo de que era disso que se tratava). Assim, as “cabanas” 8 e 10, de planta sub-circular mais alongada/ovalada seriam as estruturas de maior dimensão, estando muito próximas entre si, enquanto as estruturas 3 e 12, de planta circular, revelam-nos um espaço ligeiramente mais limitado. A “cabana” 16 aparenta ser de grande dimensão, mas só a escavação da área adjacente o poderá confirmar.

### **Fase 3**

O terceiro nível de ocupação identificado é constituído pelas unidades estratigráficas [151] e [280], consideradas equivalentes, tendo sido aqui reconhecidas 6 estruturas de cariz habitacional, delineadas pela aparente direcção dos buracos de poste: as “cabanas” 5, 9, 11, 13, 14 e 17.

Também neste nível habitacional são notórias as diferenças de dimensão das estruturas. A “cabana” 5 destaca-se imediatamente por constituir a estrutura de maior dimensão, quer desta fase, quer do total de estruturas identificadas até agora. Apresenta uma forma elipsoidal com cerca de 4,5m x 4m, aproximadamente, contrastando com os comuns 3m de diâmetro das restantes.

### **Fase 4**

A quarta fase materializa-se na U.E. [152], uma camada muito extensa, ocupando toda a área escavada, contendo bastante material arqueológico. Trata-se da única fase que não apresenta estruturas, pelo que não será propriamente um nível de ocupação. Preliminarmente pensou-se que se trata de um interregno entre as fases 3 e 5, tendo conservado bastante material arqueológico, sobretudo a cotas correspondentes à base da U.E. [152]. Neste momento afigura-se-nos prematuro estabelecer em definitivo qualquer relação estrutural entre a U.E. [152] e a U.E. [582] e estruturas nele eventualmente contidas.

### **Fase 5 (?)**

Denominámos, provisoriamente, a estrutura de habitação 1 (“cabana” 1), como “fase 5”. Somente após a escavação destas realidades e a revisão dos dados em gabinete se poderá confirmar, ou não, que se trata de uma fase de ocupação de natureza diferente das restantes.

Já que da fase 1 não resta praticamente nada e a eventual fase 5 não se encontra escavada, o nosso estudo incidirá sobre as fases 2, 3 e 4.

## 2.4 Espólio

Para uma aproximação mais aprofundada à complexidade de um sítio arqueológico será obviamente necessário cruzar os vários vectores de informação. Ao compartimentar esse estudo, no nosso caso, atendendo exclusivamente à olaria, estamos conscientes que a informação obtida será igualmente parcelar e deficitária enquanto caracterizadora de um modo de vida. Equacionando o tempo e a preparação de que dispúnhamos tivemos, portanto, que tratar apenas um grupo, contribuindo para resolver, por conseguinte, apenas uma parte do inquérito à Fraga dos Corvos.

No entanto, gostaríamos de elaborar aqui uma pequena síntese do que constitui o restante espólio da sondagem 2, referindo os projectos paralelos e complementares ao nosso estudo e deixando em aberto todo um leque de possibilidades que, com esperança, gostaríamos de ver abordadas num futuro próximo.

Começando com evidências directas de gostos alimentares, a **fauna** encontra-se pouco representada neste espaço, apresentando-se num estado fragmentário. Numa primeira análise com vista à identificação das espécies presentes foi feita uma selecção dos fragmentos melhor conservados, 14 no total, tendo estes sido examinados pelo Prof. Doutor João Luís Cardoso, a quem agradecemos.

Desta breve interpretação, resulta o reconhecimento das espécies domésticas mais comuns, os ovicaprinos e os bovinos. A caça encontra-se menos representada nesta amostragem, contando com três fragmentos de suídeos (mais provavelmente o javali) e um único fragmento de veado (*Cervus Elaphus*) (Senna-Martinez *et. al.* 2009).

Devido à pequena quantidade de fragmentos identificáveis consideramos prematuro tecer outro tipo de considerações, sobretudo de âmbito estatístico. Esperamos, porém, que a continuação dos trabalhos de escavação na Fraga dos Corvos

permita a recolha e o estudo de mais fragmentos faunísticos, de modo a que, com mais acuidade, possamos caracterizar os hábitos de consumo destas comunidades.

Ao contrário da fauna, o **material lítico talhado** apresenta-se em grande quantidade e diversidade, constituindo evidência indirecta de produção/recolha/obtenção de bens alimentares e outras tarefas. No entanto, a sua rigorosa explanação neste espaço não é, por ora, possível, na medida em que não se encontra ainda realizado um estudo tipológico e estatístico aprofundado. Apresentamos apenas o resultado de uma observação preliminar, ainda em trabalho de campo, das matérias-primas utilizadas e dos utensílios fabricados, sublinhando a larga margem de erro presente nestas observações.

Assim, relativamente às matérias-primas, várias fontes foram utilizadas. O xisto anfibólico, rocha local, deverá ter sido amplamente talhado, ainda que, pelas suas características naturais, não permita hoje a segura confirmação de que todos os fragmentos recolhidos como tal tenham sido transformados em utensílios. Também o quartzo, leitoso ou róseo, mineral frequente na paisagem envolvente, se encontra, sob diversas formas, no inventário de material recolhido. Na maioria dos casos apresenta-se enquanto seixo rolado, podendo ter sido aproveitado para várias funções, por exemplo, como polidores de olaria, no aquecimento de água, mas também enquanto alvo de talhe. Neste terceiro caso a aferição morfológica meramente macroscópica dos fragmentos resulta difícil, tal como o xisto, pois o seu pequeno tamanho e as características naturais do mineral dificultam a identificação de marcas de debitagem. Além do xisto e do quartzo, encontram-se representados o grauvaque, o granito (fundamentalmente usado em elementos de mó), quartzito e talco-xisto.

Em moldes gerais, atendendo à atribuição tipológica, podemos considerar a presença de dormentes e moventes de mó, percutores, lascas, lâminas, elementos de foice, furadores, raspadores e pontas de seta.

Elemento recorrente por toda a sondagem e em ambas as fases é o **barro de cabana/revestimento**, oferecendo-se a nós como meio de apreensão das técnicas construtivas. Este aparece em alguma quantidade de forma homogénea, apresentando-se sob a forma de nódulos de argila cozida, por vezes com uma das faces

aplanada e ainda, em alguns casos, com os negativos do entrançado das ramagens que revestiriam as estruturas de habitação.

Voltando-nos agora para outros campos que não o das soluções de sobrevivência, o sítio da Fraga dos Corvos alertou-nos para manifestações na esfera do simbólico, que se materializam na presença de **artefactos ideotécnicos**. Estes são fragmentos de pedra talhada, de pequeno tamanho, aparentemente antropomorfos, que poderão ter um significado ideotécnico. São os casos dos fragmentos FCORV-A 550, da fase 3, e FCORV-A 1419, da fase 2. Porém, a sua rigorosa classificação, bem como de outros possíveis casos, depende de um estudo mais aprofundado a realizar.

Também a pedra polida terá sido utilizada para a realização de artefactos com significados simbólicos. São os casos de pequenos blocos pétreos esculpidos de forma paralelepípedica com uma ou duas perfurações junto de uma das extremidades. Estes artefactos evidenciam um elevado esforço de fabrico manifesto na escolha da matéria-prima (talcoxisto), no polimento intensivo (visível nas zonas melhor conservadas), no aperfeiçoamento das extremidades originando um acabamento arredondado, e nas perfurações cónicas que demonstram um elevado grau de precisão e técnica. De momento foram recuperados três elementos no contexto da fase 2: FCORV-A 1822 (o único exemplar completo); FCORV-A 2196; FCORV-A 2309; e um fragmento na fase 3: FCORV-A 2029 (Senna-Martinez, 2009, p. 472-479).

No campo dos adornos pessoais, as **contas**, artefactos de pequeno e médio tamanho, de perfil redondo ou achatado, que se encontram aqui representadas por cerca de 12 exemplares, 7 para a fase 2, 5 para a fase 3. Relativamente às matérias-primas, estas são de difícil averiguação macroscópica, devido ao seu pequeno tamanho.

Por último, a **metalurgia**, categoria de materiais que mais tem vindo a suscitar interesse e interrogações na compreensão do sítio arqueológico em apreço e sobretudo no quadro dos conhecimentos para os inícios da utilização de ligas de bronze em contextos de Primeira Idade do Bronze no Norte de Portugal.



De facto, ao longo das várias campanhas de intervenção no sítio, (aqui considerando igualmente os dados da Sondagem 3, que forneceu o maior número de dados para esta problemática<sup>4</sup>), foi recuperado um leque considerável de elementos relacionados com a actividade metalúrgica, dos quais destacamos os seguintes: fragmento de cadinho com vestígios metálicos (FCORV-A 691), nódulos de redução metálicos (FCORV-A 194, 781, 660), fragmento de lâmina de metal (FCORV-A 578), fragmentos de molde (p. ex. FCORV-A 2220) e vários produtos vitrificados.

Perante o evidente potencial destes materiais para a tentativa de reconstrução das dinâmicas de produção dos primeiros artefactos de bronze, estes foram submetidos a uma série de análises químicas no âmbito do projecto METABRONZE (*Metallurgy and Society in Central Portugal Late Bronze Age*, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) (POCTI/HAR/58678/2004)), centrado em problemáticas de arqueometalurgia transdisciplinar, a saber: a “*determinação não-invasiva da composição química dos artefactos e de restos de produção, por EDXRF (Energy-Dispersive X-Ray Fluorescence spectrometry) e Micro-EDXRF, a determinação das principais fases químicas e mapeamento da distribuição elementar e mineralógica de inclusões e camada de corrosão por técnicas de micro-sonda (EDS-SEM Energy-Dispersive Spectrometry – Scanning Electron Microscope) e difracção de raios-X, e a identificação de processos termo-mecânicos de produção através de metalografia óptica*” (Senna-Martinez *et. al.*, 2004).

Os resultados das análises químicas por EDXRF e Micro-EDXRF vieram então confirmar, pela primeira vez em contextos tão recuados, a utilização local de ligas de bronze binário na produção de artefactos metálicos, através do rastreio de percentagens significativas de cobre (Cu) e estanho (Sn) nos componentes mineralógicos da amostra seleccionada (sobretudo no fragmento de cadinho e nos três nódulos de metal) (Senna-Martinez *et al*, 2007: 7). Assim, estes dados lidos em

---

4

<sup>1</sup> Estando a nossa análise centrada nos resultados da intervenção na sondagem 2, não incluímos no capítulo referente à estratigrafia os dados da sondagem 3, estando estes, no entanto, disponíveis em Senna-Martinez *et. alii*. 2005.

conjunto com a sua proveniência estratigráfica (junto a estruturas de combustão da Sondagem 3<sup>5</sup>) permitiram a identificação de uma área de fundição no povoado, evidenciando uma pequena escala de produção (*Idem*: 8).

Por outro lado, a integração na equipa do projecto supra-mencionado de investigadores de Arqueogeologia permitiu uma aproximação à identificação de possíveis fontes de minério exploradas pelas comunidades pré-históricas, através de análises de assinaturas isotópicas (isótopos de cobre) quer dos materiais arqueologicamente contextualizados, quer de fontes regionais possíveis.

A análise desta amostragem de restos vitrificados demonstrou a capacidade técnica para a produção de condições térmicas adequadas às actividades metalúrgicas, enquanto a comparação preliminar de isótopos de Cu quer com restos metálicos quer com jazidas conhecidas a pouca distância do sítio arqueológico (Junqueira e Ponte do Azibo, Macedo de Cavaleiros), permitiu reconhecer que uma das duas fontes distintas de cobre utilizadas poderá ter correspondência local (Geirinhas *et al.* 2008).

Quanto ao tipo de artefactos produzidos, a recuperação de um fragmento de molde utilizado na produção de machados de Tipo Bujões/Barcelos (FCORV-A 2220), semelhante a um exemplar completo do Museu de Ourense, permitiu enquadrar esta produção metalúrgica no quadro da difusão deste tipo de artefactos, num contexto de sucessão às conhecidas Alabardas de Tipo Carrapatas (Senna-Martinez, 2007).

---

5 *Idem*, Senna-Martinez *et. alii.* 2005.

### **3. O Conjunto cerâmico**

#### **3.1 Metodologia**

A amostra que o presente estudo pretende caracterizar inclui todos os fragmentos cerâmicos classificáveis provenientes da Sondagem 2 do sítio arqueológico mencionado: bordos, bases, asas, carenas, colos, fragmentos decorados; num total de 728 fragmentos. Todos estes elementos foram lavados, marcados e separados individualmente com a respectiva ficha descritiva (Sítio, Campanha, Sector, Unidade Estratigráfica, Quadrado, Coordenadas, Número de Inventário e Descrição) em trabalho de campo. Desde então os materiais encontram-se depositados no Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sob a tutela do Investigador Responsável, Prof. Doutor João Carlos Senna-Martinez.

Para início de trabalho, e para reconhecimento primário da dimensão do universo a estudar, todos os fragmentos da Sondagem 2 foram, por unidade estratigráfica e quadrado, contados manualmente e pesados com o auxílio de uma balança Kern 440 – 45 N.

De forma a constituir a amostra pelo número mínimo de indivíduos, procurámos reconhecer colagens e identificar fragmentos do mesmo recipiente, tarefa que se prolongou até à fase de inventário, pois o desenho e a análise de pastas em muito a facilitam.

O desenho, passo fundamental e imprescindível em qualquer estudo de materiais cerâmicos pelas vantagens óbvias que apresenta, foi tarefa morosa mas compensatória na medida em que permite, sobretudo, a inferência de formas. Assim, todos os fragmentos que o permitiram e o justificaram foram desenhados por nós e uma pequena parte por ex e actuais alunos de Licenciatura, a quem, obviamente, estamos gratos. Quando possível, ainda que em raros casos, procurou-se elaborar uma reconstituição gráfica do recipiente.

Quanto ao inventário, entendido enquanto ferramenta imprescindível para sistematizar e tornar trabalháveis as informações de cariz tecnológico, morfológico e

decorativo apreensíveis por uma análise macroscópica dos fragmentos (única ao nosso alcance) concretiza-se sob a forma de matriz de dados, em Excel, de modo a facilitar a organização dos mesmos e o seu posterior tratamento estatístico. Para esta matriz, e em conjunto com a mestranda Jessica Reprezas, considerámos um conjunto de campos com base nas propostas apresentadas sobretudo por Senna-Martinez (1989, 1993b), mas também Raquel Vilaça (1995, p. 42-55) e Séronie-Vivien (1982). Produzimos ainda algumas alterações no sentido de criarmos uma matriz de mais fácil consulta, fugindo a uma lógica de tabela encriptada, de leitura unicamente possível com auxílio de uma legenda, nomeadamente através da colocação do descritor por extenso em vez de um código numérico, e da dispensa de algumas medidas e índices presentes na matriz original de Senna-Martinez (*idem*) por não terem utilização no nosso conjunto. Assim considerámos:

**Identificação:** Número de Inventário, Campanha, Unidade Estratigráfica, Quadrado, Coordenadas (X,Y,Z), Descrição.

**Medidas:** diâmetro interno máximo (D); diâmetro interno do bordo (dbo); diâmetro interno mínimo do colo ou gargalo (dm); diâmetro externo da base (dba); diâmetro exterior da carena (dc); altura total interna (H); índice de profundidade (Ip); espessura máxima das paredes (E); espessura máxima do lábio (el).

**Bordo:** perfil (redondo, direito, bisel simples externo, bisel simples interno, bisel duplo, espessado exteriormente, espessado interiormente, enrolado) e orientação (direito, invertido, exvertido).

**Base**<sup>6</sup>: perfil (plana, convexa, côncava, em *omphalus*). Dentro das bases planas, pela sua diversidade, sentiu-se necessidade de considerar algumas subvariantes, a saber: em ângulo (quando a ligação entre a parede e a base forma um ângulo), aplanada (quando a ligação entre a parede e a base é curva), esbatida (quando a

---

<sup>6</sup> Seguindo Cruz e Correia (2007) optámos pela designação de base face a fundo, sendo base a “parte inferior do recipiente que fica em contacto com a superfície onde o recipiente assenta” (*Idem*, p.134), enquanto fundo reporta-se à “parede interior do vaso na zona da base” (*Idem*, p. 61).

ligação entre a parede e a base forma quase um ângulo mas arredondado), destacada (quando há uma espécie de rebordo, mais ou menos saliente, no lado exterior, na ligação entre a parede e a base) e pé de anel (quando a base se encontra elevada face ao plano de assentamento através de um rebordo de dimensão variável).

**Forma:** pela falta de uma tabela de formas construída para as realidades transmontanas, específica para a primeira Idade do Bronze, tomámos como ponto de partida a tabela síntese da Beira Alta (Senna-Martinez, 1989) por a considerarmos vantajosa por duas razões: é muito completa, tem todas as formas, desde as simples às mais compostas, organizada com base em critérios geométricos (pois a sua base são as propostas de Ericson e Stichel, 1973, entre outros) e por seguir uma lógica cronológica, em primeiro lugar vêm as formas tradicionais do Neolítico e do Calcolítico, de seguida, as formas novas, da primeira Idade do Bronze. Tivemos, igualmente em consideração, as tabelas construídas por Susana Oliveira Jorge (1986) para a região de Chaves, atentando obviamente nas formas de primeira Idade do Bronze, e por Ana Bettencourt, para o sítio da Sola, Braga, (2000a) onde sintetiza as formas desse sítio, típicas da região minhota para este período. Deste modo, com base nestes moldes construímos uma tabela de formas adequada ao nosso conjunto, apresentada mais a frente.

**Elementos de prensão:** técnica de aplicação (cravagem, colagem) e perfil (dependente de cada elemento de prensão), segundo a terminologia de Séronie-Vivien (1982, p.13-37). Embora alguns destes fragmentos, nomeadamente os mamilos, possam ser entendidos como elementos decorativos, optámos aqui por considerá-los unicamente na sua aceção funcional, como auxiliares de prensão, pois só consideramos decoração os elementos com evidente intenção estética.

**Pasta:** a análise da produção plástica dos recipientes limitou-se a uma observação macroscópica dos mesmos, como dito, dada a impossibilidade de acesso a outros meios, que, certamente, trariam importantes dados a este estudo. Para o efeito, foram considerados vários campos: caracterização dos elementos não plásticos, aqui entendidos na aceção de Vilaça (1995, p. 47), ou seja, como desengordurante pois, com os meios disponíveis, não nos é possível diferenciar componentes naturais da argila de elementos adicionados no tratamento da mesma, pelo que apenas registamos

a sua frequência (pouco frequentes, frequentes e muito frequentes) e o seu calibre (pequeno, médio e grande); observação da consistência (compacta, média, friável), e da textura (homogénea, xistosa, granular, arenosa, vacuolar) e registo do tipo de cozedura (predominantemente oxidante; predominantemente redutora; redutora com arrefecimento oxidante – Re/ox; oxidante com arrefecimento redutor – Ox/re; mista). Note-se, aqui, que a cor foi contemplada unicamente como elemento indicador do tipo de cozedura, não fazendo sentido para nós qualquer outra utilização, pois esta, como indica Vilaça (1995, p. 48), resulta de um conjunto de factores não alcançáveis ou destrinçáveis pela nossa simples análise visual. Os descritores considerados baseiam-se maioritariamente na proposta de Senna-Martinez (1989, p. 225-228; 1993b, p. 118-122).

**Tratamento de superfície:** externo (alisado, alisado sobre engobe, *cepillo*, espatulado, brunido, brunido sobre engobe) e interno (alisado, alisado sobre engobe, *cepillo*, espatulado, brunido, brunido sobre engobe). Na ponderação dos diversos descritores tomámos genericamente como base os critérios de Vilaça (1995, p. 49). Esta foi um dos campos mais problemáticos do nosso inventário, pois o estado de corrosão da superfície dos fragmentos impediu a correcta observação do tratamento de superfície, pelo que só classificámos os fragmentos para os quais dispúnhamos de segurança na identificação.

**Estado de conservação** (corroído, regular e bom).

**Decoração:** interna, externa, no lábio. Cada uma delas subdividida em técnica e motivo. Para a técnica, e segundo Senna-Martinez (1989) e Vilaça (1995, p 50-51), : impressão (pente, pente a topo, digitação, ungulação, punção lateral); incisão (punção; canelura); “boquique” (puncionamento arrastado); excisão; pintura; cordão plástico (colado, repuxado); decoração brunida. Já o motivo, pela sua variedade, será descrito um a um de forma a, em posterior análise, perceber organizações decorativas em conjugação com as diferentes técnicas empregues.

As tintagens dos fragmentos foram elaboradas por nós, por Cláudio Pereira e  
por João Nunes (Nunes, 2006).

### 3.2 Os dados da cerâmica

“...objects are a fundamental part of social communication, joining people together or pulling them apart. They are everywhere; they constitute the world we live in. They are the products of humans yet are themselves socially productive.”(Norberto Luiz Guarinello, 2005)

A cerâmica recolhida para as três fases aqui consideradas constitui um conjunto bastante extenso, tendo sido contabilizados 9824 fragmentos, com um peso total de cerca de 64Kg. Estes valores distribuem-se pelas três fases, de forma não equitativa. Para a fase 2 recolheram-se 3712 fragmentos, com um peso de cerca de 23,5 Kg, para a fase 3, 3509 fragmentos com um peso de cerca de 20,6Kg e, para a fase 4, 2603 fragmentos, com um peso de cerca de 19,8Kg.

Dentro deste universo amplo foram seleccionados quatro grupos de amostragem segundo um inquérito concreto para cada um deles. O grupo de maior volume constitui o Número Mínimo de Indivíduos (NMI), ou seja, todos os fragmentos que possuem indicação, mais segura possível, de constituírem um recipiente através da reconstituição parcial/integral da forma, nomeadamente bordos (após verificação de colagens), que são obviamente a esmagadora maioria, e algumas carenas e colos (sem associação a bordo). Este grupo é o único que permite a obtenção de dados relativamente às formas, às pastas e aos tratamentos de superfície. Destacamos também o conjunto dos fragmentos decorados, que indica técnicas e motivos decorativos; o conjunto das bases e o dos elementos de preensão que, na impossibilidade de os associar a formas (completas ou semi-completas), possuem características a não desconsiderar.

Relativamente ao NMI, elaborámos a seguinte tabela, que permite averiguar a fiabilidade da amostra. Nela são apresentados o número de bordos com cálculo de diâmetro interno (Ndb), o número de formas atribuídas (NF) e o número de reconstituições integrais gráficas (Ri) possíveis.



Contexto	NMI	Ndb	NF	Ri
Fase 2	155	63 (41%)	61 (39%)	5 (3%)
Fase 3	182	56(31%)	69 (38%)	11 (6%)
Fase 4	156	69(44%)	76(49%)	15(10%)
Total	493	188 (38%)	206 (42%)	31 (6%)

Em todas as fases, o cálculo do diâmetro do bordo anda na ordem dos 30-40% para as três fases, a atribuição de formas está por volta dos 40-50% e a reconstituição gráfica de formas completas está situada entre os 3-10%. Estes resultados são claramente atribuídos ao elevado nível de fragmentação e rolamento dos recipientes/fragmentos da sondagem 2, mas também se devem, em parte, à nossa prudência (e desconhecimento, sobretudo) em determinar a continuidade do bordo até à base. Por outro lado, as percentagens mais altas encontram-se na fase 4, o que pensamos estar relacionado com melhores condições de preservação de fragmentos de maiores dimensões junto à base da U.E. [152] e ao topo da U.E. [582].

### **3.2.1 A caracterização tipológica.**

#### **3.2.1.1 A tabela morfológica.**

A tipologia que aqui apresentamos resulta de todo um processo identificativo, tomando como base a tabela tipológica elaborada por Senna-Martinez na sua tese de doutoramento (1989). Como se trata de recipientes feitos de forma manual os tipos aqui apresentados procuram representar a ideia mental original de cada tipo de recipiente constituindo grupos formais genéricos, sendo que, na prática, existem variações menores dentro do mesmo tipo, sobretudo ligadas ao tamanho e à forma do bordo.

Assim, foram considerados os seguintes tipos, a que se apresenta no anexo 3 a respectiva tabela síntese:

**Forma 1:** pratos, que constituem recipientes bem abertos, pouco profundos ou quase achatados, derivando de hemi-elipsoides ou de segmentos esféricos. No nosso conjunto existe apenas um fragmento de prato, subtipo 1.4, prato em calote.

**Forma 2:** taças, que constituem recipientes abertos, pouco profundos (com índices de profundidade compreendidos entre 25 e 50), com volumes hemi-elipsoidais ou em segmento esférico. Foram identificados 6 subtipos: subtipo 2.1, taça com lábio invertido; subtipo 2.2, taça funda; subtipo 2.3, taça hemi-elipsoidal; subtipo 2.4, taça hemi-elipsoidal funda; subtipo 2.5, taça em calote; subtipo 2.6, taça parabólica.

**Forma 4:** tigelas, recipientes abertos, profundos (com índice de profundidade compreendido entre 51 e 70), com volumes hemi-elipsoidais ou parabolóides. Foram identificados no nosso conjunto 4 subtipos: subtipo 4.1, tigela hemi-elipsoidal; subtipo 4.2, tigela parabolóide; subtipo 4.3, tigela subesférica; subtipo 4.5, tigela de lábio invertido.

**Forma 5:** recipientes esféricos, com alguma profundidade. Foram identificados dois subtipos: subtipo 5.1, esférico simples; subtipo 5.2, esférico de bordo ligeiramente exvertido.

**Forma 6:** recipientes globulares, fechados, contando quase sempre com colo ou gargalo, de reconstituição problemática *“uma vez que os respectivos perfis compostos tornam difícil, quando não impossível, extrapolar a parte correspondente à base a partir de fragmentos apenas de bordo”* (Senna-Martinez, 1989, p. 234). Foram identificados 4 subtipos: subtipo 6.1, globular de colo vertical; subtipo 6.2, globular de colo baixo; subtipo 6.3, globular de colo troncocónico. Dentro deste subtipo julgou-se necessária a individualização de dois fragmentos, a que optámos por designar 6.3.2, por apresentarem um colo mais curto e menos acentuado. Por último, o subtipo 6.4, um globular de colo estrangulado.

**Forma 8:** recipientes fechados, denominados de esféricos achatados. No nosso conjunto só foi identificado um possível exemplar do subtipo 8.1, relativamente problemático devido ao seu estado de fragmentação, pois apresenta diferenças face ao modelo proposto na tabela que usámos. Naquela o bordo é invertido enquanto no nosso exemplar o bordo é ligeiramente exvertido, de perfil redondo, que, na direcção da pança alarga substancialmente, levando-nos a relacioná-lo com esta forma. Não

excluimos, no entanto, a possibilidade de se tratar de uma outra morfologia para nós desconhecida.

**Forma 11:** tigela funda de pequena dimensão (o que a distingue da forma 4). No nosso conjunto encontrámos apenas dois exemplares.

**Forma 13:** vasos fundos, de tipo saco, com dois subtipos: subtipo 13.1, com paredes verticais e abertas e subtipo 13.2, de paredes ligeiramente curvas e fechadas.

**Forma 21:** taças de carena baixa, de profundidade média (com índice de profundidade entre 40 e 70). Os subtipos desta forma que identificámos não se encontravam classificados na tabela da Beira alta, pelo que os criámos de raiz. Assim, o subtipo 21.4, diferencia-se pelo colo médio. O subtipo 21.5, caracteriza-se pela carena muito baixa, pelas paredes de grande abertura e pelas grandes dimensões do recipiente (taça de carena baixa de grande dimensão). O subtipo 21.6 diferencia-se por apresentar paredes relativamente direitas e pelas grandes dimensões.

**Forma 22:** taças de carena média / alta. Aqui sentimos necessidade de criar um novo subtipo para dois exemplares. Assim o subtipo 22.5 individualiza-se pela carena alta de onde arranca uma parede recta, estreitando em direcção à base. Desconhece-se a base e o bordo. Colo bem exvertido.

**Forma 23:** taças de carena baixa esbatida, com uma base quase plana. No subtipo 23.1, o bordo é exvertido. No subtipo 23.2, o bordo apresenta-se direito.

**Forma 26:** vasos troncocónicos invertidos, volume de tronco de cone invertido, de base plana, fundos. Apesar de não termos a base para estes recipientes a morfologia do bordo e a direcção das paredes parecem indicar que se trata de troncocónicos. Os exemplares de que dispomos não permitem a aferição do subtipo.

Além deste conjunto de formas pudemos verificar a constante presença de bordos de colo estrangulado aos quais não foi possível determinar a forma, mas que nos pareceram um grupo a não ignorar. Pela aparente direcção do bordo é possível que estes pertençam às categorias 6 (globulares com colo ou gargalo) e/ou 28 (potes de colo estrangulado) ou semelhantes. Como veremos mais à frente, a forte presença de bases planas pode corroborar a associação à forma 28. Existe ainda a possibilidade de alguns destes bordos desenvolverem para taças carenadas, a exemplo de formas Protocogotas (Abarquero Moras, 2005, p. 29) ou até recipientes próximos de formas

tradicionais campaniformes como as existentes no Local 3 do sítio da Pastoria (Jorge, 1986, p. 497). No entanto, o que aqui gostaríamos de realçar é a grande variedade de bordos neste tipo de recipientes, ao contrário do que acontece nos mundos Calcolíticos do norte de Portugal. Este conjunto foi designado por nós, provisoriamente, por Grupo B, onde distinguimos variantes de tipo de bordo e colo:

**B1:** bordo com colo bem marcado e estrangulado, fazendo com que sobressaia a exversão, com arranque de pança que, no seu desenvolvimento, não se deverá destacar muito em relação ao bordo.

**B2:** bordo muito espessado exteriormente, de cariz excepcional, que devido à fragmentação não permite a concreta identificação da morfologia do colo.

**B3:** bordo com gargalo medianamente marcado

**B4:** bordo relativamente largo, de perfil horizontal, com colo a direito

**B5:** bordo com exversão acentuada, gargalo bem vincado, dando a ilusão de um bordo típico de um prato, muito aberto.

**B6:** bordo de colo vertical

### 3.2.2.2 Os resultados da análise estatística

Nos gráficos 1 a 6 são apresentadas as frequências absolutas e as percentagens de cada forma para cada fase.

Desde logo verificamos que a diversidade formal vai aumentando da fase mais recente para a mais antiga, de 7 tipos na fase 2, para 10 na fase 3 e 11 na fase 4. Este aumento não é, porém, directamente proporcional à quantidade de material recolhido para cada uma das fases. A pergunta, então, que se impõe, é se podemos retirar destes dados qualquer conclusão histórica. Será que podemos falar de uma perda de diversidade formal ao longo do tempo, propositadamente? Ou trata-se apenas de um acaso de escavação? Talvez possamos relativizar a questão. As formas que diferem entre fases são formas com pouca representatividade, com, no máximo, quatro exemplares (tipos 23, 11, 13, 26), ou seja, a sua presença, sempre vestigial, não impede uma hipotética existência na fase 2, simplesmente os seus fragmentos ainda não foram recuperados, já não existem no local, ou encontram-se inclassificáveis. Falamos de excepções, e não de recipientes de uso generalizado, caso contrário teríamos,

pensamos, maior quantidade de exemplares. Deste modo, acreditamos não poder extrapolar destes dados grandes diferenças em termos de repertório formal entre as três fases. Podemos sim atentar nas percentagens de cada uma delas:

Nas três fases os grupos maioritários são a forma 6 e o grupo b, mostrando uma clara preferência pelas formas de colo estrangulado. De seguida, aparecem as formas tradicionais, como as taças e tigelas, formas 2 e 4 respectivamente. As restantes formas apresentam todas baixas percentagens, sobressaindo a forma 5 na fase 2, as formas 5 e 13 na fase 3 e as formas 26, 5 e 21 na fase 4.

Os pratos, forma 1, são extremamente raros, só com um exemplar (2%) na fase 3.

Quanto às formas igualmente raras, mas com elevado valor de marcador cronológico, como as taças de carena baixa (forma 21), as taças de carena média/alta (forma 22), as taças de carena baixa esbatida (forma 23) ou a forma 26, os troncocónicos, vão marcando presença um pouco pelas três fases: na fase 2 contamos com um exemplar da forma 21; na fase 3 contabilizámos um exemplar da forma 21 e outro da forma 23; e na fase 4, identificámos três recipientes da forma 21, dois da forma 22 e da 23 e 4 unidades da forma 26. É portanto na fase 4, a mais antiga, que encontramos uma maior representatividade destas formas excepcionais.

Não incluímos nestes gráficos os subtipos de cada forma por não serem estatisticamente relevantes, estando estes expostos na tabela 1, em frequência absoluta. Faremos apenas uma breve referência aos subtipos mais frequentes dentro de cada forma. Assim, o único exemplar da forma 1 é o subtipo 1.4, prato em calote. Dentro da forma 2, para todas as fases a taça mais representada é a taça em calote, subtipo 2.5. A tigela hemi-elipsoidal (subtipo 4.1) é a mais representada nas três fases para a forma 4. Para a forma 5, distingue-se o subtipo 5.1, o esférico simples, novamente nas três fases. Quanto aos globulares (forma 6) sobressaem dois subtipos nas três fases, globulares de colo troncocónico (6.3) e globulares de colo estrangulado (6.4). Entre as formas 8 e 26, como acima referido, contamos com poucos exemplares, pelo que não se distingue nenhum subtipo em cada uma delas. Por último, no grupo b, o subtipo que mais se distingue é o B1 (bordo com colo bem marcado e estrangulado), em todas as fases, seguido do B3 (bordo com gargalo medianamente marcado).

Quanto aos diâmetros, apenas elaborámos gráficos (7 a 10), em percentagem, para as formas 2, 4, 6 e grupo b, pois são os únicos conjuntos que apresentam número suficiente para tal. Em termos globais, há uma clara tendência para recipientes de bocal relativamente pequeno, sendo poucos os casos de bordos de grande dimensão.

Particularizando, na forma 2, a maioria dos diâmetros situa-se entre os 16-20 cm em todas as fases, sendo que os maiores diâmetros se encontram na fase 4 em baixa percentagem (26-30/31-35cm). Temos portanto taças com um tamanho de bocal mediano, adequado para as funções tradicionalmente atribuídas a esta forma, tais como a preparação de alimentos e o serviço de mesa, possivelmente de uso colectivo ou como recipientes intermédios entre o serviço de mesa e o consumo de alimentos.

Para a forma 4, a maioria dos diâmetros situa-se entre os 11 e 15cm, nas fases 3 e 4, enquanto o pico da fase 2 se encontra nos 16-20cm. As tigelas, recipientes mais fundos e menos abertos que as taças, têm assim diâmetros ligeiramente mais pequenos, adequados para a preparação de alimentos e o serviço de mesa, possivelmente para contenção de alimentos líquidos, como sopas, papas, guisados etc.

Os diâmetros da forma 6 encontram-se igualmente agrupados nos tamanhos mais pequenos, havendo no entanto algumas diferenças entre as três fases. A fase 2 tem o seu centro nos 5 a 10 cm, enquanto nas fases 3 e 4 verifica-se uma tendência crescente de tamanho, até um máximo de 21-25cm. Esta forma, que se caracteriza pela presença de um colo ou gargalo na maioria dos casos, apresenta assim diâmetros de bocal relativamente pequenos, indicando que a pança do recipiente será sempre de maior dimensão. Antecipando os resultados das espessuras para esta forma (gráficos 18, 28, 38), vemos que estes bordos se encontram, na sua maioria, e nas três fases, entre 0,6 e 1cm de espessura: 70%, 60%, 55%, respectivamente para as fases 2, 3 e 4, seguido de 1,1-1,3cm: 12%, 20%, 35%, novamente para cada fase. Ora, trata-se portanto de bordos relativamente finos na generalidade, que não nos indicam recipientes robustos. Podemos então pensar nos globulares, tradicionalmente associados à contenção/armazenagem de líquidos (ainda que não exclusivamente), como contentores de pequena e média capacidade, levando-nos a equacionar uma armazenagem possivelmente de cozinha ou utilização como recipiente de transporte (entre a fonte de água e o povoado e/ou entre uma hipotética área de armazenagem noutra local e o povoado).

Corroborando a sua utilização enquanto contentores de líquidos, a forma específica do lábio, normalmente exvertida ou direita arrancando de um colo ou gargalo, facilita o manuseamento dos recipientes (com ou sem tampa), o vazamento do líquido para outro recipiente e ainda ajuda à contenção do líquido dentro do recipiente quando movimentado. Também o tratamento de superfície pode fornecer indicadores deste tipo de utilização na medida em que auxiliam a impermeabilização dos recipientes. Neste sentido e antecipando novamente resultados, os acabamentos de superfície desta forma contam com maioria de alisados, seguido de *cepillo* e espatulado, que ao criar uma superfície mais uniforme eliminando porosidades, podem impedir alguma evaporação dos conteúdos.

Por último, o grupo b é o que apresenta maior diversidade de diâmetros entre as três fases. As fases 2 e 4 têm o seu expoente nos diâmetros de menor dimensão, 11-15cm seguido de 5-10cm. A fase 3 oferece já maior diversidade, desde diâmetros pequenos (5-10cm) aos maiores diâmetros de todo o conjunto (41-45cm), mas com a maior percentagem centrada nos 16-20cm. Antecipando, a exemplo do que fizemos para a forma 6, os dados das espessuras, apuramos que os grupos maioritários estão situados entre 0,6 e 1cm e entre 1,1 e 1,3cm, em todas as fases. A exceção prende-se com a fase 2, pois nela se destaca a categoria dos 1,4-2,7 cm com 25% dos recipientes. Sendo este um grupo de bordos sem atribuição específica de forma, não podemos tecer grandes inferências em termos de funcionalidade. Apenas, atendendo ao traço comum do conjunto, bordos de colo ou gargalo, podemos dizer que, à semelhança da forma 6, seriam recipientes que se adequariam à contenção/armazenagem de líquidos, talvez existindo alguns de maior capacidade atendendo aos grandes diâmetros de alguns recipientes e à percentagem mais elevada de bojos robustos no caso da fase 2. No entanto, longe ainda estamos de conjecturar seguramente acerca da representatividade dos recipientes de armazenagem no povoado. Precisaríamos, obviamente, de fragmentos de maior dimensão ou até formas quase completas para elaborarmos cálculos de capacidade de contenção.

### 3.2.1.3 Os tipos de bordo:

Ao manusear os fragmentos cerâmicos nas fases de desenho e, particularmente, de inventário, deparámo-nos com um leque bem variado de tipos de bordo, quanto ao perfil e à orientação, ao que decidimos, desde logo, prestar especial atenção a esta diversidade, sob a forma de tabelas gerais de fase (tabelas 2-4) e tabelas individuais de forma por fase (tabelas 5-19).

Quanto ao panorama geral das fases, na fase 2 dominam os bordos exvertidos espessados exteriormente, com 26%, seguidos de bordos direitos espessados exteriormente, com 13%, e bordos exvertidos redondos, direitos redondos e direitos direitos com 11% cada. O espessamento exterior dos bordos (36%) e a orientação direita (50%) seguida imediatamente da exvertida (48%) são as marcas da fase 2. Na face oposta os bordos invertidos contabilizam 1%, e no perfil, os bordos horizontal e bi-espessado constituem também 1% do conjunto, cada um. Pelo meio, com baixas percentagens estão os bordos espessados interiormente, enrolados e os três tipos de bisel.

A fase 3 não apresenta grandes variações ao acima descrito para a fase 2. Continuam a dominar os bordos exvertidos espessados exteriormente (20%), seguidos dos bordos direitos espessados exteriormente (15%), dos bordos direitos redondos (14%), exvertidos redondos (14%) e direitos direitos (10%). Novamente a distinção para os bordos de orientação direita (49,5%) e exvertida (46,2%) e de perfil espessado exteriormente (36%). Com baixas percentagens os bordos invertidos (1%), horizontal (1%) e bisel simples interno (1%) e ainda os bordos com dificuldade de definição (3% na orientação e no perfil).

A fase 4 apresenta diferenças sobretudo ao nível das percentagens. Os grupos dominantes são genericamente os mesmos, os perfis espessados exteriormente continuam a ser maioritários, com 20% de orientação exvertida e 12% de orientação direita, seguidos dos perfis redondo (20% de orientação direita e 7% exvertida) e direito (10% de orientação direita e 7% exvertida). Em termos de perfil dominam os bordos espessados exteriormente (31%) e os redondos (30%) e quanto à orientação contabilizamos 54,5% de bordos direitos e 39,1% de bordos exvertidos. Nos grupos menos representativos sobressai a ausência de bordos horizontais e enrolados e as



baixas percentagens de bordos espessados interiormente, bi-espessados, e nos três tipos de bisel.

No cômputo geral, os bordos mais representativos são assim os de orientação direita e exvertida e de perfil espessado exteriormente, redondo e direito, por ordem decrescente. Os menos expressivos são os bordos de orientação invertida e não identificada e os de perfil horizontal, espessados interiormente, bi-espessados, enrolados e em bisel (interno, externo e duplo). Temos, assim, para as três fases uma relativa homogeneidade em termos de tipo de bordo, com apenas ligeiras variações de percentagem ou de ausência/presença dos grupos menos representativos.

Olhando, agora, de forma mais personalizada para os tipos de bordo por forma podemos, de modo mais acurado, caracterizar cada tipo morfológico através das suas diferenças de bordo, entre fases.

Iniciando a análise pelas taças, forma 2, verificamos que em termos de orientação só contemplámos bordos direitos nas fases 2 e 4 e uma baixa percentagem de bordos exvertidos (7%) na fase 3. Já em relação ao perfil, os bordos vão aumentando de diversidade à medida que avançamos para a fase mais antiga. Assim na fase 2 temos uma maioria de bordos espessados exteriormente e direitos e uma minoria de bordos espessados interiormente, na fase 3 dominam os bordos redondos, seguidos de direitos, espessados exteriormente e bi-espessados em *ex equo*. Para a fase 4 sobressaem os bordos direitos, espessados exteriormente e redondos a que se acrescenta um conjunto de bordos com baixa representatividade (espessado interiormente, bi-espessado, e os três tipos de bisel). É assim uma forma com algumas assimetrias de perfil de bocal ao longo das três fases mas que, genericamente, apresenta uma orientação direita desde o corpo do recipiente até ao lábio. Queremos, contudo, ressaltar as baixas frequências absolutas das taças nas três fases (11, 14 e 16 exemplares) o que poderá justificar a baixa diversidade do conjunto.

As tigelas, tipo 4, constituem um conjunto ainda menor que as taças em termos de frequências absolutas (8, 9 e 7 exemplares nas três fases respectivamente), porém apresentam igualmente alguma diversidade de perfil. Dominam também aqui as orientações direitas, seguidas de menores percentagens para exvertidas (25% para a fase 2) e invertidas (11% para a fase 3). Em termos de perfil sublinhamos as diferenças entre fases. Na fase 2 encontramos os espessados exteriormente (25% de orientação

direita) em relevo, seguidos de um exemplar (11%) para redondo, direito, espessado interiormente, enrolado e bisel simples interno. Na fase 3 a maior percentagem é para os bordos direitos (44%), e, no encaço, bordos espessados interiormente (22%), espessados exteriormente (11%) e redondos (11%). Na fase 4, dominam os bordos redondos (43%), seguidos de direitos e espessados exteriormente (ambos com 29%).

Avançando para a forma 5, os esféricos, e atendendo à fraca expressividade deste conjunto não poderemos tecer grandes considerações estatísticas. Nas fases 2 e 3 contamos com bordos de orientação exclusivamente direita, e na fase 4 acrescenta-se um exemplar exvertido. Em termos de perfil manuseámos bordos direitos, redondos, espessados exterior e interiormente e em bisel simples interno.

Os globulares, tipo 6, caracterizam-se pelo domínio de bordos exvertidos em todas as fases (sempre mais de 80%), como seria de esperar. Quanto ao perfil sobressaem os bordos redondos (36%/43%) e espessados exteriormente (36%/29%) nas fases 2 e 3, e os bordos espessados exteriormente (50%) e direitos (28%) na fase 4. Encontramos ainda outros tipos de perfil em baixas percentagens dentro das três fases.

As formas seguintes encontram-se, como acima referido, em baixas frequências em todo o conjunto, pelo que não realizámos tabelas estatísticas para esses tipos.

#### **3.2.1.4 A relação forma-decoração:**

A relação entre formas e decoração encontra-se nos gráficos 11-13.

Antes de analisarmos os dados fornecidos pelos gráficos, gostaríamos de frisar, novamente, que trabalhamos, dentro do NMI, com uma esmagadora maioria de fragmentos de bordo e não com formas semi-completas ou completas. Deste modo, calculamos aqui, somente, a quantidade de bordos decorados para cada forma (com algumas raras exceções de fragmentos de bordo que se estendem até à pança ou perto dela) e não a real frequência de decoração em cada forma, embora saibamos que, tradicionalmente, se decora mais profusamente a pança do recipiente, não sendo tão frequente a ornamentação do bordo.

Atentando nos gráficos, destacamos imediatamente a ausência de formas decoradas na fase 2 e a baixa frequência na fase 3, com 5 exemplares (7%). A fase 4 é a melhor representada em termos de formas decoradas, com 16 exemplares (21%).

Os tipos escolhidos, que chegaram até nós, para decoração são as formas 6 (subtipo 6.4), 11, 21 (subtipo 21.6), 23 (subtipo 23.1), e grupo B (subtipo b3), para a fase 3. Estão aqui, deste modo, assinaladas com decoração as formas de colo estrangulado e as taças específicas da Idade do Bronze, estando ausente a decoração em recipientes tradicionalmente conhecidos, como as taças e tigelas.

Na fase 4, a fase com mais recipientes decorados, temos decoração nas formas 2 (em todos os subtipos excepto 2.1), 6 (subtipo 6.4), 13, 21 (subtipos 21.4 e 21.5), 22 (subtipo 22.5), 23 (subtipo 23.2), e grupo B (subtipos B1 e B3). Portanto, só na fase mais antiga é que temos decoração numa das formas do fundo comum, ou seja, as taças. Verifica-se novamente a maioria de decoração nas formas novas.

### **3.2.2 A caracterização tecnológica.**

Para esta caracterização foram considerados os seguintes descritores: a consistência, a textura, a cozedura, os elementos não plásticos (frequência e calibre), as classes de espessuras e o estado de conservação, que são apresentados em gráficos de síntese, por fase em termos globais (gráficos 14, 24 e 34) e por fase atendendo a cada forma estatisticamente representativa (gráficos 15 a 23, 25 a 33, 35 a 43). Utilizámos, para cálculo da espessura, a espessura máxima (E), em detrimento da espessura do lábio (el), por nos interessar uma aproximação à espessura máxima do próprio recipiente, sobretudo nos casos de formas com colo ou gargalo. O tratamento de superfície encontra-se em gráficos isolados pois trata-se da variável com maiores dificuldades de identificação devido ao mediano estado de conservação das superfícies, o que faz com que este não seja elemento totalmente seguro para a caracterização das pastas. No entanto, apresentamos os dados obtidos, em percentagem.

Em primeiro lugar, gostaríamos de sublinhar os pontos comuns entre as três fases, para posteriormente atentarmos nas diferenças. Assim, dominam as consistências compactas e as texturas xistosas, com pouca representatividade de consistências médias ou friáveis e de texturas homogéneas e vacuolares. Quanto à cozedura, são maioritárias as predominantemente reductoras (em todas as fases na ordem dos 40%), a que se seguem as cozeduras reductoras de arrefecimento oxidante (Re/ox) (35%, 30% e 20% respectivamente para as fases 2, 3 e 4). Com menor expressividade estão as cozeduras oxidantes (predominantemente oxidante e cozedura

oxidante com arrefecimento redutor – Ox/re). Os elementos não plásticos são maioritariamente frequentes e, com percentagens muito próximas, pouco frequentes, ostentando calibres pequenos na ordem dos 80% em todas as fases. As espessuras encontram-se concentradas na classe dos 0,6 a 1cm em todas as fases com cerca de 60% das ocorrências. O tratamento de superfície é maioritariamente alisado nas duas faces do recipiente (sempre na ordem dos 50%), apresentando ainda uma larga percentagem de fragmentos com dificuldades de identificação (cerca de 30%) e de alisados sobre engobe (cerca de 10-20%). Em pequenas quantidades encontramos outros cuidados de superfície, como o espatulado (com e sem engobe), o *cepillo* ou o brunido (com ou sem engobe). Há uma única exceção, a presença vestigial de almagre, na fase 3.

A única variável que apresenta diferenças significativas entre fases é a do estado de conservação dos materiais. Nas fases 2 e 4 são maioritários os fragmentos corroídos (cerca de 75% e 65%, respectivamente), seguidos dos regulares (15% e 18%, respectivamente) e os de bom estado de conservação (10% e 17% respectivamente). Na fase 3 dominam os fragmentos com conservação regular (cerca de 60%), a que se junta cerca de 25% de fragmentos corroídos e 15 % de fragmentos em bom estado.

Particularizando, a forma 2 apresenta consistência 100% compacta nas três fases, textura 100% xistosa nas fases 3 e 4 enquanto na fase 2 é 90% xistosa e 10% homogénea. A cozedura é maioritariamente redutora com arrefecimento oxidante na fase 2 (cerca de 55%), na fase 3 apresentam-se percentagens muito próximas entre todos os tipos de cozedura, sobressaindo ligeiramente a redutora com arrefecimento oxidante, e na fase 4 verifica-se um domínio do mesmo tipo de cozedura, mas com percentagens de redutora e oxidante muito contíguas. Os elementos não plásticos apresentam-se equitativamente pouco frequentes (28%), frequentes (35%) e muito frequentes (37%), de calibre 80% pequeno, na fase 2. Na fase 3 os pouco frequentes constituem a minoria (menos de 10%) dando lugar de topo aos frequentes (cerca 55%) e muito frequentes (37%), de calibre 72% pequeno. Para a fase 4 dispomos de 45% de elementos não plásticos pouco frequentes, cerca de 20% frequentes e o restante muito frequente, de calibre 85% pequeno. O estado de conservação é genericamente regular (domina nas fases 2 e 3) mas também corroído (domina a fase 4). As espessuras apresentam-se maioritariamente nas classes 0,6-1 e 1,1-1,3, dominando a primeira nas

fases 3 e 4 e a segunda na fase 2. Os tratamentos de superfície são simples nas fases 2 e 3 consistindo em alisados, alguns sobre engobe, externos e internos. Já na fase 4 assistimos a um leque um pouco mais variado de acabamentos de superfície, se bem que os alisados continuem os mais frequentes. De destacar algumas peças brunidas e brunidas sobre engobe.

As tigelas exibem consistências e texturas totalmente compactas nas três fases. Na fase 2 destacam-se as cozeduras redutoras com arrefecimento oxidante, seguida de predominantemente oxidantes e de oxidantes com arrefecimento redutor. A fase 3 mostra-nos percentagens muito próximas nos campos considerados para a cozedura, com um ligeiro relevo para as predominantemente oxidantes. Já a fase 4 revela-nos uma preferência por cozeduras redutoras (pred. redutor e Re/ox). Os elementos não plásticos são preferencialmente muito frequentes (50%) na fase 2, frequentes na fase 3 (43%) e cerca de 60% pouco frequentes na fase 4. Todas as fases apresentam um calibre pequeno, sempre acima dos 70%. O estado de conservação é maioritariamente corroído na fase 2 (cerca 80%), regular na fase 3 (quase 80%) e com distribuição equitativa das três possibilidades na fase 4. No campo das espessuras destaca-se a classe 0,6-1, maioritária nas fases 3 e 4 e com 50% na fase 2, seguida da classe 1,1-1,3, com 50 % na fase 2, 20% na fase 3 e 15 % na fase 4. Os tratamentos de superfície são genericamente alisados simples ou sobre engobe, mas também com presença de espatulados sobre engobe (fases 2 e 3) e brunidos (fase 4).

O tipo 6, os globulares, apresenta consistência compacta e textura xistosa genericamente, com alguma presença de consistência média nas fases 3 e 4 e textura homogénea e vacuolar na fase 3. A cozedura, na fase 2, é preferencialmente redutora com arrefecimento oxidante (cerca de 50%), mas também redutora (30%) e oxidante (15%). Na fase 3, apercebemo-nos de percentagens muito próximas entre as cozeduras redutora (38%), oxidante (24%) e redutora com arrefecimento oxidante (34%). Na fase 4 domina a cozedura redutora (quase 50%), seguida das cozeduras oxidantes e redutoras com arrefecimento oxidante. Os elementos não plásticos apresentam-se frequentes nas fases 2 e 4, com 42% e 60% respectivamente, muito frequentes (38%) na fase 4, mas com as restantes percentagens nas proximidades. O calibre é genericamente pequeno em todas as fases. O estado de conservação é maioritariamente regular em todas as fases, com percentagens sempre acima dos 60%.

As espessuras destacam-se na classe dos 0,6-1cm em todas as fases, ao contrário da classe 0-0,5 que é claramente minoritária nas fases 2 e 3, não tendo nenhum exemplar na fase 4. O tratamento de superfície é, como nas outras formas, simples, consistindo sobretudo em alisados, mas também, embora em menor presença, em *cepillo* (fases 2 e 4), espatulado (fase 3 e 4) e brunido (fase 3).

Por último, o grupo b apresenta consistências compactas e texturas xistosas nas três fases, com baixíssimas percentagens de consistências médias e friáveis na fase 4. Quanto à cozedura denotamos algumas variações entre as fases. Assim, na fase 2 dominam as redutoras com arrefecimento oxidante (cerca de 50%), seguido das redutoras e das mistas. Na fase 3 sobressaem as cozeduras redutoras (42%), seguidas de redutoras com arrefecimento oxidante (28%) e oxidantes (18%). Na fase 4 encontramos uma distribuição equilibrada entre redutora (35%), oxidante (37%) e redutora com arrefecimento oxidante (21%). Os elementos não plásticos são frequentes preferencialmente na fase 2 (50%), muito frequentes (40%) e pouco frequentes (35%) na fase 3, e pouco frequentes (40%) e muito frequentes (38%) na fase 4. O calibre é pequeno em todas as fases, mas é também neste grupo que aparecem calibres grandes com alguma expressividade, nomeadamente nas formas 3 e 4. O estado de conservação apresenta-se genericamente regular nas três fases, sempre na ordem dos 60-70%. Quanto às espessuras, é neste grupo que encontramos uma distribuição percentual mais equilibrada entre as várias classes, traduzindo-se numa presença mais significativa de recipientes mais espessos, e, por isso mesmo, mais robustos. Na fase 2, são diminutos os exemplares da classe mais fina, 0-0,5cm, enquanto as classes 0,6-1 e 1,1-1,3 cm se encontram com uma figuração na ordem dos 35% cada, e a classe maior, entre 1,4 e 2,7cm representa 25% do conjunto. Na fase 3, deparamo-nos com um panorama semelhante, se bem que a classe 0,6-1 cm seja um pouco mais frequente que a classe subsequente e a classe 1,4-2,7cm apresente menor percentagem (12%). Na fase 4 assistimos a um aumento de fragmentos finos, comparativamente às fases anteriores, agora com 25% das ocorrências, a um ligeiro domínio da classe 0,6-1cm, com 35%, seguido da classe 1,1-1,3cm, com 30%. A classe mais espessa representa 10% deste conjunto. Os tratamentos de superfície seguem genericamente os mesmos traços de simplicidade das formas anteriores, alisados

simples no topo, seguidos de alisados sobre engobe, e um conjunto mais diversificado na fase 4, incluindo espatulado sobre engobe, cepillo sobre engobe e brunidos.

Ainda que não tenham representatividade estatística gostaríamos de deixar aqui uma nota sobre as pastas das formas 21, 22, 23 e 26, recipientes estes que têm marcado valor cronocultural. Percorrendo de forma mais atenta as linhas do nosso inventário, não identificamos qualquer característica diferenciadora nas pastas destes recipientes, pelo que pomos desde já de lado a hipótese de, pelas pastas, seleccionar recipientes que tenham tido uma origem diferente do restante acervo cerâmico<sup>7</sup>.

### **3.2.3 As decorações.**

No total contabilizámos 107 fragmentos decorados (incluindo os fragmentos decorados do NMI), distribuídos por três fases: 12 fragmentos para a fase 2; 29 fragmentos para a fase 3; 66 fragmentos para a fase 4. Os gráficos 44 a 46 sintetizam a percentagem de decoração no conjunto, dentro do NMI.

A fase 2 constitui a etapa com menor percentagem de decoração, só com 2%. A fase 3 apresenta 6% de decoração, enquanto a fase 4 conta com 16% de recipientes decorados. Como tivemos oportunidade de realçar a propósito da percentagem de decoração dentro das formas identificadas, também aqui obtivemos unicamente a percentagem de decoração relativa aos bordos e não para os recipientes na sua totalidade. No entanto, o progressivo aumento de decoração dentro do NMI é acompanhado pelo aumento do número de fragmentos decorados para cada fase.

#### **3.2.3.1 Localização da decoração**

No nosso conjunto só temos decoração nos lados externo e interno do recipiente (pança/sob o bordo/carena) e no lábio. Não contamos com bases nem elementos de preensão decorados.

---

<sup>7</sup> Esperamos, no entanto, que o estudo químico de algumas pastas da sondagem 2 da Fraga dos Corvos, elaborado no âmbito de um mestrado na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, traga, em breve, novos dados para a questão da origem das argilas utilizadas.

Os gráficos 47 a 49 mostram-nos as preferências de localização da decoração nos recipientes, por fase. Em todas as fases, a escolha preferencial é o lado externo do recipiente com mais de 80% dos casos nas fases 2 e 3 e 70% na fase 4. Igualmente as combinações de decoração em mais que um local do recipiente incluem sempre o lado externo. No extremo oposto, são relativamente raras as decorações no lábio e no lado interno do recipiente, bem como decoração em mais que uma face: externa/interna, externa/lábio ou as três possibilidades.

### **3.2.3.2 As técnicas**

O gráfico 50 sintetiza a percentagem de técnicas utilizadas para elaboração da decoração, comparando as três fases.

As duas técnicas que, desde logo, sobressaem, são a incisão e a impressão. A impressão é maioritária nas fases 2 e 3 enquanto a incisão domina na fase 4. É, também, relativamente frequente a utilização de mais que uma técnica, sobretudo nas fases 3 e 4. Com pouca representatividade, em todas as fases, encontram-se os cordões plásticos, o boquique, a decoração brunida e a excisão.

Alguns fragmentos apresentam, dentro dos alvéolos de decoração, um preenchimento com uma pasta branca criando um efeito estético muito característico. Num recente estudo sobre a composição desta pasta (Lloret et al, 2005) para cerâmicas campaniformes provenientes da bacia média do Guadiana, averiguou-se que, num conjunto de 17 fragmentos, a grande maioria das produções é feita à base de osso queimado, subdividido em dois grupos de cozedura, havendo ainda um pequeno conjunto com preenchimentos à base de carbonatos de cálcio que, segundo os autores, poderá ter uma origem forânea.

Para os nossos fragmentos, não dispomos de uma análise completa para afirmarmos, com certeza, a composição da pasta branca. Contudo, e com base neste estudo, foi elaborada, pela equipa do ITN, uma amostragem preliminar a alguns fragmentos decorados, cujo resultado aponta para uma forte possibilidade de se tratar igualmente de osso queimado. Resta ainda efectuar uma comparação química desta pasta branca com fragmentos de osso queimado provenientes da Fraga dos Corvos,



que obviamente estiveram expostos aos mesmos fenómenos pós-deposicionais, para uma conclusão mais sustentada<sup>8</sup>.

### 3.2.3.3 Os motivos.

Aqui optámos por elaborar duas tabelas de motivos. Uma para motivos simples, que não constituem organizações decorativas e que aparecem isolados – não esqueçamos que contamos com fragmentos de bojo/bordo de pequeno tamanho. A segunda tabela revela os motivos compostos que constituem organizações decorativas. Dentro deste segundo grupo, cada organização composta corresponde, genericamente, a um recipiente/fragmento pois dada a diversidade de conjugação de motivos, localização da decoração e técnica decorativa achámos prudente ilustrar todas as variáveis, e, como não são demasiadas, torna-se consultável e inteligível.

O conjunto constituído por motivos simples é apresentado no anexo 4.

1 - Cordão plástico com incisão ou impressão a punção lateral formando uma espiga

2 - Banda de duas linhas paralelas de espigas incisas

3 - Linha formada por uma espécie de espiga incisa horizontal, pouco definida.

4 - Banda de duas linhas paralelas de espigas impressas a pontilhado

5 - Banda de espigas horizontais incisas de pequeno tamanho, normalmente sob o bordo

6 - Banda de filas de espigas verticais impressas a punção lateral

7 - Banda de retícula incisa

8 - Linhas paralelas, espaçadas entre si, impressas a pente/pontilhado

---

<sup>8</sup> Agradecemos esta informação preliminar à Prof<sup>a</sup> Fátima Araújo e à Dr<sup>a</sup> Elin Figueiredo.

- 9 - Linhas paralelas impressas a pente (8 pontos em cada linha)
- 10 - Linhas oblíquas impressas a pente
- 11 - Caneluras e linhas incisas finas paralelas
- 12 - Incisão sob o bordo formando um X acima de três linhas paralelas
- 13 - Linhas divergentes feitas por decoração brunida
- 14 - Pequenas incisões
- 15 - Pequena curva a “boquique” (puncionamento arrastado)
- 16 - Sequência de digitações sobre o lábio
- 17 - Impressão a punção lateral (possivelmente formando uma sequência) sobre o lábio
- 18 - Sequência de ungulações sobre a carena ou cordão plástico

O grupo das espigas é o mais diversificado e numeroso do conjunto (motivos 1-6). Contamos com espigas em bandas horizontais ou verticais, em todas as faces do recipiente, inclusivamente sobre cordões plásticos. As técnicas de elaboração deste motivo são também diversas: incisão, impressão a punção lateral e impressão a pontilhado ou pente. Em todo o conjunto contabilizámos 30 fragmentos com decoração em espiga (28% no conjunto dos decorados), dentro dos quais 3 pertencem à fase 2, 8 à fase 3 e 19 à fase 4.

As retículas, motivo 7, encontram-se representadas por 9 fragmentos (8%), distribuindo-se pelas fases 3, com 1 exemplar, e 4, com 8 exemplares.

De seguida, os motivos 8 a 10, que constituem as sequências de impressões a pontilhado/pente, presentes na fase 3 com 3 fragmentos e na fase 4, com 4 exemplares.

O grupo das incisões é representado pelos motivos 11 e 12. O primeiro destes motivos é relativamente frequente (10%), exibindo 3 fragmentos nas fases 2 e 3; e 5 exemplares na fase 4. Já o motivo 12 é exclusivo de um fragmento, da fase 2.

O motivo 13 constitui o único caso de decoração brunida do conjunto, presente na fase 2.

O motivo 14 apresenta o punctionamento arrastado, conhecido como “boquique”, representado por dois fragmentos no conjunto, ambos da fase 2.

Por último, as sequências de impressões no lábio, na carena ou sobre o cordão plástico são apresentadas nos motivos 15 a 18. Por vezes estes motivos podem ser elaborados por pequenas incisões. A fase 4 constitui o momento em que estes motivos são mais frequentes, com 7 exemplares, enquanto a fase 3 apresenta 5 e a fase 2 com 2 fragmentos.

Os motivos compostos, como se disse, são apresentados caso a caso. Dentro da mesma organização apresenta-se os vários locais onde a peça se encontra decorada, lado externo, interno e/ou lábio.

#### Motivos complexos/organizações decorativas (anexo 4):

20 – a) Face externa do recipiente. Métopa definida por impressão a pontilhado, preenchida com linhas paralelas abaixo de espigas, ambas a impressão a pontilhado. Abaixo da métopa, sobre a carena, sequência horizontal de linhas incisivas cruzadas.

b) Face interna do recipiente. Métopa definida por impressão a pontilhado, preenchida com duas linhas paralelas de espigas impressas a punção lateral.

21 – a) Sobre o lábio. Espiga incisa.

b) Face externa, sob o bordo. Espiga incisa.

22 – a) Face externa sob o bordo. Três linhas horizontais de espiga incisa.

b) Face interna. Mistura de espiga dupla com retícula, pouco organizada. Incisão.

23 – a) Sobre o lábio. Sequência de linhas cruzadas (X), incisivas.

b) Face interna. Sequência de quatro filas de espigas incisivas horizontais, delimitada por uma métopa impressa a pontilhado. Ao lado da métopa, uma fila de V's invertidos, incisivos.

c) Face externa, sob o bordo. Banda horizontal de linhas cruzadas incisivas.

24 – Face externa. Banda de métopa limitada por linha impressa a pente. Bandas de linhas verticais a pente, bandas de ziguezague a pente e bandas a punção lateral em espiga

25 – a) Face externa. Pequenas linhas oblíquas curtas incisas acima de espigas impressas a pontilhado.

b) Face interna. Linhas incisas oblíquas, paralelas, formando uma espécie de espiga.

26 – Face externa. Parte de métopa delimitada por pontilhado, preenchida por uma espécie de espiga incisa.

27 – Face externa. Linha horizontal com duas linhas pequenas oblíquas, ambas impressas a pontilhado e duas pequenas incisões oblíquas.

28 – a) Face externa, sob o bordo. Espiga.

b) Sobre o lábio. Sequência de ungulações.

29 – a) Face externa, sob o bordo. Canelura larga excisa sobre linha de excisões em ziguezague

b) Sobre o lábio. Pequenos pontos excisos.

30 – a) Face externa, sob o bordo. Banda de retícula incisa.

b) Sobre o lábio. Sequência de incisões.

31 – a) Face externa, sob o bordo. Banda de impressões a punção lateral cruzadas.

b) Sobre o lábio, Sequência de incisões.

32 – Face externa, sobre a carena. Banda de incisões cruzadas abaixo de pontos oblíquos impressos a pente.

33 – a) Face externa, sob o bordo. Espiga incisa.

b) Face interna, sob o bordo. Espiga incisa.

c) Sobre o lábio. Espiga incisa.

34 – a) Face externa. Possível parte de espiga incisa.

b) Face interna. Espiga incisa.

Todas as organizações decorativas pertencem à fase 4, com excepção das organizações 27 e 31, que provêm da fase 3. Mais uma vez acreditamos que esta confluência na fase 4 de materiais de maiores dimensões (que, conseqüentemente, preservam maior área decorada) se deve às especiais condições estratigráficas de

conservação do que propriamente uma maior diversidade decorativa face às fases subsequentes.

Um traço comum aos motivos decorativos simples e às organizações decorativas identificadas é a presença de pasta branca nos alvéolos da decoração, como acima descrito. Encontramos, apenas, pequenos vestígios desta pasta em alguns fragmentos, por vezes, só se conservando numa zona muito circunscrita da decoração. Atendendo assim ao fraco estado de conservação deste material, optámos por não fazer uma contabilidade extensa da sua presença, pois a actual ausência não indica necessariamente que esta não tenha existido. Deixamos, aqui, só um apontamento genérico da sua presença. As organizações decorativas complexas, como as 23, 25 e 33 (mas não exclusivamente), apresentam vários locais com pasta branca em todas as faces do recipiente que foram alvo de decoração. No grupo dos motivos simples só verificámos utilização de pasta branca em algumas espigas (quer elaborados por incisão quer por impressão) e em algumas retículas.

Esta exposição conta, infelizmente, com algumas limitações de base. Como pudemos, várias vezes, afirmar, na maioria dos casos dispomos apenas de pequenos ou médios fragmentos decorados, confinando, por isso, a plena caracterização dos motivos decorativos. É assim possível que o repertório de motivos decorativos seja inferior ao que aqui apresentamos, na medida em que os motivos decorativos simples se pudessem encontrar agrupados segundo alguns exemplos das organizações decorativas ou até segundo modelos que desconhecemos.

#### **3.2.4. As bases**

Como não temos recipientes completos e as únicas formas que conseguimos reconstituir graficamente são formas de bases não planas, é necessária uma abordagem específica às bases. Sendo as bases planas uma das marcas de transição para a Idade do Bronze não poderíamos deixar de conceder um espaço a este conjunto, bem representativo no contexto da sondagem 2.

O conjunto constitui-se por 182 fragmentos. Todas as bases identificadas no conjunto são planas ou em *omphalus*, devido à evidente dificuldade de distinção entre bojos curvos (parede) e bases convexas, tornando este estudo de certa forma truncado.

Como mostram os gráficos 51 e 53, o conjunto é claramente dominado por bases planas, já que as bases em *omphalus* são meramente vestigiais, só estando presente nas fases mais antigas.

Dentro das bases planas identificámos alguma variedade, sobretudo no que diz respeito à forma de ligação entre a base (superfície que assenta) e a parede do recipiente, traduzindo-se nos gráficos 52 e 54, em termos globais e por fases, respectivamente. Em primeiro lugar, realçam as elevadas percentagens de bases sem especificação, ou seja, aquelas que, pelo seu estado fragmentário ou de rolamento, não permitiram clara identificação da sua forma (gráfico 56). Dentro das bases com segura classificação sobressai o conjunto das bases destacadas, seguido das esbatidas, em ângulo e aplanadas, em todas as fases, apenas com ligeiras nuances, nomeadamente na fase 4, onde as bases em ângulo são menos significativas que as aplanadas. A única excepção a este panorama é o fragmento de pé de anel, presente na fase 4, a mais antiga.

Esta variedade de bases planas mostra-nos os dados verdadeiramente significativos desta micro-análise. Como acima referimos, o estudo das bases encontra-se truncado, na medida em que não podemos identificar o universo total de bases. No entanto, dentro de uma categoria, as bases planas, podemos, com segurança, retirar conclusões significativas: a diversidade de soluções indica, claramente, o pleno domínio da técnica, permitindo a criação de modelos diferentes, e, em muitos casos, extremamente bem conseguidos, basta olhar para as bases em ângulo, de grande perfeição de ligação entre parede e base, e para as destacadas que conferem um valor estético acrescentado ao recipiente. De facto, esta é outra observação que aqui gostaríamos de deixar, a provável intencionalidade estética que subjaz a tal diversidade de bases planas.

Quanto aos diâmetros, só 39% do conjunto é que permitiu este cálculo, cujos resultados se apresentam no gráfico 55. Para todas as fases, denota-se um claro domínio de diâmetros compreendidos entre os 7 cm e o 15 cm, com picos nos 8 cm na

fase 2 e nos 10 cm nas fases 3 e 4. O gráfico mostra também que existem poucas bases muito grandes. É na fase 2 que encontramos a base mais pequena e também a maior.

As espessuras são apresentadas no gráfico 56. Para a fase 2 a esmagadora maioria das espessuras situa-se entre os 0,6-1,0 cm, seguido de 1,1-1,5 cm e de 1,6-2,0, revelando uma preferência para bases não muito finas e para algumas já com uma espessura considerável, o que não nos causa estranheza, pois falamos de bases, que, obviamente, precisam de criar estabilidade aos recipientes. O panorama nas fases 3 e 4 é ligeiramente diferente, havendo um claro predomínio de espessuras compreendidas entre 1,1-1,5 cm, seguido de 0,6-1,0 cm e de 1,6-2,0 cm. Só encontramos bases muito finas, com espessuras entre 0,0-0,5 cm na fase 3, e bases robustas na fase 4, com espessuras compreendidas entre 2,0-2,5cm.

Ainda que não seja campo inicial de análise, ao longo da manipulação deste conjunto, alguns fragmentos destacaram-se pela presença de manchas muito escuras, no interior ou no exterior da base, que poderão ser vistas como manchas de fuligem. No entanto, colocamos severas interrogações quanto a esta interpretação, visto que estas manchas poderão estar relacionadas com eventos pós-deposicionais e não necessariamente com actividades domésticas. Infelizmente, não dispomos de preparação nem de meios técnicos para poder assegurar a origem destas manchas.

### **3.2.5 Os elementos de prensão.**

O conjunto é constituído por 40 fragmentos: 8 para a fase 2, 13 para a fase 3 e 19 para a fase 4. Alguns fragmentos têm mais que um elemento de prensão. Atendendo à tabela 22, estão presentes no nosso conjunto mamilos, asas, arranques de asa e pegas. Nenhum destes fragmentos se encontra decorado. Relativamente ao estado de conservação destes materiais, este é genericamente regular, em todas as fases, ainda que os elementos corroídos constituam uma percentagem significativa, como mostra o gráfico 58.

Dada a fraca representatividade deste conjunto em termos estatísticos, sobretudo quando dividido por fases, apenas faremos referência às técnicas de prensão e ao perfil dos fragmentos.

Quanto ao perfil, identificámos mamilos em botão cónico, mamilos achatados, mamilos achatados perfurados, asas de fita, asas de rolo, pega mamilar em cordão, e pega horizontal simples. Num mesmo recipiente pode existir mais que um elemento de preensão, nomeadamente a conjugação de asas com pegas.

Estes elementos foram adicionados ao recipiente através das técnicas de cravagem e colagem. Existem também casos de repuxamento da pasta (deduzimos que ainda fresca) para a formação de pegas e mamilos.

Apenas dois exemplares de asas permitiram a atribuição de forma devido à conservação de parte significativa do bordo, sendo um deles pertencente a uma tigela (subtipo 4.1) e outro relacionado com um troncocónico (tipo 26).

### **3.2.6 Cossoiros**

No conjunto destacam-se três artefactos cerâmicos que foram classificados como cossoiros pelo seu tamanho e forma. Dois destes provêm da fase 3 e um da fase 4. São todos de pequeno tamanho, mas de morfologias diferentes. Para a classificação tipológicas destes instrumentos utilizámos a tabela elaborada por M. Silva e P. Oliveira (1999, p. 652).

O cossoiro nº 1728, fase 3, apresenta uma morfologia diferente de todas as apresentadas pelas autoras supra-mencionadas, tratando-se uma forma semelhante à de uma pêra, com a parte inferior avolumada/arredondada que progressivamente vai ficando mais estreita na parte superior; o nº 2090, também da fase 3, insere-se nos cossoiros Bulbosos de subtipo achatado; e o nº 2376, fase 4, aproxima-se dos Bicónicos, subtipo cones iguais. Todos têm uma perfuração cónica e todos são de pequeno tamanho, tendo 2cm de altura e 2-3cm de diâmetro, genericamente. Todos possuem um bom estado de conservação revelando um acabamento cuidado da superfície.

Existe ainda um outro cossoiro (Senna-Martinez, 2009, p. 479) mas de pedra (talcoxisto), morfologicamente semelhante aos de cerâmica.



### **3.3. Considerações sobre o conjunto**

#### **3.3.1 - A produção técnica dos recipientes**

Existe, no conjunto cerâmico da Sondagem 2 da Fraga dos Corvos, uma tendência para a homogeneidade de produção técnica dos recipientes. Como vimos, a consistência apresenta-se quase sempre compacta, e a textura é quase sempre xistosa. Os elementos não plásticos são normalmente pequenos ou médios, e raramente muito frequentes. As características com maior variabilidade são o tipo de cozedura, consoante o efeito estético que se pretende e/ou as condições de atmosfera de cozedura, como veremos, e as espessuras, implicando uma escolha intencional relacionada com o tipo de recipiente que se pretende para determinada funcionalidade.

Partindo de um pressuposto inicial meramente empírico de que os recipientes cerâmicos deste sítio arqueológico eram, à luz da capacidade técnica da época, regrados pelo esmero e pelo aperfeiçoamento no seu fabrico, a análise de materiais só veio comprovar que a maioria dos recipientes que manipulámos apresenta uma uniformidade na qualidade dos processos técnicos, apenas com algumas variações de pormenor. É claramente manifesto o cuidado com a elaboração dos recipientes, sem que restem frequentes marcas de modelagem, elementos não plásticos acima da superfície do recipiente, ou ainda grandes rugosidades ou irregularidades. Como vimos, as pastas são bem cuidadas, resistentes e de boa qualidade. Os acabamentos de superfície são também frequentes, com algumas variações, dominando os alisados. Certamente com melhores condições de preservação das amostras encontraríamos um leque mais amplo de tratamentos de superfície, sobretudo no que diz respeito à utilização de engobes.

O conjunto é, assim, pautado genericamente pela uniformidade de fabricos, indicando processos de elaboração muito sistematizados, não parecendo existir qualquer conexão entre pasta e forma.

Um outro elemento que demonstra a boa capacidade técnica dos(as) oleiros(as) da Fraga dos Corvos e que constitui assinatura do conjunto, é a diversidade de formas,

bordos e bases dos recipientes. Ainda que muitas destas características sejam funcionais, por exemplo, os bordos exvertidos serão úteis para verter líquidos ou os tratamentos de superfície poderão auxiliar a impermeabilização dos recipientes, não podemos deixar de ver aqui também intencionalidades estéticas.

Detenhamo-nos agora nos vários passos de produção de recipientes cerâmicos, cruzando-os, sempre que possível, com a informação arqueológica disponível:

O primeiro passo é sempre a procura e recolha da matéria-prima. Como dissemos o nosso estudo partiu, exclusivamente, de uma abordagem macroscópica dos materiais cerâmicos. Como tal, a relação das pastas com barreiros locais não é, naturalmente, possível.

Está no entanto a decorrer um estudo – no âmbito da tese de mestrado de Dóron de Araújo, em Geoarqueologia, na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa<sup>9</sup> – com o objectivo de rastrear as possíveis fontes de argila que possam ter sido exploradas pelos habitantes da Fraga dos Corvos. Este projecto visa caracterizar geoquímica e petrograficamente os vários tipos de componentes das pastas dos fragmentos para posterior comparação com um conjunto de amostras recolhidas em vários barreiros da região. Esperamos, assim, que os resultados deste estudo nos possam fornecer indicações sobre as mais prováveis fontes de argilas utilizadas, a que distância se encontram e qual a representatividade de cada fonte no conjunto. A indicação preliminar de que barreiros próximos, no sopé da Serra de Bornes, podem estar na origem de algumas das argilas utilizadas concorre para que possamos desde já pensar que, também neste caso, não distariam muito do habitat as matérias-primas utilizadas.

Após a recolha das argilas, estas têm de sofrer um processo de depuração para serem retiradas as maiores impurezas. Este processo será mais ou menos demorado e cuidado conforme a necessidade de obtenção de pastas grosseiras ou mais finas. Para aumentar a consistência e a maleabilidade da pasta e para evitar riscos maiores de quebra no acto da cozedura, é frequentemente introduzido o chamado

---

<sup>9</sup> A quem agradecemos estas informações preliminares.

“desengordurante”. Este é constituído sobretudo por fragmentos moídos de minerais (sendo os mais frequentes o quartzo, o feldspato e as micas), mas também matérias orgânicas ou cerâmicas moídas (*chamota*) (Cruz e Correia, 2007, p. 24).

Contudo, o que vemos a olho nu nas pastas, pode representar quer os componentes naturais da argila (que passaram no processo de depuração) quer o que foi adicionado como desengordurante. Como referimos na metodologia que orientou o nosso estudo, não nos é possível distinguir entre um e outro, pelo que só considerámos a frequência e o calibre, elementos que nos indicam a escolha deliberada do oleiro. Os componentes minerais, pelo contrário, serão aleatórios, conquanto não fiquem normalmente visíveis na superfície do recipiente. Genericamente pudemos identificar quartzo, feldspato e mica, componentes naturais do granito, rocha presente na área de Vilar do Monte, no sopé da Serra de Bornes (Anexo 1, Carta Geológica).

Assim, com os dados que apurámos, verificamos que o processo de depuração da matéria-prima e de adição de componentes extra será genericamente cuidado, em que os elementos minerais são normalmente de pequeno ou médio tamanho, pouco frequentes ou frequentes.

Com a argila pronta, procede-se à modelagem dos recipientes. Todos os fragmentos que manipulámos apresentam fabrico manual, tendo sido modelados através de um processo simples de moldagem da pasta com as mãos ou através da técnica de colombinos, ou seja, a aplicação sequencial de rolos que são depois esbatidos para criar uma superfície homogénea (Cruz e Correia, 2007; Séronie-Vivien, p. 10). Apesar da genérica boa ligação de colombinos, algumas fracturas, sobretudo das bases, encontram-se nos pontos de ligação dos mesmos, permitindo identificar com segurança a utilização desta técnica.

Na maioria dos casos contamos com recipientes bem moldados, com ligações bem feitas entre a base e a parede, entre bordo/colo/pança ou ainda entre as partes superior e inferior das carenas. O domínio técnico está também patente, como pudemos frisar, na diversidade de soluções de pormenor dos recipientes, como indica a variabilidade de bordos, de bases e de elementos de preensão.

As três formas de ligação de elementos de preensão que identificámos são igualmente indicadoras da perfeição dedicada à elaboração dos recipientes, sobretudo quando olhamos para a cravagem. De facto, algumas asas mantiveram intacta a

estrutura que as ligava ao recipiente: um pequeno cubo ou paralelepípedo moldado nas extremidades da asa seria cravado na argila, já numa fase de secagem do recipiente, pois só desta forma se manteria intacta esta estrutura.

No grupo dos acabamentos identificámos vários tipos nas duas faces dos recipientes, desde os mais simples, como os alisados, aos mais complexos em termos técnicos como os brunidos, consoante as intencionalidades funcionais e estéticas.

Para o esbatimento e tratamento das superfícies poderiam ter sido utilizados materiais perecíveis que não sobreviveram no registo arqueológico como as peles e os tecidos mas também seixos rolados, que se encontram em abundante quantidade na Sondagem 2.

Também em muitos fragmentos tivemos oportunidade de identificar sob o tratamento de superfície uma camada de engobe, uma solução aquosa de argila aplicada sobre a superfície, conferindo-lhe suavidade e intervindo na impermeabilização do recipiente. Os engobes podem ser obtidos com as argilas utilizadas na elaboração do recipiente ou com argilas diferentes. No nosso conjunto não observámos diferenças significativas entre os engobes e as pastas que remetam claramente para utilização de argilas diferentes. O único caso em que os engobes são claramente diferenciáveis é nas pastas de cozedura redutora e arrefecimento oxidante pelo óbvio contraste de cores que apresentam. No entanto, como frisámos, o estado de conservação das superfícies dificulta em muito a certeza destas observações.

Antes da cozedura, resta apenas a elaboração da decoração dos recipientes (visto não termos no nosso conjunto exemplares de decoração pós-cozedura).

Como vimos, identificámos decoração incisa, impressa, plástica, puncionamento arrastado, brunida e por excisão. Além da utilização dos dedos e das unhas para algumas impressões, será necessário um pequeno conjunto de instrumentos facilmente acessíveis no povoado, nomeadamente um pente (feito com osso ou madeira), um punção (de osso, madeira, cana com ponta aguçada ...), e um objecto duro que permita um polimento intenso e uniforme (por exemplo um seixo rolado com

uma superfície aplanada, como os 6 possíveis exemplares identificados para a Sondagem 2<sup>10</sup>).

A decoração encontra-se presente nos tipos 6, 11, 21, 23 e B3 na fase 3 e nos tipos 2, 6, 13, 21, 22, 23, B1 e B3 na fase 4, traduzindo-se numa preferência pelas formas menos representativas do conjunto. A exceção a este panorama é a forma 2, na fase 4, que apresenta uma percentagem de decoração na ordem dos 80% (7 recipientes em 9). A localização preferencial para a decoração, como vimos, é a face externa do recipiente, muitas vezes imediatamente abaixo do bordo ou nas zonas de volume acentuado (pança, carenas, cordões plásticos), sendo menos frequentes as combinações de faces. Mesmo quando a decoração se encontra na face interna, esta localiza-se imediatamente abaixo do bordo. Neste sentido, a escolha de recipientes a decorar pautou-se preferencialmente pelas formas novas, marcadoras de um recente ambiente cultural, como são os casos das taças de carena baixa (tipos 21, 22 e 23) e os recipientes de colo estrangulado (tipo 6 e grupo B), colocando os motivos decorativos em áreas de clara visibilidade. Este dado remete-nos para questões de visibilidade dos próprios recipientes e, conseqüentemente, para os seus contextos de funcionalidade.

Na sequência de pensamento de Valera (1997, p. 83), os recipientes decorados constituiriam meio preferencial para materialização e comunicação de mensagens específicas, atribuindo-lhes um carácter de perenidade, de visibilidade e reprodução, em determinados contextos.

No nosso conjunto, a escolha de recipientes passíveis de perpetuar tais mensagens passou pela decoração de modelos morfológicos recentes, com carácter de ruptura e transformação, não só de tecnologia cerâmica mas de uma “moda” artefactual, que poderá constituir indicador de rupturas mentais (associadas aos elementos definidores de primeira Idade do Bronze, que adiante discutiremos).

Como veículos de transmissão de ideias, estes recipientes cerâmicos deveriam ter um contexto de utilização específico, condicionado por práticas, hipoteticamente, rituais, que hoje dificilmente poderemos definir.

---

10 Segundo informação pessoal de Daniela Matos, que se encontra a estudar os instrumentos líticos da Fraga dos Corvos, a quem agradecemos.

Atendendo a exemplos etnográficos conhecidos e a alguns casos de arqueologia experimental, i. e. Rodríguez e Gimenez (1993), podemos reconstruir, em parâmetros gerais, os processos de cozedura de recipientes na pré-história. São conhecidos dois tipos de cozedura: ao ar livre em fogueira (tradicionalmente conhecida como cozedura em *soenga*) e forno descoberto ou com cobertura temporária.

A cozedura em *soenga* consiste na abertura de uma cavidade no solo com profundidade suficiente para a quantidade de recipientes que se pretende cozer, na qual se coloca carvão ou lenha e sobre elas os vasos em pilha, do maior para o mais pequeno, sendo tudo coberto por matéria orgânica para reter a temperatura. Segundo os mesmos autores, a duração média deste processo é de 5 horas, em função do tamanho da fogueira, podendo atingir temperaturas entre os 700 e 800°C.

Os recipientes resultantes deste tipo de cozedura apresentam, dependendo do grau de controle da atmosfera, tonalidades avermelhadas (cozedura oxidante) se foi permitida a entrada de oxigénio (que causa a oxidação dos componentes ferruginosos das argilas) ou tonalidades escuras (cozedura redutora) se não foi permitida a entrada de oxigénio. No entanto, como é extremamente complicado garantir uma atmosfera uniforme, os recipientes podem apresentar manchas de tonalidades diferentes, umas mais escuras, outras mais claras.

A cozedura a forno descoberto implica a escavação de uma fossa no solo cujas paredes são forradas a pedra ou com taipal. Tal como no método de *soenga* as peças são empilhadas sobre combustível e cobertas por matéria orgânica. A vantagem deste tipo de forno é a redução dos riscos de fractura pois possibilita um maior controle das mudanças bruscas de temperatura.

Com base nos dados que dispomos para o sítio, não podemos assertivamente optar por um dos tipos de forno utilizados na cozedura cerâmica. Apesar de não terem sido identificadas estruturas que correspondam ao segundo método, nada nos garante que estas não tenham existido, no povoado ou em qualquer área próxima.

Atendendo aos dados das pastas, identificámos casos de cozeduras bem conseguidas em que a tonalidade dos fragmentos se apresenta homogénea, mas também exemplares com mais que uma tonalidade, por vezes possibilitando a identificação da cor dominante, enquanto que outros não nos deixaram alternativa a uma classificação de cozedura mista.

Olhando novamente para os dados estatísticos das três fases verificamos que a atmosfera de cozedura dominante é a redutora, com ou sem arrefecimento oxidante, seguido das pastas oxidantes, com ou sem arrefecimento redutor. As pastas mistas são pouco frequentes. Contamos assim com ambientes de cozedura relativamente bem controlados.

Quanto aos vestígios de utilização dos recipientes, infelizmente não dispomos de análises traceológicas, pelo que não podemos tecer grandes considerações. Os únicos dados que podemos, com muitas reservas, associar a vestígios de utilização são algumas manchas escuras que identificámos nas bases. Mas, como afirmámos acima, estas manchas poderão ter outras origens, nomeadamente relacionadas com fenómenos pós-deposicionais.

Como mencionámos diversas vezes, contamos na maioria dos casos com fragmentos de recipientes que constituem, *grosso modo*, lixo doméstico, pelo que, ainda em qualquer momento de vida do povoado, os próprios fragmentos poderiam ter sofrido qualquer acção que criasse estas manchas.

### **3.3.2 Aproximação à funcionalidade dos recipientes.**

Na descrição de cada uma das formas estatisticamente representativas aventámos já possibilidades de funcionalidade. Apurámos que as taças e as tigelas, pelas sua forma e dimensão (nos casos em que foi possível uma reconstituição gráfica integral) seriam adequadas à preparação, serviço e consumo de alimentos, sobretudo preparados mais ou menos líquidos como sopas, papas ou guisados. Vimos também que o consumo de alimentos "secos" (com a devida excepção aos churrascos) seria possivelmente menos frequente dada a fraca expressividade dos pratos.

Indicámos igualmente que a forma 6 e o grupo b poderiam constituir os recipientes adequados à contenção de líquidos (mas não exclusivamente), quer para serviços vários dentro do povoado quer para o transporte entre fontes de água ou locais de recolha/armazenagem de alimentos e o povoado.

Já a aferição de capacidade destes contentores resulta mais difícil, na medida em que não dispomos de reconstituições integrais que permitam um cálculo aproximado dos volumes.

Contudo, a pouca espessura dos bordos e a presença de diâmetros de pequena/média dimensão parece indicar-nos recipientes pouco robustos de tamanho mediano, pouco úteis para uma armazenagem algo intensiva ou de longa duração. Estes dados parecem ser corroborados pela informação fornecida pelas bases: diâmetros compreendidos entre os 7 e 15 cm e espessuras na ordem dos 0,6-1,5cm, que, mais uma vez, parecem remeter para recipientes pouco robustos e de mediana dimensão. Não esqueçamos ainda que o povoado se encontra num esporão da Serra de Bornes a cerca de 860 metros de altitude, pelo que o transporte de produtos agrícolas e de recolção, água e matérias-primas não poderia ser efectuado em contentores de grande dimensão.

Não excluimos porém a existência no povoado de recipientes de grande dimensão, atendendo aos poucos desvios de diâmetros e espessuras que pudemos identificar na forma 6, no grupo b e nas bases, mas estes seriam pouco representativos.

Afiguram-se, assim, algumas hipóteses interpretativas que, quanto a nós, poderiam perfeitamente ter coexistido: a) a armazenagem era feita em suportes de materiais perecíveis, como madeira, cestaria, etc.; b) a armazenagem de longa duração encontrava-se noutra local; c) a armazenagem encontrar-se-ia em abrigos naturais sob rocha na vertente da serra.

Quanto a questões de funcionalidade, resta-nos apenas o pequeno conjunto dos cossoiros. Estes instrumentos, utilizados na técnica de fiação em fuso, podem apresentar várias morfologias e tamanhos, e são fortes indicadores de práticas de fiação e de possível tecelagem local num sítio arqueológico. Indicam também a exploração de recursos especializados como fibras vegetais ou lã obtida por tosquia de ovinos. No sítio em consideração, foram recolhidos apenas três exemplares de cossoiros, de pequeno tamanho e com um bom grau de perfeição, sobretudo nas técnicas de acabamento da superfície. Foram igualmente recuperados escassos restos faunísticos de ovinos que poderiam constituir a fonte principal de matéria-prima. Dispondo então de fracos indicadores de tecelagem, podemos apenas conjecturar uma produção local de tecidos, sem que a possamos caracterizar em termos de qualidade, quantidade ou representatividade.



#### **4. A Fraga dos Corvos e o seu ambiente cultural**

A análise detalhada dos materiais cerâmicos do sítio arqueológico da Fraga dos Corvos permitiu perceber que não existem diferenças significativas no modo de produção dos materiais nem no seu repertório formal entre as três fases de ocupação consideradas. Foram apenas identificadas ligeiras diferenças percentuais e de pormenor que, a nosso ver, não são significativas para que possamos falar de rupturas entre fases.

A ocupação humana deste povoado aqui estudada afigura-se-nos deste modo bastante homogénea, pautada por uma continuidade de produção oleira que acompanha as sucessivas reorganizações das estruturas habitacionais do povoado. Podemos deste modo propor um conjunto de ocupações aparentemente sequencial no tempo, sem um hiato cronológico suficientemente largo para que pudessem ser introduzidas alterações significativas na cultura material e muito menos nas estruturas construtivas. Assim, as comparações com materiais de contextos coevos serão efectuadas tomando por base o conjunto estudado como um todo e não compartimentado em fases, a não ser em pequenos pontos, caso o justifique.

De forma a constituir um quadro de referência para a caracterização do conjunto cerâmico da Fraga dos Corvos tomámos como ponto de partida as linhas orientadoras do nosso conjunto: formas tradicionais (pratos, taças, tigelas, esféricos e globulares), formas inovadoras (taças carenadas, troncocónicos, bases planas, generalização dos elementos de prensão), motivos decorativos; e procurámos cruzá-las, sempre que possível, com os dados publicados para os poucos contextos escavados de primeira Idade do Bronze no norte de Portugal: Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes e Alto Douro; e nas duas áreas regionais mais próximas: Beira Alta e Meseta Norte Espanhola.

Antes da correlação entre os dados do nosso conjunto e os resultados publicados nestes contextos gostaríamos de apresentar uma breve síntese desses mesmos sítios frisando as principais diferenças metodológicas entre eles que, em não

poucas vezes, dificultaram o nosso trabalho e, conseqüentemente, reduziram o leque de possibilidades de uma comparação de acervos cerâmicos em âmbitos regionais ou supra-regionais.

No Minho apenas o povoado da Sola (Braga) forneceu dados para a caracterização deste período.

Este povoado localiza-se no concelho e distrito de Braga, a cerca de 127m de altitude num esporão de colina, conferindo-lhe boas condições de visibilidade e acesso aos vales circundantes (Bettencourt, 2000a, p. 7). Os seis cortes efectuados no sítio revelaram a presença de um povoado com duas fases de ocupação (Sola IIa e IIb) integráveis na 1ª metade do II milénio a.C. (*Idem*, p. 51, 63), atendendo aos materiais identificados e à cronometria disponível. O grau de conservação e de detalhe da caracterização dos recipientes cerâmicos provenientes destes dois momentos ocupacionais tornam este sítio privilegiado quanto à comparação com o nosso conjunto. Deixamos apenas uma nota quanto à organização da tabela tipológica apresentada (*Idem*, p. 9-12). Se resulta bastante útil a colocação dos vários tipos de recipientes pela ordem de representatividade do povoado, não será, para nós leitores, tão vantajosa a designação de pote para 8 dos tipos considerados, sobretudo quando estes apresentam algumas diferenças entre si. Atente-se, por exemplo aos tipos 1, 2 e 4 daquela tabela: enquanto os tipos 1 e 2 apresentam claramente formas de globulares de colo ou perfil em S, o tipo 4 exhibe uma forma tendencialmente esférica com bordos exvertidos, não constituindo propriamente um colo.

Em Trás-os-Montes e Alto Douro apresentam-se dois grupos de contextos: as ocupações finais do sítio da Pastoria (Chaves) e Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar) em Trás-os-Montes Ocidental, e os sítios do Fumo (Vila Nova De Foz Côa) e Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) na região do Alto Douro.

O sítio arqueológico da Pastoria localiza-se no concelho de Chaves, distrito de Vila Real, a cerca de 550-590m de altitude dominando o vale do Tâmega (Jorge, 1986, p. 409). A escavação incidiu sobre quatro áreas (Locais 1, 2, 3 e 4), apenas apresentando materiais de ruptura com os conhecidos do substrato Calcolítico nas camadas mais recentes do Local 3 (*Idem*, p. 536).

A estação arqueológica de Castelo de Aguiar localiza-se no concelho de Vila Pouca de Aguiar, distrito de Vila Real, no rebordo ocidental da bacia de Telões a uma

altitude de 660-730m (Jorge, 1986, p. 573). Foram intervencionadas 3 áreas distintas, os Locais 1, 2 e 3, que apresentaram dois momentos de ocupação: uma fase mais antiga datada de inícios do III milénio, e uma mais recente de inícios do II milénio, que constitui o momento que mais nos interessa. (*Idem*, p. 578-579; 623-624).

Estes dois últimos povoados forneceram conjuntos bastante extensos de materiais que foram publicados de forma exaustiva, sempre com um cuidado de apresentação dos mesmos critérios para todos eles: tipos de pasta, cor das superfícies externa e interna (o que na prática caracteriza o tipo de cozedura), estado de conservação das superfícies, técnicas e motivos decorativos, caracterização morfológica baseada na distinção entre recipientes abertos e fechados ou formas simples e formas compósitas (*Idem*, p. 57-62). Sublinhamos apenas a nossa dificuldade em associar os nossos tipos aos apresentados por esta investigadora, nomeadamente devido às designações bem diferentes que apresentamos: os tipos 1 a 3 de S. Jorge são denominados de esféricos que contemplam recipientes semelhantes aos que designámos de esféricos e tigelas quando, no segundo caso, se trata de um volume hemi-elipsoidal ou parabolóide, ou ainda de globulares, olhando para o subtipo 1B de Vinha da Soutilha (*Idem*, p. 114); o tipo 5 da mesma autora é designado de recipiente ovóide apresentado uma forma semelhante à dos nossos globulares cuja característica principal é a presença de um colo, mais ou menos acentuado. Além desta situação, existem formas, sobretudo a partir do tipo 7, que vão variando de morfologia e designação consoante os diferentes contextos estudados. Não nos parece que resulte eficaz a elaboração de uma tabela tipológica individual por contexto, em detrimento de uma tabela geral aplicável a todos os conjuntos, pois o cruzamento de dados entre os diferentes sítios que a autora apresenta e entre estes contextos e outros análogos se torna num processo algo difícil e moroso. Este panorama de atribuição morfológica é reproduzido nos trabalhos orientados pela mesma investigadora no âmbito de teses de mestrado, nomeadamente José Varela (2000), que além da não diferenciação entre esféricos, globulares e algumas tigelas, associa pequenos fragmentos de bordo bem exvertidos – semelhantes aos dos globulares – a “*taças tendencialmente troncocónicas muito abertas e com estreitamento acentuado na parte média inferior*” (Tipo 8, Varela, 2000, p. 20). Relativamente às técnicas decorativas sempre nos causou estranheza a designação de “impressão penteada”, recorrente na literatura arqueológica do norte de

Portugal. Segundo a descrição de S. Jorge, a “impressão penteada” é a “*acção de fazer arrastar, de forma contínua, sobre a pasta, uma matriz denteada*” ou ainda que “*subjacente à “impressão penteada”, preside o principio básico de qualquer impressão: a multiplicação de motivos idênticos graças à utilização de uma matriz múltipla*” (Jorge, 1986, p. 59). Ora trata-se aqui novamente de uma questão de diferenciação terminológica, já que S. Jorge confere à incisão o efeito de um traçado único ou, no caso de repetição, que apresente diferenças entre os traçados, pois a utilização de uma matriz múltipla confere um efeito repetitivo que não é inerente à incisão (*Idem*, p. 58-59). Pensamos que a diferença entre incisão e impressão reside somente no acto do decorador, ou um arrastamento de um objecto ou matriz pela pasta no primeiro caso, ou a impressão única ou sequencial de um objecto/matriz na pasta. Deste modo, quanto a nós, a utilização da designação de “impressão penteada”, conforme a definição desta autora, não resulta útil conquanto causa imiscuição entre as duas técnicas decorativas.

O povoado do Fumo localiza-se em Vila Nova de Foz Côa, distrito da Guarda, a 314m de altitude numa posição de domínio visual sobre o rio Côa e os planaltos envolventes (Carvalho, 2004, p. 186-188). O sítio apresenta uma única fase de ocupação que é enquadrável na transição III/II milénios (*Idem*, p. 211). A análise de recipientes cerâmicos revela-se bastante pormenorizada e clara constituindo assim um grupo de dados indispensável para o estabelecimento de paralelos com a Fraga dos Corvos.

O povoado fortificado de Castelo Velho de Freixo de Numão localiza-se em Vila Nova de Foz Côa, distrito da Guarda, a cerca de 680m de altitude igualmente com uma posição dominante na paisagem sobre ribeiras e a área planáltica de Freixo de Numão (Pereira, 1999, p. 2). Trata-se de um recinto murado com uma longa diacronia de ocupação, com estratos relativos à primeira Idade do Bronze, camadas 2/3 e 2, que acompanham uma reestruturação das estruturas. Os materiais provenientes destes dois contextos encontram-se estudados a dois níveis: o conjunto global de cerâmicas da Idade do Bronze na tese de mestrado de José Varela (2000) e os recipientes de tradição Cogeces na tese de mestrado de Leonor Pereira (1999).

Na Beira Alta consideramos os sítios arqueológicos do Buraco da Moura de São Romão (Seia) e da Fraga da Pena (Fornos de Algodres).

O sítio do Buraco da Moura de São Romão localiza-se no concelho de Seia, distrito da Guarda, sendo constituído por um conjunto de cavidades naturais a uma altitude de 680m (Senna-Martinez, 1993a, p. 56). O único contexto publicado nesta série de cavidades com materiais enquadráveis na primeira Idade do Bronze é a denominada “Sala 20”, nas unidades estratigráficas [4, 3, 11, 12 e 14], entre ocupações Calcolíticas e de Bronze Final (*Idem*, p. 59). Os materiais aqui publicados seguiram a metodologia analítica proposta pelo autor em 1989, que, em moldes gerais, foi a que seleccionámos para o nosso estudo, pelo que a comparação dos resultados se encontra amplamente facilitada.

O sítio da Fraga da Pena localiza-se no concelho de Fornos de Algodres, distrito da Guarda, a uma altitude de 740/750m conferindo-lhe um domínio visual sobre o vale da Muxagata, com a Serra da Estrela como paisagem de fundo (Valera, 2007, p. 225). As escavações decorreram em três plataformas, os Sectores 1 e 2 correspondem a um conjunto de dois recintos murados adjacentes à Fraga e o Sector 3 engloba uma pequena plataforma entre penedos, algo distante dos anteriores (*Idem*, p. 226-233). Os materiais são analisados como um todo, diferenciando-se os materiais decorados por sectores, por constituírem os principais indicadores de mudança.

Por último, os sítios da Meseta Norte Espanhola. Atendendo à grande diversidade de sítios arqueológicos para este período e a uma localização já bastante afastada, na maioria dos casos, relativamente ao nosso objecto de estudo, apenas utilizaremos os dados de síntese de Abarquero Moras (2005), e, em casos específicos, recorreremos a algumas monografias de sítio, preferencialmente quanto aos motivos decorativos.

#### 4.1. Os elementos de longa duração

As formas tradicionais, como o próprio nome indica, constituem elementos amplamente conhecidos e divulgados ao longo da Pré-História das Sociedades Camponesas. Trata-se, efectivamente, de formas empíricas baseadas na esfera e na elipsóide que se podem materializar em recipientes abertos ou fechados. O elevado grau de generalização destas formas em muitos tempos e muitos espaços alerta-nos para a necessidade de olharmos para as nuances de variabilidade e não tanto para a forma em si. De facto, o nosso conjunto revelou-nos uma diversidade de soluções de acabamento para estas formas, ponto assinalável para integração regional.

Este grande grupo pode ser subdividido em dois: as formas abertas, englobando as taças e tigelas, e as formas fechadas, onde constam os esféricos e globulares. No nosso conjunto as formas abertas encontram-se sempre com percentagens mais baixas que no caso dos globulares (admitindo que alguns fragmentos do grupo b sejam aqui enquadráveis), já que os esféricos são pouco mais que vestigiais. Em todo o caso o somatório das percentagens dos recipientes de colo estrangulado (forma 6 e grupo b) encontra-se na ordem dos 50% enquanto a soma das formas 2 e 4 apenas perfaz cerca de 30%. Esta distribuição não é semelhante a nenhum dos casos que conheçamos, sendo a mais próxima a do povoado da Sola onde dominam os recipientes globulares, que autora denomina de Potes 1 (*“forma fechada de pança ovóide, bordo tendencialmente vertical, no prolongamento da pança, com variáveis”*), 1b (*“forma com perfil em S, mais ou menos acentuado, com pança esférica ou ovóide, colo acentuado ou incipiente, com bordo em aba soerguida sempre pequena ou média e lábios arredondados, ou rectos horizontais”*) e 2 (*“forma fechada com perfil em S, mais ou menos acentuado, com pança esférica ou ovóide, como acentuado ou incipiente, com bordo esvasado e lábios arredondados ou rectos horizontais”*) (Bettencourt, 2000a, p. 9), mas a percentagem de taças e tigelas, sob a designação de malgas (tipo 22, *“forma aberta, de pança esférica ou semi-esférica”*, *Idem*, p. 11), é muito baixa, com 4%. Tal como no nosso conjunto os esféricos, que correspondem, grosso modo, ao tipo 4 (*“pote de pança tendencialmente esférica ou ovóide, de colo muito curto, bem*

*marcado e bordo esvasado*”, *Idem*, p. 10) são pouco representativos, estando na ordem dos 10%.

Em sentido oposto temos, em primeiro lugar, o povoado do Fumo onde a percentagem de taças e tigelas ronda os 57% contrapondo-se a 23% de globulares e 4% de esféricos (Carvalho, 2004, p. 198). Neste sítio, tal como no nosso caso, os pratos são muito escassos, apenas com 1% de representatividade. A “Sala 20” Do Buraco da Moura de São Romão e a Fraga da Pena apresentam igualmente uma preponderância de taças e tigelas, com 52% no primeiro caso (Senna-Martinez, 1993a, p.62) e 39,2% no segundo (Valera, 2007, p. 86). Os esféricos não chegam a 10% em ambos os casos e os globulares encontram-se na casa dos 8-11%.

Na ocupação da Idade do Bronze de Castelo Velho, o único tipo que podemos associar às nossas taças e tigelas é o tipo 4 (*“taças hemisféricas ou em calote de esfera”* Varela, 2000, p. 20) que tem uma representatividade de 26,9% na camada 2/3 e de 18,6% na camada 2. Já a obtenção de percentagem para os globulares e esféricos resulta difícil na medida em que estes são apresentados num mesmo conjunto, o tipo 3 (*“recipientes de tendência esférica e abertura ligeiramente fechada”* *Idem* p. 20) que perfaz 21,8% na camada 2/3, e 24,6% na camada 2. Nos dois sítios da zona de Chaves, a tendência é para o predomínio de recipientes esféricos (tipos 1 a 3 *“esféricos de boca muito fechada”*; *“esféricos de boca fechada”* e *“esféricos de boca levemente fechada”*, respectivamente Jorge, 1986, p. 495-506; 581-608) com 43,3% na Pastoria e 46,8% em Castelo de Aguiar, e para a escassa representatividade das taças e tigelas (semelhante exclusivamente ao tipo 4, *“taça em calote de esfera”*, *Idem*) no primeiro sítio com apenas 13% e para uma presença significativa deste tipo em Castelo de Aguiar, com 30%.

Distinguimos, quanto à representatividade de formas abertas e de formas fechadas, três grupos de sítios: a Fraga dos Corvos e a Sola exibindo um gosto especial pelas formas fechadas, sobretudo recipientes de colo, com menor ou maior estrangulação; os sítios da zona de Chaves e, talvez, Castelo Velho com preferência para esféricos; e um terceiro grupo mais enraizado na tradição composto pelo Fumo, a “Sala 20” do Buraco da Moura de São Romão e a Fraga da Pena.

Como afirmámos, a diversidade de tipos de bordo constitui marca do nosso conjunto. Em nenhum dos sítios mencionados aparenta existir tal situação, sendo nulas

as vezes em que a inflexão do bordo ou a sua forma tomem representatividade estatística. A sua caracterização é sempre sumária, estando na maioria dos casos, inserida na definição geral do tipo.



## 4.2 Os elementos inovadores.

Os inícios da Idade do Bronze são marcados, entre outros factores, pelo surgimento de formas cerâmicas novas, que introduzem uma transformação na concepção dos modelos cerâmicos e, em alguns casos, no processo tecnológico. Encontramos neste particular novos tipos de taças carenadas, recipientes troncocónicos invertidos e potes de perfil em S associados a bases planas. Estas bases instituem-se, igualmente, como marcadores de ruptura, pela vantagem prática de sustentabilidade do recipiente, pelo diferente efeito estético e pela diferença tecnológica que implica (a base tem de ser feita à parte e adicionada no fim, com o bordo voltado para baixo, por colagem). Generalizam-se também os elementos de preensão, como asas, pegas mamilares, mamilos etc. No entanto, estas novas formas não vêm substituir todo um repertório formal tradicional, vêm simplesmente adicionar-se em diferenciadas proporções aos conjuntos pré-existentes.

As taças carenadas (tipos 21, 22 e 23) correspondem a 2, 3 e 8% respectivamente nas três fases que contemplámos. Predominam no conjunto as taças de carena baixa em detrimento das carenas médias/altas. A fraca representatividade destas formas parece ser recorrente nos sítios que aqui contemplamos: 4% no povoado da Sola e em Castelo de Aguiar, presença vestigial no Fumo, na “sala 20” do Buraco da Moura de São Romão, em Castelo Velho e na Fraga da Pena. O local preferencial de presença de taças carenadas, com inflexão média-alta, sob diversos tamanhos e morfologias é a Meseta Norte (Abarquero Moras, 2005, p. 30). A título exemplificativo, seleccionamos o caso de Los Tolmos (Caracena, Soria) onde a percentagem deste tipo de recipientes (só de carenas médias e altas) é de 17% (Jimeno Martínez e Fernandez Moreno, 1991, p.105).

O aparecimento de carenas baixas nos repertórios cerâmicos esteve sempre associado a inícios da Idade do Bronze, porém as carenas médias e altas têm aparentemente como alvor o tradicional Bronze Médio, portanto, um momento já avançado dentro da primeira Idade do Bronze (Jimeno Martínez, 1984, p. 115; Fernández-Posse, 1981, p. 72-73).

Os troncocónicos invertidos (forma 26) encontram-se representados por apenas 5% (4 exemplares na fase 4). Na mesma categoria percentual está o povoado do Fumo, com 6% dos recipientes, o sítio da Pastoria, com 3,7%, Castelo de Aguiar com 1,2%, a “Sala 20” do Buraco da Moura de São Romão com 4% e por fim a Fraga da Pena com 2,3%. A única excepção é Castelo Velho que apresenta 32,1% na camada 2/3 e 36,6% camada 2, percentagens muito significativas e completamente diferentes dos restantes contextos. Ainda em local de habitat encontramos vasos troncocónicos no sítio das Areias Altas (Porto), escavado por Russel Cortez (1952).

Porém o contexto preferencial de deposição destes artefactos é o mundo funerário. Em várias das cistas funerárias do norte de Portugal encontramos este tipo de recipientes, muitos deles decorados com uma faixa horizontal de mamilos junto ao bordo e ainda com uma asa lateral. São os casos, por exemplo, da Cista de Anha (Viana do Castelo) (Silva e Marques, 1984), e da Cista do Gorgolão (Montalegre) (Silva, 1994). Também nas reocupações tardias dos monumentos megalíticos da Beira Alta são frequentes os troncocónicos, como são os casos de Orca dos Juncais (Vila Nova de Paiva); Dólmen da Sobreda (Oliveira do Hospital) ou Orca do Tanque (Sátão) (Senna-Martinez *et al.*, 1983-1984). Num estudo de volumetria destes recipientes para a Beira Alta e Noroeste, percebeu-se que estes poderiam ser elaborados *“em função de padrões volumétricos pré-estabelecidos, dentro de uma margem de variação estatística francamente baixa se recordarmos que se trata de recipientes de produção manual”* (Senna-Martinez, 1983-1984, p. 186), o que implicaria o desenvolvimento da noção de volume e conseqüentemente o manuseamento de unidades de medida e de um sistema de numeração (*Idem*). Neste sentido, a criação de recipientes com tais utilizações levou o autor a considerar o desenvolvimento de uma relação de valor de troca, consentâneo com as modificações socioeconómicas verificadas no mesmo período na Beira Alta, imputadas, fundamentalmente, pela interacção com outras áreas regionais (Senna-Martinez, 1993a, p. 89). Infelizmente, no nosso conjunto, não dispomos de recipientes deste tipo com tamanho suficiente para cálculo de volume e posterior comparação com os dados destes dois artigos.

O que considerámos como Grupo B pode, como afirmámos, englobar recipientes variados, tais como globulares, potes de colo estrangulado ou perfil em S ou ainda formas algo diferentes como as taças carenadas mesetenhas. Na verdade e

infelizmente, não podemos tecer grandes considerações sobre o conjunto. Simplesmente reforçamos a sua forte presença, a par com os globulares, demonstrando, tal como no sítio da Sola uma preferência por esta categoria morfológica. De qualquer forma, esta vincada presença é, sem dúvida, um dos marcadores de ruptura com contextos Calcolíticos nos quais prevaleciam as formas abertas, como taças e tigelas.

Um outro “fóssil director”, chamemos-lhe assim, de ruptura com modelos tradicionais é a ampla generalização das bases planas, que, no nosso conjunto são muito representativas (ainda que não saibamos, como sublinhámos, a real percentagem face a bases convexas). Estas bases encontram-se igualmente em percentagens muito significativas na Sola (Bettencourt, 2000a, p. 52, 54), na Fraga da Pena (Valera, 2007, p. 234) e em Castelo Velho (Varela, 2000, p. 22). Já nos restantes sítios as bases planas aparentam ser mais escassas, com, por exemplo 12 fragmentos no Fumo, que poderão estar associados aos troncocónicos (Carvalho, 2004, p. 203), apenas um fragmento na “Sala 20” do Buraco da Moura de São Romão e raras presenças na Pastoria, uma delas associada a um vaso campaniforme (Jorge, 1986, p. 497), e Castelo de Aguiar, sob a forma de uma base de pé alto (*Idem*, p. 584).

No nosso conjunto de bases planas identificámos vários subtipos enunciando uma grande diversidade de soluções e, conseqüentemente, efeitos estéticos para o apoio dos recipientes. Na bibliografia que consultámos não encontramos nenhum caso semelhante, ou pelo menos em que fossem apresentados dados de frequência ou estatísticos de tipos de base plana, excepto Castelo Velho, onde se criaram 3 subtipos: fundos planos com paredes verticais, fundos planos com paredes oblíquas e fundos planos tipo pé alto (Varela, 2000, p. 23).

A base em pé de anel, com apenas um exemplar presente na Fraga dos Corvos, encontra poucos paralelos em ambientes genericamente contemporâneos: existe um exemplar em Castelo Velho (*Idem*), dois exemplares em Los Tolmos de Caracena (Jimeno Martínez, 1984, p. 117), e ainda um em Castelo de Aguiar (Jorge, 1986, p.584). Trata-se, portanto, de uma forma extremamente rara, não só no noroeste de Portugal mas, aparentemente, em vários contextos da Península, em épocas tão recuadas. S. Jorge afirma que “os primeiros recipientes com pé alto ocorrem em contextos campaniformes, do âmbito de Palmela e Ciempozuelos”, também em La Pijotilla em El

Argar com as bases tipo “copas” (1986, p. 618). Jimeno Martínez, por sua vez, afirma que *“los fondos com pie son poco frecuentes en los niveles anteriores al Bronce Final; no obstante, tenemos ya ejemplos en el estrato IA del poblado de Montefrío (Granada), que se fecha en el Bronce Antiguo del Sudeste y algunos ejemplares en el Argar B”* (1984, p. 117).

As bases em *omphalus*, unicamente presentes nas fases mais antigas da Fraga dos Corvos, podem representar, ainda que o digamos com grandes reservas face ao reduzido número de fragmentos, vestígios de formas de tipo campaniforme, semelhantes, por exemplo, ao tipo 15 (*“recipientes campaniformes”*) da Fraga da Pena (Valera, 2007, p. 234-235), a que poderiam, eventualmente, estar associados alguns dos bordos do nosso grupo b.

Os elementos de prensão no nosso conjunto são algo significativos, contabilizando 40 fragmentos, englobando asas, mamilos e pegas, que só em raros casos puderam ser associados a formas específicas: uma tigela e um troncocónico. As asas que identificámos são de fita (secção sub-rectangular) ou em rolo (secção circular). No povoado da Sola as asas são bastante frequentes e apresentam variedade quanto à sua secção: na fase IIa apenas se identificaram asas de secção sub-rectangular, enquanto na fase IIb encontraram-se bases de secção sub-rectangular, triangular, semi-circular e oval (Bettencourt, 2000a, p. 60). No Fumo os elementos de prensão marcam também presença através de mamilos, cordões decorados e asas de rolo (Carvalho, 2004, p. 203). Já os sítios de Trás-os-Montes Ocidental exibem uma franca escassez de elementos de prensão, apenas existindo uma asa de fita, associada a um vaso troncocónico, na Pastoria (Jorge, 1986, p. 497). Na Fraga da Pena o panorama também não aparenta ser muito diferente, existindo asas no tipo 12 (*“potes fundos com ou sem asa de fundo plano ou côncavo”*) e no tipo 18, *“pequenos pots de colo estrangulado com ou sem asa”* (Valera, 2007, p. 234).

Procurámos, até aqui, paralelos relacionados com as presenças no nosso caso de estudo. Contudo, as ausências de determinados tipos de recipientes são igualmente de assinalar. Destacamos, então, a completa ausência na Sondagem 2 da Fraga dos Corvos dos conhecidos vasos de largo e médio bordo horizontal (formas 13 a, b e c,) bem representados na Sola IIb (14%) e na sub-região do Cávado (Bettencourt, 2000a, p. 11). Apenas identificámos três exemplares de bordos horizontais, de pequeno

tamanho que não podemos seguramente relacionar com estes recipientes do Minho devido ao seu estado fragmentário. Segundo aquela investigadora, estes recipientes encontram-se datados entre o 2º e 3º quartel do II milénio AC, estando ausentes em contextos de Bronze Final da mesma região (*Idem*).

### 4.3 As decorações

*“A inovação ou transformação estilística corresponde genericamente a uma mudança, ou a uma particular valorização social e simbólica desses “novos modos de fazer”, quer sejam revitalizados na tradição”* M. J. Sanches (1997, p. 172)

Na Fraga dos Corvos a decoração é pouco representativa no conjunto, com 2% na fase 2, 6% na fase 3, e 16% na fase 4, dominando a incisão nas fase 2 e 3 e a impressão na fase 4. A combinação destas duas técnicas é, também, frequente. As restantes técnicas identificadas (decoração plástica, “boquique”, excisão, brunimento) têm pouca representatividade.

O povoado da Sola apresenta igualmente baixas percentagens de decoração, 8% na Sola IIa e 7% na Sola IIb, dominando, em ambas as fases, a decoração plástica, seguida da incisa, sendo significativo que de uma fase para outra aumente a plástica e diminua a incisa. Segundo a autora, *“a superioridade percentual de incisões na fase IIa poderá significar uma maior proximidade com o período precedente, i. e., a segunda metade do III milénio a.c.”* (Bettencourt, 2000a, p.61). Com pouca expressividade neste povoado estão as combinações de técnicas e a decoração brunida.

O sítio do Fumo exhibe uma percentagem de decoração de 5% (dentro no NMI) e de 1,3% no total de fragmentos, portanto valores baixos. A técnica mais comum é a impressão (35%), seguida da incisão (26%). O “pente arrastado” perfaz 15% do total (Carvalho, 2004, p. 203).

Em Castelo Velho a representatividade de cerâmicas decoradas é elevada, mas vai diminuindo à medida que nos aproximamos dos contextos mais recentes. A incisão penteada<sup>11</sup>, que domina na camada 3, vai diminuindo de importância dando lugar à decoração plástica (mamilos, cordões plásticos decorados) nas camadas mais recentes

---

11 Utilizaremos daqui em diante a expressão “incisão penteada” em detrimento da que se encontra recorrentemente na bibliografia, excepto Valera (2007), pelas razões já enunciadas.

(Bronze Inicial). As restantes técnicas decorativas têm valor residual (incisão, impressão de canas, puncionamento) (Varela, 2000, p. 157). Recuperou-se, ainda, um conjunto de 125 fragmentos decorados com motivos de filiação mesetenha do grupo Cogeces/Protocogotas, que foram analisados noutra contexto (Pereira, 1999).

Na Fraga da Pena assiste-se a uma percentagem elevada de formas decoradas (21,9%) contrapondo-se a somente 1,6% de decoração dentro do total de fragmentos. Os recipientes mais decorados são os de morfologia campaniforme (38,6%), seguindo-se os esféricos, as tigelas e os globulares. Além dos recipientes campaniformes, identificaram-se três grupos de decorações: as tradicionais da região (25,2%), que englobam incisões e impressões; as cerâmicas penteadas com 29%; e as decorações plásticas com 14,5% (Valera, 2007, p. 236-240).

A “Sala 20” do Buraco da Moura de São Romão apresenta apenas 5,6 % de decoração (contra 61,5% presente na ocupação calcolítica do mesmo sítio), exibindo caneluras médias e decoração penteada apagada parcialmente por brunimento (Senna-Martinez, 1993a, p. 67).

Os sítios da Pastoria e Castelo de Aguiar exibem uma percentagem de decoração elevada, 30% no primeiro caso e 37% no segundo. Porém, trata-se de uma representatividade mais baixa que a ocupação calcolítica dos mesmo sítios (Jorge, 1986, p. 495, 581). No primeiro sítio assistimos a um domínio da incisão, com 64%, seguida da incisão penteada com 48%, a impressão a pontilhado campaniforme com 25,6% e a plástica com 14,4%. Em Castelo de Aguiar domina a incisão penteada com 59,3% seguida da incisão com 25%, e da impressão arrastada com 10,9%.

É, portanto, de assinalar a completa ausência, na Fraga dos Corvos e no povoado da Sola, de incisão penteada, técnica bem representada nos restantes contextos. Igualmente no nosso caso de estudo a representatividade da decoração plástica é pouco significativa contrariamente aos restantes sítios. Mesmo se contabilizássemos neste grupo os mamilos, presentes nas contagens dos restantes contextos, não teríamos um aumento substancial da decoração plástica, pois estes elementos apenas constituem 14 exemplares subdivididos pelas três fases.

A técnica da excisão, materializada em apenas um fragmento da Fraga dos Corvos, quando estatisticamente representativa, constitui um dos elementos caracterizadores do Bronze Final da Meseta, sob o grupo cultural de Cogotas I

(Abarquero Moras, 2005, p. 31; Molina e Arteaga, 1975, p. 179). No entanto, a sua presença remonta a contextos de campaniforme Ciempozuelos, passando por ambientes Protocogotas (Molina e Arteaga, 1975, p. 176), pelo que não estranhámos a sua presença na primeira Idade do Bronze de Trás-os-Montes.

Outra técnica extremamente rara na Fraga dos Corvos é o puncionamento arrastado, ou “boquique”, que, à semelhança da excisão, representa uma das técnicas mais frequentes em Cogotas I (Abarquero Moras, 2005, p. 31; Fernández-Posse, 1982, p. 137). A sua utilização remonta ao Neolítico, nomeadamente em vários abrigos na regiões de Málaga e de Granada (Neolítico Médio-Final da Andaluzia), que não apresentam diferenças significativas, em termos da técnica em si, aos exemplares de Bronze Final (Cogotas I) (Férrnandez-Posse, 1982, p. 139-140). Aparentemente esquecida durante o período subsequente, começam a ser identificados alguns exemplares em sítios de “Bronze Médio”, como a gruta de Arevalillo de Cega, Segovia (Fernández-Posse, 1981), a Gruta Maior de Atapuerca (*Idem*, p. 78) ou Los Tolmos de Caracena, Soria (Jimeno Martínez, 1984, p. 96). Em todo o caso a presença de “boquique” em contextos anteriores a Cogotas I é escassa, resumindo-se a poucos fragmentos em cada sítio, mas que contribuem para a sustentação de uma origem indígena da técnica (Fernández-Posse, 1982, p. 144-149; Jimeno Martínez, 1984, p. 119-125).

No que respeita aos motivos decorativos que analisámos, pudemos identificar três tipos de decoração: tradição Cogeces/Protocogotas; de tradição campaniforme; outros tipos.

A cerâmica decorada dos sítios Cogeces caracteriza-se, sumariamente, “*por la escasez o ausencia de motivos excisos y de boquique, y por el predominio de los incisos e impresos: las espigas, reticulados, zig-zags, trazos obliquos, zonas angulares rellenas de paralelas y algunas líneas incisas com pequeñas ondulaciones*” (Abarquero Moras, 2005, p. 29-30). Estes motivos decorativos encontram-se, normalmente, em bandas simples sob o bordo ou sobre a carena e/ou no interior do lábio, e estão associados a formas carenadas ou, em menos casos, a recipientes de perfil em S e tigelas (*Idem*). Neste sentido, no nosso conjunto dispomos de quase todos estes ingredientes: espigas e reticulados que constituem a maioria dos motivos decorativos simples, “zonas angulares preenchidas de paralelas” são o que chamámos de métopas (motivos 20, 23,



24, 26), bandas simples sob o bordo (pequenos X ou V's invertidos sequenciais, motivo 23), decoração sobre a carena, sobre o lábio e simultaneamente sob o bordo e sobre o lábio nas duas faces do recipiente (motivos 23 e 33). Este tipo de decorações aparece, quando foi possível determinar, nas formas carenadas (tipos 21 e 23), tal como nos protótipos mesetenhos. A incrustação de pasta branca é igualmente um factor de associação às cerâmicas decoradas dos sítios tipo Cogeces.

Apesar de encontramos todas estas semelhanças com as cerâmicas típicas do mundo Cogeces, não conhecemos nenhum caso de total afinidade forma/técnica/motivo decorativo entre exemplares da Fraga dos Corvos e de qualquer sítio mesetenho. Efectivamente, não obstante uma homogeneidade dos sítios Protocogotas atendendo às características acima enunciadas, quando olhamos a uma micro-escala revela-se-nos uma diversidade de motivos decorativos que constituem verdadeiras *facies* locais. Dentro destes sub-grupos, destacamos o núcleo do sudeste da Meseta na zona de Béjar (Salamanca), com os sítios de El Tranco del Diablo (Béjar) e de Castillo de la Corvera (Navalmoral de Béjar), onde a tradição calcolítica ainda se revela muito forte, com motivos semelhantes aos campaniformes e com frequência de pontilhado (Abarquero Moras, 2005, p. 31; Fabián García, 1993, p. 171). A ruptura com o mundo anterior não é, portanto, tão clara. Também no nosso conjunto a presença de pontilhados é muito forte, lembrando motivos campaniformes, como veremos.

Os materiais de tradição Cogeces de Castelo Velho de Freixo de Numão são, que conheçamos, os mais semelhantes com o nosso conjunto (Pereira, 2000). Naquele sítio foram identificados agrupamentos temáticos maioritariamente baseados em motivos em espiga, em ambas as superfícies do recipiente, paralelos ao bordo sob a técnica da incisão: agrupamento Ia *“linhas incisadas em espinha, paralelas ao bordo, tanto na superfície interna como na externa”*; agrupamento Ib *“à temática anteriormente descrita, poder-se-á acrescentar uma outra fiada de linhas quebradas oblíquas através da técnica da incisão e representadas sobre a superfície externa”*; agrupamento IV *“paralelamente ao bordo, e na superfície externa, dispõem-se linhas incisadas em espinha, na superfície interna, o mesmo motivo (espinha) é representado através da técnica da impressão sugerindo um tracejado”* (idem, p. 55), que correspondem, grosso modo, aos nossos motivos nº 1 a 5 e 21 e 22. Quanto às organizações decorativas de Castelo Velho também verificamos a existência de espaços delimitados

preenchidos a espigas ou linhas horizontais quebradas ou delimitadas a pontilhado (organizações decorativas A e B, *Idem*, p. 57), semelhantes às nossas métopas, motivos 20 e 23. Este repertório decorativo de Castelo Velho encontra-se patenteado em tipos análogos aos mesetenhos, pelo que foi utilizada a tipologia de Fernández-Posse para os materiais de Cogotas I. Destacamos neste particular a forma 4, que *“tienen en general un considerable diámetro de boca ... y un cuerpo superior más o menos exvasado que su carena alta separa de uno inferior, en forma de tronco de cono invertido, que remata en un reducido y plano fonfo que, logicamente, contrasta com la amplia boca”* (Fernández-Posse, *apud* Pereira, 2000, p. 58), por ser semelhante, ou praticamente igual, ao recipiente nº 105 com o que denominamos de subtipo 21.6, motivo 20, constituindo o melhor paralelo que encontramos para um subtipo que criámos.

Por último, no que toca a Castelo Velho, assinalamos a presença de pasta branca nos alvéolos da decoração tal como nos nossos recipientes (*Idem*, p. 61).

Encontramos ainda presença vestigial de cerâmica de tradição Cogeces no povoado do Fumo, com apenas 1% de representatividade: *“impressões a pente nas superfícies externa (uma fiada de VV) e interna (duas fiadas dispostas em ziguezague)”*(Carvalho, 2004, p. 211).

Os sítios com presença de cerâmica tipo Cogeces nas regiões de Trás-os-Montes e Alto Douro não se restringem a estes que mencionámos. Existe um largo conjunto de sítios identificados em prospecções e escavações de emergência que se encontram sintetizados na tese de Leonor Pereira (1999, p. 50-82), mas que infelizmente ou não se encontram escavados extensamente ou não foram ainda publicados.

No que à cerâmica de tradição campaniforme diz respeito, não pudemos associar nenhum recipiente, em termos morfológicos, aos conhecidos vasos acampanulados. Apenas mencionámos a presença de bordos que poderão ter pertencido a recipientes de perfil em S e uma baixa representatividade de bases em omphalus que eventualmente poderão ter formado morfologias de tipo campaniforme. Apenas vislumbramos a sua marca, tardia é certo, em alguns motivos decorativos.

Os pontilhados (a punção a topo ou a pente), sobretudo organizados em bandas e/ou linhas horizontais ou oblíquas ou ainda em espinhas, constituem, desde há muito, marca do Campaniforme de estilo Marítimo (Harrison, 1977, p.13-14, Senna-Martinez, 1994, p. 180). A presença deste tipo de materiais em contextos de inícios de segundo

milénio, sobretudo no centro-norte de Portugal tem, cada vez mais, sido confirmada com a publicação de novos contextos (Senna-Martinez, 1994; Jorge, 1983-1984), como por exemplo, na Bacia do Mondego. Nesta região foram recuperados recipientes de tradição campaniforme em monumentos megalíticos, como a Orca do Outeiro do Rato (Carregal do Sal), a Orca de Castenairas (Vila Nova de Paiva) ou a Orca de Seixas (Moimenta da Beira) e em sítios de habitat como o Complexo 1 do Penedo da Penha (Nelas) ou a Fraga da Pena (Fornos de Algodres)(Senna-Martinez, 1994). Este último apresenta-se como uma excepcionalidade em termos de quantidade de recipientes. Enquanto nos outros contextos a presença campaniforme é reduzida ou até residual (normalmente menos de 5 recipientes), a Fraga da Pena conta com 32 exemplares (Valera, 2007, p. 524 - 525), o que poderá estar relacionado, em termos práticos, com o cariz simbólico e cerimonial daquele espaço (*Idem*, p. 527-528). Ainda que nem todos estes recipientes sejam decorados o leque de motivos decorativos é variado: unguiações estruturadas por toda a superfície do recipiente, bandas paralelas ao bordo de linhas de pontos ou impressão de traços com espátula (estilo Internacional), vários tipos de pontilhado (Internacional de Bandas, Linear, Geométrico) (*Idem*, p. 236-237).

O noroeste forneceu, à semelhança da região anterior, recipientes campaniformes em contextos funerários, tais como o Dólmen da Barrosa (Vila Praia de Âncora), a Mamoa 2 de Outeiro de Ante (Baião), a Mamoa de Carvalhelhos (Boticas) (Jorge, 1983-1984, p. 101). Quanto a sítios habitacionais são conhecidos o Tapado da Caldeira (Baião) e a Pastoria (Chaves) (*Idem*). Encontramos ainda a sua presença no Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela), num nível que, apesar de datado da primeira metade do III<sup>o</sup> milénio, revela já alguns elementos mais tardios (Sanches, 1997, p. 126-131)

O sítio da Pastoria apresenta alguns exemplares epi-campaniformes, quer em termos morfológicos quer decorativos. Salientamos, neste particular, a organização decorativa XIII, presente nos típicos vasos acampanulados (tipos 9a, 9b e 9c para este nível de ocupação da Pastoria), que se materializa, num recipiente, numa *“faixa constituída por seis linhas horizontais (impressão de matriz denteada) delimitadas por duas linhas feitas com impressões triangulares”* e, noutro recipiente, *“sobre a carena desenvolve-se uma linha horizontal (impressão com matriz denteada) seguida de incisões curtas horizontais desencontradas e incisões curtas oblíquas também*

*desencontradas*” (Jorge, 1986, p. 497, 503), constituindo exemplares de campaniforme de tipo marítimo, variante linear, por vezes adaptado localmente com a técnica da incisão penteada (Jorge, 1985, p. 300-301).

A Galiza constitui ainda um outro pólo de presença deste tipo de cerâmica em contextos de primeira Idade do Bronze. Neste espaço regional a cerâmica decorada é fundamentalmente de tipo campaniforme, dominante em ambientes habitacionais, e caracteriza-se pela qualidade de modelagem e acabamento e pela frequente utilização integral da superfície do recipiente para decoração (Prieto Martínez, 1999, p. 72, 80). O repertório de motivos é, grosso modo, pautado por tendências geometrizes, como bandas horizontais de triângulos ou linhas cruzadas ou oblíquas, que se harmonizam por praticamente toda a superfície do recipiente (*Idem*, p. 82, especialmente Fig. 8), a par de perdurações de fórmulas clássicas como o marítimo e o linear ou emprego de técnicas variadas como a impressão, a incisão e o puncionamento (Suárez Otero, 1998, p. 85).

Na Fraga dos Corvos os motivos que podemos associar a este complexo decorativo são basicamente as construções a pontilhado (relembrando os estilos Marítimo e, talvez, Geométrico), quer com a utilização de um pente quer com um punção ou estilete, nomeadamente os motivos 4, 8, 9, 10, e 27. Em alguns casos estes encontram-se imiscuídos no seio de organizações de tipo Cogeces, como os motivos 20 e 24, tornando a harmonização das duas influências externas numa construção própria e individual, quiçá, fazendo parte de uma forma de materialização de identidade. Mas deixemos esta discussão para páginas seguintes.

Além destes motivos emblemáticos do conjunto identificámos ainda, na Fraga dos Corvos, um pequeno grupo de decorações que importa mencionar. Contamos assim com bordos denteados, elaborados segundo várias matrizes técnicas como a incisão a punção, a impressão a punção lateral, a ungulação ou a digitação; carenas e cordões plásticos decorados com impressões sequenciais (punção lateral ou ungulações); pequenas caneluras sob o bordo, e um fragmento com linhas curvas brunidas. Estes são motivos pouco significativos no conjunto e, na maioria dos casos, revelam uma simplicidade de elaboração e criação, propícia ao seu aparecimento em variados espaços e tempos, pelo não procurámos paralelos para cada um deles. Assinalamos, numa tónica de mero exemplo, o sítio de Los Tolmos de Caracena (Soria),

com ocupação humana situada grosso modo na primeira metade do II<sup>o</sup> milénio, no qual são bem frequentes os bordos denteados, igualmente sob diversas técnicas (Jimeno Martínez e Fernandez Moreno, 1991, p. 51-89).

Por outro lado, no sítio em que nos debruçamos estão completamente ausentes, até agora, os motivos estruturados com sequências de triângulos, presentes no Fumo (Carvalho, 2004, p. 203), na Fraga da Pena (Valera, 2007, p. 236-239), na Pastoria (Jorge, 1986, p. 503), e em Castelo de Aguiar (*Idem*, p. 598), associados a uma tradição calcolítica em ambas as regiões, Beira Alta e área de Chaves.

Não identificámos, igualmente, motivos construídos com formas curvas ou circulares tão frequentes, por exemplo, em Castelo Velho (Varela, 2000, p. 44, 70).

A primeira observação que sobressai das considerações acima enunciadas é a recorrente perda da representatividade da cerâmica decorada de contextos Calcolíticos para a primeira Idade do Bronze. Esta situação é particularmente gritante nos povoados da zona de Chaves de onde se partiu de um fundo tradicionalmente decorado (sempre na casa dos 80%), como mais nenhum outro do noroeste, atendendo aos dados da Vinha da Soutilha, São Lourenço e da própria Pastoria, para percentagens decorativas de cerca de 30% (uma *décalage* de 50%) na Pastoria (Jorge, 1986), a par de uma simplificação decorativa (Jorge, 1985, p. 301). Também em Castelo Velho a proporção cerâmica decorada-lisa é reduzida da ocupação calcolítica para a seguinte, associada igualmente a uma redução do leque de técnicas decorativas e à ascensão da importância da incisão penteada e da decoração plástica (Varela, 2000, p. 157). Ainda na mesma lógica encontra-se a “Sala 20” do Buraco da Moura de São Romão que apresenta 61, 5% de cerâmica decorada nos níveis de III<sup>o</sup> milénio, sendo esta reduzida para apenas 5,6% nos níveis de primeira Idade do Bronze (Senna-Martinez, 1993a, p. 67).

As baixas percentagens de decoração verificadas na Sola e na Fraga dos Corvos são, assim, perfeitamente enquadráveis num âmbito cultural mais extenso.

Já a Fraga da Pena remete para uma lógica oposta, apresentando uma percentagem de decoração de cerca de 22% contrariamente ao verificado para sítios Calcolíticos da região, nos quais apenas 10% dos recipientes são decorados (Valera, 2007, p. 236). No entanto, a transição para o novo milénio vê surgir novas

percentagens de penteados, decoração plástica e motivos campaniformes (*Idem*, p. 369-370).

Uma segunda observação será a nova panóplia de conjugação de técnicas e motivos decorativos que se reproduzem nos inícios de II<sup>o</sup> milénio, que podemos, de certa forma agrupar. Em primeiro plano a ascensão da incisão penteada (Pastoria, Fraga da Pena, Castelo Velho a Abrigo do Buraco da Pala como principais exemplos), a par da permanência de motivos triangulares de um fundo cultural comum, que se encontram ambos ausentes na Fraga dos Corvos. Por outro lado a presença de formas e motivos epi-campaniformes e de tradição Cogeces marcam o advento de uma nova moda artefactual para a maioria dos contextos aqui considerados. De fora deste panorama está a Sola que exhibe uma marca muito própria da sua região, os vasos de largo e médio bordo horizontal.

A Fraga dos Corvos, ainda que inserida nos dois principais planos decorativos da época (tradições campaniforme e Cogeces), apresenta pouca variabilidade ao nível dos motivos decorativos. Efectivamente, a maior parte da decoração parece estruturar-se nas espigas e respectiva integração em organizações metopadas. Parece, deste modo, revelar um certo arcaísmo ao gosto da região de Salamanca em que a fusão entre pontilhados e motivos em espinha é frequente (Abarquero Moras, 2005, p. 31; Fabián García, 1993, p. 171).

Entre presença e ausência de formas, diversidade de acabamentos, técnicas e motivos decorativos parece configurar-se, para este povoado, uma “micro-cultura”, um ambiente cultural, que é ainda relativamente desconhecido no actual estado dos conhecimentos, para Trás-os-Montes Oriental.

#### 4.4 Em torno das cronologias

Não existem ainda datações por radiocarbono para a Fraga dos Corvos, de modo que a respectiva integração cronológica é, por ora, apenas baseada em comparações artefactuais.

Creemos, no que se conhece para a primeira Idade do Bronze no noroeste, pelas associações de artefactos que têm sido elaboradas noutros âmbitos e pelo estudo acima exposto da componente cerâmica, estar seguros quanto a situar o tempo de vida do povoado algures na primeira metade do II<sup>o</sup> milénio a. C. No entanto, consideramos pertinente neste espaço resumir as datações obtidas para os contextos que referenciámos de modo a visualizar concretamente os intervalos mais prováveis de ocupação e cruzá-los com as diferenças de cultura material que sintetizámos.

No quadro seguinte reproduzimos a informação presente nas publicações correspondentes a cada sítio, apresentando apenas as datas que os próprios autores consideraram como válidas.

Sítio	Laboratório	Data B. P.	Data a. C. 2 $\sigma$	Bibliografia
<b>Sola (Braga) – IIa</b>	CSIC-1139	3450 $\pm$ 37	1879-1831 (0,19) 1827-1673 (0,81)	Bettencourt, 2000a, p. 46
<b>Sola (Braga) - IIb</b>	CSIC-1186	3338 $\pm$ 33	1680-1524 (100)	Bettencourt, 2000a, p. 47
<b>Sola (Braga) - IIb</b>	UtC - 5657	3343 $\pm$ 30	1680-1526 (100)	Bettencourt, 2000a, p. 47
<b>Sola (Braga) - IIb</b>	ICEN - 1274	3310 $\pm$ 110	1879-1831 (0,04) 1828-1384 (0,96) 1339-1323 (0,01)	Bettencourt, 2000a, p. 47
<b>Sola (Braga) IIb</b>	UtC-4785	3315 $\pm$ 40	1684-1509 (100)	Bettencourt, 2000a, p. 47

<b>Sola (Braga) IIb <u>Média</u> <u>Ponderada</u></b>		3334 ± 20	1673-1651 (0,11) 1648-1591 (0,44) 1589-1527 (0,45)	Bettencourt, 2000a, p. 47
<b>Castelo de Aguiar – Local 2</b>	UGRA - 185	3900 ± 180	2881-1922 (1,00) <sup>12</sup>	Jorge, 1986, p. 623
<b>Castelo de Aguiar – Local 2</b>	UGRA - 181	3730 ± 140	2550-2537 (0,01) 2491-1751 (0,95)	Jorge, 1986, p. 623
<b>La Corvera (Béjar)</b>	GrN - 17349	3355 ± 25	1731-1527	Abarquero Moras, 2005, p. 62
<b>La Corvera (Béjar)</b>	GrN - 17348	3315 ± 25	1675-1517	Abarquero Moras, 2005, p. 62
<b>Fumo (Vila Nova de Foz Côa)</b>	GiFA-99077	3560 ± 70	2129-1693	Carvalho, 2004, p. 211
<b>Fumo (Vila Nova de Foz Côa)</b>	GiFA-99076	3580 ± 70	2135-1743	Carvalho, 2004, p. 211
<b>Castelo Velho (Vila Nova de Foz Côa), camada 2</b>	ICEN -885	3570 ± 100	2199-2151 2150-1680	Jorge, 1993, p. 189
<b>Fraga da Pena</b>	Sac 1543	3710 ± 60	2282-1922	Valera, 2007, p. 251-254

Encontramos, em moldes gerais, dois grandes grupos de datas. O primeiro está localizado na transição do III<sup>o</sup> para o II<sup>o</sup> milénios a. C. representado pelos sítios de Castelo de Aguilar, Fumo, Castelo Velho e Fraga da Pena. O outro grupo situa-se em plena primeira metade do II<sup>o</sup> milénio, aproximando-se em alguns casos de meados do milénio, consubstanciando-se nos sítios da Sola e La Corvera. Esta clara subdivisão corrobora as afirmações que acima enunciámos: sítios já com elementos de ruptura

12 As datas de Castelo de Aguilar foram calibradas por nós com auxílio do Programa Calib 6.0.



com o mundo Calcolítico mas com uma representatividade destes relativamente baixa e que, alguns deles, aparentemente, se perdem num momento posterior (por exemplo, incisão penteada, morfologias claras campaniformes), por oposição à Sola, à Fraga dos Corvos e aos sítios da região de Salamanca com elementos de primeira Idade do Bronze bem marcados (generalização de formas de colo estrangulado taças carenadas, troncocónicos, bases planas, variados elementos de prensão, motivos de tradição Cogeces, motivos de tradição campaniforme diluídos e integrados nas novas modas decorativas...).

Resta-nos, agora, integrar estas observações no quadro mais alargado dos modelos interpretativos elaborados para os modos de vida destas comunidades.

## **5. As comunidades da primeira Idade do Bronze no noroeste - reflexões finais**

Só há relativamente poucos anos é que os espaços dos vivos ganharam terreno no âmbito da investigação em Idade do Bronze no norte de Portugal. Isto deve-se sobretudo à precoce identificação de espaços funerários de grande visibilidade, não pelas suas estruturas, mas pelo espólio que apresentavam, enunciando uma profunda ruptura (ainda que progressiva) com as formas e os rituais de deposição dos mortos. Deve-se também à recente identificação de alguns contextos de habitat enquadráveis nestas cronologias, potenciada por campanhas de prospecção e escavação de novos sítios, mas também pela crescente afinação das cronologias radiocarbónicas e de sequências de materiais arqueológicos.

Hoje o plano dos conhecimentos sobre as estratégias e o devir do povoamento deste período conta com alguns modelos explicativos e interpretativos das realidades observadas, sobretudo em pequenas áreas regionais, mais espaços de investigação do que efectivamente culturais. Não é, obviamente, nosso objectivo neste pequeno e breve trabalho tecer considerações alargadas sobre toda a evidência e todos os modelos interpretativos elaborados para o noroeste. Nem muito menos temos a pretensão de aqui esboçar qualquer modelo interpretativo detalhado sobre estas comunidades. Tão somente, atendendo ao estado de maturação da nossa investigação, pretendemos sintetizar os principais vectores de análise e neles procurar integrar alguns aspectos da Fraga dos Corvos.

Os modelos de ocupação do espaço dos sítios arqueológicos que considerámos são algo variados. O traço comum entre eles é a localização em pontos destacados da paisagem que lhes garante um domínio visual da zona envolvente sobretudo sobre um ou mais pontos específicos de interesse: portelas de passagem que marcam a entrada e saída de territórios, leitos de rios e ribeiras, terrenos férteis, etc. No entanto, a escolha específica de implantação subjaz substancialmente a dois modelos: reocupação e reestruturação de sítios Calcolíticos, como a Pastoria, a Sola e Castelo Velho de Freixo

de Numão e a fundação aparente de locais *ex-nihilo* como a Fraga dos Corvos, o Fumo e a Fraga da Pena. Dentro destes dois grupos, algo genéricos, podemos entrever algumas nuances de povoamento/funcionalidade. Encontramos, neste conjunto, várias modalidades de estruturação do espaço habitacional, desde a manutenção de ocupação de povoados antigos, eventualmente com uma forte carga simbólica, mas também reestruturando as edificações numa lógica de aproveitamento prático de sólidas estruturas habitacionais. Falamos aqui de Castelo Velho e Castanheiro do Vento (de que esperamos uma publicação sobre a ocupação final deste sítio) (Coixão, 2000, p. 70). No primeiro destes povoados murados, a terceira fase de ocupação (que é correspondente aos inícios da Idade do Bronze) apresenta várias modificações ao nível das estruturas pétreas: as portas leste e norte são fechadas, mantendo-se exclusivamente a porta oeste; verifica-se a construção de novas estruturas domésticas adossadas à torre central; inutilização das estruturas prévias; preservação e reutilização das muralhas e torre central, "*embora possa não lhes ter atribuído a mesma função*" (Jorge, 1993, p. 186-187).

Num modelo de estruturação de espaços domésticos bem diferente de Castelo Velho e assente na utilização de edifícios habitacionais elaborados com materiais menos resistentes e menos conserváveis no registo arqueológico, encontramos a Sola e a Pastoria, que, na sua ocupação da Idade do Bronze, mantêm esta lógica apenas evidenciando algumas modificações entre fases. No povoado da Pastoria as alterações deste novo momento de ocupação prendem-se sobretudo com questões de funcionalidade, parecendo que terá havido um incremento de estruturas de produção, consumo e armazenagem de alimentos (Jorge, 1986, p. 523).

No sítio da Sola, a ocupação calcolítica encontrava-se muito destruída, pelo que apenas se pode recuperar uma dispersão de materiais arqueológicos numa área relativamente vasta do cabeço (Bettencourt, 2000a, p. 47). Já a fase IIb, datada da primeira metade do segundo milénio, revela-nos uma ocupação efectiva de uma ampla área no mesmo cabeço sendo identificada em várias plataformas onde decorreram as sondagens. Trata-se, nesta fase, de um povoado estruturado por "cabanas", uma delas definida parcialmente por uma espécie de murete de pedra. Além das estruturas habitacionais em si, foi possível determinar um possível local de armazenagem, constituído por silos e fossas ovóides contendo ainda sementes e macrorrestos de

Leguminosas evidenciando a utilização de cestaria ou entrançados vegetais que garantem a necessária impermeabilização para estes produtos (*Idem*, p. 49). Também nesta fase de ocupação foram identificadas duas áreas de eventual produção metalúrgica (cortes 1 e 4), contendo "*fossas abertas no saibro, com canais laterais, algumas ainda com vestígios de combustão no seu interior ou cobertas de pedras fumigadas e com acumulação de carvões que interpretámos como possíveis fornos de fundição*" (*Idem*). Estamos, portanto, na presença de um povoado com nítidas preocupações de organização do espaço interno relacionadas com actividades específicas: uma área de armazenagem localizada em zonas altas onde o arejamento contribuiria para a conservação dos bens alimentares mas também, como afirma a autora, "*é possível que os lugares mais altos e centrais funcionassem como áreas comunitárias de referência, propícias à armazenagem dos bens públicos*" (p. 50); a distribuição do povoado por vertentes facilitaria o acesso ao rio Outeiro e às terras bem drenadas e protegidas indicadas a actividades agrícolas (*Idem*); uma área de actividade metalúrgica a que se associam os vasos de largo e médio bordo horizontal, recipientes que aparentam ter um amplo valor simbólico e de estatuto social (*Idem*).

Os povoados do Fumo e da Fraga dos Corvos aparentam enunciar a colonização de novos espaços (quiçá territoriais) onde previamente não existia ocupação. O primeiro destes sítios apresenta estruturas de habitat relativamente simples, mas insuficientes para uma plena caracterização da organização dos espaços domésticos. Apenas se reconheceram dois buracos de poste, algumas fossas, cuja funcionalidade se desconhece (não foram identificados aqui restos orgânicos), uma lixeira, com vestígios de matéria orgânica, uma lareira e uma lareira em fossa (Carvalho, 2004, p. 193-195).

O sítio da Fraga dos Corvos exhibe igualmente estruturas de habitat tecnologicamente simples, evidenciadas pelos vários conjuntos de buracos de poste identificados. Existem ainda algumas fossas pouco expressivas e possíveis bases de lareira (*vide supra*). Não foram, à data, identificadas áreas de armazenagem. Como discutimos acima não pudemos identificar um conjunto sólido de recipientes que propiciassem claros indicadores desta tarefa doméstica. Pensamos, porém, que esta ausência na área escavada poderá constituir apenas a indicação de que a armazenagem de longa duração, a existir, pudesse encontrar-se noutra local. Para a sustentação desta hipótese de trabalho relembramos a presença de três abrigos sobre rocha numa das

vertentes do cabeço onde se localiza a Fraga dos Corvos, tendo um deles sido integralmente escavado, revelando vários pisos de habitat, buracos de poste, uma estrutura de tipo rampa e uma fossa (Senna-Martinez *et alli*, 2006). Aguardamos então a finalização de uma tese de mestrado sobre os recipientes cerâmicos deste Abrigo e/ou a publicação final interpretativa do mesmo contexto para que possamos, de uma forma mais assertiva, indicar correlação ou não correlação entre o espaço do povoado e do Abrigo 2. De qualquer forma, a recorrente exploração arqueológica do cabeço da Fraga dos Corvos e da Serra de Bornes (nos âmbitos dos trabalhos da Associação Terras Quentes e da implantação de estruturas eólicas) tem revelado alguns pontos específicos de interesse arqueológico que, com a devida intervenção, poderá eventualmente fornecer mais dados para esta nossa discussão e para a melhor caracterização do sistema de povoamento deste local.

As únicas áreas funcionais que foram possíveis determinar relacionam-se com a metalurgia: estruturas de combustão associadas a restos vitrificados, fragmentos de artefactos em metal e um fragmento de molde de machados concorrem para a afirmação de um espaço reservado para estas actividades (i. e. Senna-Martinez *et al*, 2007).

A Fraga da Pena organiza em si um conjunto de novas perspectivas quanto à estruturação do povoamento. Em primeiro lugar, sobressai a escolha do local de implantação do povoado, adossado a um proeminente Tor granítico com cerca de 12 metros de altura, visível por toda a região. Tal fenómeno natural deverá ter sido acrescido de vários simbolismos, histórias ou mitos que em muito influenciariam as comunidades pré-históricas (Valera, 2007, p. 444). A organização interna do espaço passou pela edificação de dois recintos, um em cada plataforma, materializados no Sector 1, sob a forma de muros e três bastiões semi-circulares, resultando num espaço útil bastante restrito, com cerca de 110m<sup>2</sup>. O Sector 2 apresenta igualmente um muro. Em ambos os sectores é notória a preocupação pelo aproveitamento das condições naturais de terreno adaptando as estruturas aos vários desníveis e obstáculos. Mas, "*a relação entre o Tor granítico da Fraga da Pena e as estruturas amuralhadas que lhe foram encostadas não resulta numa simples adição, mas num edifício onde todos os volumes, artificiais e naturais, se interligam de forma absolutamente interdependente*" (Valera, 2007, p. 449). Interligando a decisão deliberada de ocupar, monumentalmente,

um espaço de simbolismo e significados prévios e, possivelmente, ancestrais, ao estudo da componente artefactual, o autor propõe uma utilização do recinto não residencial, mas virada para práticas ritualizadas que *"podendo estar imbuídas de alguns gestos e actos do dia a dia, encontravam neste edifício o seu local específico de concretização, construindo, juntamente com a arquitectura e as materialidades que por ali circulavam, sentidos específicos partilhados pelas comunidades que habitavam a zona"* (idem, p. 454).

Além deste núcleo duro que apresentámos conhecem-se outras ocupações correspondentes aos inícios da Idade do Bronze. Em primeiro lugar as ocupações sob rocha, materializadas na "Sala 20" do Buraco da Moura de São Romão, de que já falámos, constituindo um dos poucos contextos habitacionais conhecidos na Beira Alta, e o Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela). Este último sítio apresenta uma sequência de ocupações que remontam ao Neolítico Antigo e terminam algures perto da transição para a Idade do Bronze (ainda que as datas radiométricas não o indiquem claramente) (Sanches, 1997). O particularismo deste abrigo passa pela grande quantidade informativa relativamente às questões de armazenagem do Calcolítico da região, evidenciando um aumento paulatino das dimensões dos recipientes e da diversidade de espécies à medida que se aproxima o II<sup>o</sup> milénio. É igualmente neste último nível identificado que a utilização do espaço deixa de ser exclusivamente para armazenagem tendo sido identificadas estruturas tradicionalmente associadas com actividades domésticas (*idem*).

O quadro de sítios largamente escavados e publicados enquadrável na nossa problemática é, como diversas vezes assinalámos, escasso. Contudo o leque de sítios identificados é substancialmente maior, como atestam os inventários de síntese publicados, por exemplo, por Sá-Coixão (2000, p. 70-71) ou Ana Bettencourt (i. e. 2000a, p. 51), possibilitando a formulação de um povoamento simultaneamente mais denso e menos marcante na paisagem (Jorge, 1999, p. 113) com as devidas excepções.

Neste sentido, e pelo exposto, estaremos, com forte probabilidade, perante um modelo de povoamento múltiplo, englobando diversas estratégias de continuidade e ruptura com momentos anteriores, mas genericamente menos visível, menos monumentalizado, com um impacto menor na paisagem.

Paradoxalmente, a par de um decréscimo de visibilidade do povoamento tem sido apontado um crescimento, por vezes exponencial, das actividades económicas. Efectivamente, os estudos de reconstituição paleoambiental indicam, para este período, um *"increase in anthropisation and domestication of the landscape, with consequent disturbance in vegetation, verified by archaeological and paleoenvironmental results (involving anthracology, zooarchaeology, archeozoology, paleocarpology and palynology) that show a more systematic form of plant and animal husbandry and changes in the cognitive codes related to land"* (Bettencourt, 2003, p. 203). Igualmente a recolha de carvões vegetais e sementes carbonizadas em contextos arqueológicos tem vindo a permitir caracterizar quer o coberto vegetal da época bem como a quais as espécies utilizadas e/ou consumidas pelas comunidades humanas. Para Trás-os-Montes a Alto Douro é pioneiro o trabalho de Isabel Figueiral e Maria de Jesus Sanches (1998-1999), no qual sintetizam a informação proveniente das análises de carvões vegetais recolhidos em vários sítios arqueológicos datados do III<sup>o</sup> milénio e transição para o II<sup>o</sup>. Este estudo permitiu perceber que partindo de uma agricultura itinerante se passou progressivamente para uma agricultura mais sedentária e que, em meados do III<sup>o</sup> milénio se encontrava plenamente instituída (*Idem*, p. 77). A este fenómeno de intensificação agrícola e mais incisiva ocupação do território soma-se um processo de aumento de desflorestação que se manifesta, sobretudo, no aumento do estrato arbustivo. Está, portanto, em marcha já em meados do III<sup>o</sup> milénio um processo de intensificação económica sustentado por uma prática agrícola mais consistente e pela consequente ocupação intensiva do espaço. Verifica-se conjuntamente uma maior diversificação dos produtos agrícolas (trigo, cevada, fava, ervilha, linho, lentilha) que implica uma rotatividade de culturas (*Idem*, p. 78), e uma utilização mais diversificada dos recursos naturais, passando pela exploração mais efectiva dos recursos líticos e minerais e pela ampla diversidade da recollecção (bolota, avelã, medronho, pinhão, azeitona, noz, pêra..) (*Idem*; Sanches, 1997; Bettencourt, 2000a), numa lógica de complementaridades económicas.

O Minho, nas bacias dos rios Cávado, Ave, Neiva e Lima, assiste genericamente aos mesmos fenómenos que Trás-os-Montes, como atestam os dados de sítios de habitat e funerários da primeira metade do II<sup>o</sup> milénio, ainda que muito resida por identificar e discutir (Bettencourt, 2003). Com este estudo inferiu-se um aumento da

domesticação da paisagem e estádios avançados de distúrbios na vegetação, sobretudo no vale do Cávado, como atestam os dados do sítio da Sola, podendo estar relacionados com uma intensificação das actividades agro-pastoris (*Idem*, p. 204). O mesmo se passa na região envolvente aos sítios da Bouça do Frade (Baião), Tapada da Venta (Celorico de Basto) e de várias necrópoles minhotas (*Idem*).

Quanto aos vestígios faunísticos são vários os sítios arqueológicos que forneceram elementos para a identificação das espécies consumidas. O sítio da Pastoria permitiu a recolha de fragmentos de ovicaprinos e suídeos, cuja localização espacial e presença de marcas de corte indicam um consumo no povoado, e também de cães e gatos (Jorge, 1986, p. 519-520). O povoado da Fraga dos Corvos forneceu igualmente alguns fragmentos de osso calcinado permitindo a identificação de ovicaprinos e bovinos no grupo das espécies domésticas, de suídeos (assumindo a forte possibilidade de se tratar de javali) e cervídeos representando a caça (*vide supra*). Também o sítio do Fumo apresenta alguns restos faunísticos, como ovicaprinos, bóvidos, suídeos (não sendo possível distinguir entre porco e javali), cervídeos, e coelhos (Valente, 2004). Por último, a "Sala 20" do Buraco da Moura de São Romão apresenta restos faunísticos das seguintes espécies: suídeos, bóvidos, ovicaprinos cervídeos e felinos (gato bravo possivelmente) (Cardoso *et al*, 1995/1996). De notar, em praticamente todos estes contextos, o consumo de animais de médio/grande porte, nomeadamente os bóvidos, que pelas suas dimensões, constituem importante fonte calórica divisível por um número considerável de indivíduos. É ainda importante mencionar a grande representatividade, em todos os conjuntos, das espécies domésticas em detrimento das componentes de caça, mais uma vez sustentando a hipótese de uma economia alimentar cada vez mais apoiada nas práticas agro-pastoris.

Por outro lado, a identificação de claras áreas específicas de armazenagem no seio dos contextos domésticos como vislumbramos na Sola (Bettencourt, 2000a, p. 49) e em Castelo de Aguiar (Jorge, 1986, p. 608), e, de igual forma, o aumento substancial da capacidade dos recipientes cerâmicos em âmbitos domésticos, como por exemplo, nas últimas fases da Pastoria (Jorge, 1986, p. 519), Castelo de Aguiar (*Idem*, p. 608) e do Abrigo do Buraco da Pala (Sanches, 1997, p. 227), remetem-nos, mais uma vez, para uma ocupação mais efectiva da paisagem, virada para a exploração de um leque mais



variado de recursos e num abastecimento mais variado e mais abundante de bens alimentares.

Num ambiente de intensificação económica os intercâmbios de matérias-primas, bens alimentares etc. são claramente potenciados. Disto constitui evidência a presença de cerâmicas de tradição Cogeces em vários sítios arqueológicos de Trás-os-Montes e Alto Douro, como vimos, que denunciam contactos com a Meseta Norte.

Será igualmente neste contexto que surgem as primeiras práticas metalúrgicas utilizando ligas de bronze, como os recentes dados da Sola (Bettencourt, 2000a, p.49; 2003, p.14-19) e da Fraga dos Corvos (por exemplo, Senna-Martinez *et al*, 2007) comprovam.

Efectivamente, estamos perante um mundo totalmente novo no noroeste quando comparado com o prévio Calcolítico. A mudança foi, primeiramente, vislumbrada no registo funerário com a progressiva perda da utilização de monumentos megalíticos e a crescente descoberta de enterramentos individuais com um espólio associado a símbolos de poder e estatuto (artefactos metálicos, incluindo em metais nobres - veja-se a título de exemplo o grande complexo funerário de Vale Ferreiro (Fafe, Bettencourt *et alli*, 2005) - e cerâmicas de excepção como os troncocónicos. Esta mudança a nível dos rituais de enterramento enuncia já uma nova concepção social que privilegia a visibilidade das manifestações associadas ao mundo masculino e das armas, vislumbrado também pelas estelas deste período (Senna-Martinez, 2009). Porém, seguindo o pensamento deste autor, a esfera do feminino não parece ter pura e simplesmente desaparecido, num movimento drástico de transformação social. Parece sim ter-se "esbatido" ou "desvanecido", pelo menos em termos de visibilidade (arqueológica), havendo, diluídos na paisagem e no registo arqueológico, alguns elementos que permitem vislumbrar alguns elementos tradicionalmente considerados na esfera feminina: a estátua-menir da Ermida (Ponte da Barca), os "idoliformes" femininos da Rocha 1 da Bouça do Colado ou da Fraga dos Corvos (*Idem*).

No meio de tais transformações o papel dos povoados deverá ter sido decisivo. Em primeiro lugar, os locais domésticos são o ponto de partida para a gestão de toda uma economia, que começa com questões de subsistência imediata e a longo prazo. Segundo o que sintetizámos acima, esta é uma época de intensificação e de

diversificação económica, a par da colonização de novos territórios e paisagens, pelo que a implantação dos sítios de habitat em pontos estratégicos deverá relacionar-se com questões de controlo e legitimação. Por outro lado, a presença de povoados em sítios estruturantes da paisagem pode relacionar-se com a exploração de determinados recursos de excepção, nomeadamente matérias-primas líticas, como por exemplo o talco-xisto utilizado no fabrico de artefactos excepcionais da Fraga dos Corvos (Idem, p. 447) ou as jazidas minerais, como a Junqueira e a Ponte do Azibo nas proximidades da Fraga dos Corvos (Geirinhas *et al.* 2008).

Os povoados e as esferas da economia doméstica são agora menos visíveis, mas são simultaneamente mais poderosos, constituem o sustentáculo de uma nova ordem social. Os povoados são menos visíveis na paisagem, as estruturas habitacionais são menos imponentes, a cerâmica doméstica é menos expressiva (sobretudo ao nível da decoração), mas ao mesmo tempo, neles são operadas tarefas fundamentais para a estruturação desta nova ordem: é aqui que a produção metalúrgica, símbolo de poder e estatuto, tem lugar, é aqui que se gerem os bens alimentares para longa duração através da presença de locais de armazenagem, é neste espaço que a interacção entre locais e forâneos tem visibilidade (veja-se a recorrente presença de cerâmicas de tradição Cogeces). Acreditamos também que é neste espaço que começam as delimitações de identidade e de territorialidade que serão tão marcadas no Bronze Final. Concorre para esta hipótese a produção local de artefactos de valor, de estatuto e de "superioridade" tecnológica, de que os machados de tipo "Bujões/Barcelos" constituirão expoente máximo.

Será, talvez, ainda cedo para pensarmos em fronteiras locais ou regionais ou para falarmos concretamente em identidades. Mas não será precipitada a iniciação da construção de uma base de dados mais completa, mais virada para a resolução deste questionário. Projectos regionais como o elaborado para a bacia do Cávado, a que tantas vezes recorreremos, serão fundamentais nestas questões.

Construir um esboço de identidade para a Fraga dos Corvos é difícil e, para já, precipitado. Apenas contamos com fragmentos, com pontos específicos de análise que, num breve lapso de tempo, serão agrupados e integrados. Será, nessa altura, que uma visão mais detalhada do modo de ser e estar daquela(s) população(ões) verá a luz do dia. Para já destacamos algumas linhas de força provenientes deste trabalho:

A produção técnica dos recipientes apresenta uma grande homogeneidade e uniformidade para além de um gosto pela perfeição de acabamentos. Verificou-se igualmente uma tendência para a diversidade formas, tipos de bordo, e tipos de bases, enunciando uma preferência pela variedade formal e estética, que aparenta ser um elemento exclusivo deste sítio.

A nível de repertório formal identificou-se uma preferência por formas com presença de colo, muitos deles estrangulados, com uma representatividade menor para as formas abertas, as taças e tigelas. Quanto à funcionalidade destes recipientes, além das actividades domésticas habituais, não se pôde assegurar assertivamente a presença de recipientes de armazenagem de longa duração. Pensamos, porém, que a ausência significativa destes recipientes pode somente remeter para uma outra localização da armazenagem, nomeadamente nos abrigos sob rocha na vertente do cabeço da Fraga dos Corvos. Dentro do conjunto cerâmico existiam ainda três cossoiros levantando a hipótese da prática de fiação de lã (ou qualquer tipo de fibra vegetal) remetendo para uma eventual utilização da tecelagem para o fabrico de vestuário.

Vários foram também os elementos cerâmicos inovadores face a momentos anteriores, tais como as taças carenadas, os troncocónicos, a generalização das bases planas e dos elementos de preensão, que, um pouco por todo o norte de Portugal marcam a sua presença revelando o advento da Primeira Idade do Bronze.

No que respeita à decoração, e como acontece na maioria dos sítios coevos, esta é bastante baixa. Como técnicas dominantes identificámos a incisão e a impressão, estando completamente ausente a incisão penteada tão divulgada nesta época. Mas por outro lado, surgem alguns fragmentos decorados segundo duas técnicas pouco usuais, que só irão ganhar representatividade no Bronze Final, a excisão e o puncionamento arrastado ou "boquique". Mesmo em relação aos motivos decorativos, verifica-se pouca diversidade, sendo o conjunto pautado, grosso modo, por dois grupos de "influências" que, em muitos casos, se fundem. Falamos dos motivos decorativos de tipo Cogeces ou Protocogotas, em muito semelhantes a sítios da região de Salamanca, sobretudo pela utilização do pontilhado para formação de métopas. O mesmo pontilhado sugere a perduração da tradição campaniforme, de tipo Marítimo. A presença destes dois tipos decorativos, preferencialmente quando surgem associados e plenamente harmonizados numa mesma peça, remete-nos para uma espécie de marca

identitária que não vislumbramos em nenhum dos sítios do norte de Portugal, mesmo em Castelo Velho, que constitui o sítio arqueológico, neste aspecto, mais próximo do que aqui falamos.

A análise intensiva dos materiais que aqui fizemos, além de pretexto para todas as considerações que se seguirem constitui, a nosso ver, uma base para trabalhos futuros, nossos ou de todos os que estudarem este ambiente cultural. Estamos, ainda, numa fase embrionária de conhecer a Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental, sobretudo este mundo novo de metalurgistas e comunidades socialmente complexas, pelo que este estudo é, dentro dos limites de tempo e preparação que tivemos, uma pequena e breve aproximação à exploração dos potenciais destes novos contextos neste âmbito regional.

## 6. Bibliografia

ABARQUERO MORAS, F. J. (2005) – *Cogotas I. La difusión de un tipo cerámico durante la Edad del Bronce*. Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo.

BARKER, P. (2003) – *Techniques of Archaeological Excavation*. London: Routledge.

BERNARDI, B. (2007) – *Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos*. Lisboa: Edições 70.

BETTENCOURT, A. M. S. (1999) – *A Paisagem e o Homem na Bacia do Cávado durante o II e o I Milénio a. C.* Dissertação de Doutoramento apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. 3vols. Policopiado. Braga.

BETTENCOURT, A. M. S. (2000a) - *O povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal*, Ed. Cadernos de Arqueologia. Monografias - 9, Braga.

BETTENCOURT, A. M. S. (2000b) - O vale do Cávado (Norte de Portugal) dos finais do III milénio aos meados do I milénio AC: sequências cronológico - culturais, Pré-História Recente da Península Ibérica, *IIIº Congresso Peninsular de Arqueologia*, ADECAP, Porto, p. 79–93.

BETTENCOURT, A. M. S. (2003) - Plant and animal husbandry in the II millennium BC in northern Portugal, *Journal of Iberian Archaeology*, 5.

BETTENCOURT et al 2005 BETTENCOURT, A.M. *et alli.* (2005) – The ceremonial site of Vale Ferreiro, Fafe, in the contexto f the Bronze Age in Northwestern Portugal. *Journal of Iberian Archaeology*. 7, p. 159-175.

BETTENCOURT, A. M. S.; SANCHES, M. J. (1998) – Algumas questões sobre a Idade do Bronze do noroeste de Portugal. R. Fábregas Valcarce (ed.) *A Idade do Bronze na Galícia. Novas Perspectivas*, Ed. Cadernos do Seminário de Sargadelos, p. 13 – 45.

BODENHORN, B.; vom BRUCK, G. (2006) – “Entangled in Histories”: an Introduction to the Anthropology of Names and Naming. vom BRUCK, G.; BODENHORN, B. (Eds.) – *The Anthropology of Names and Naming*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-31.

CARVALHO, A. F. (2004) – O Povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7-1, p. 185-219.

CARDOSO, J. L.; SENNA-MARTINEZ, J. C.; VALERA, A. C. (1995/1996) - Aspectos da economia alimentar do Bronze Pleno da Beira Alta: a fauna de grandes mamíferos das "Salas 2 e 20" do Buraco da Moura de S. Romão (Seia). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 3/4, Lisboa: Colibri, p. 253-261.

COIXÃO, A. N. S. (2000) – Do Neolítico ao Bronze na Região “De Entre Côa e Távora”. *Côavisão*, 2, p. 65-79

CORTEZ, F. R. (1952) - Contributo para o estudo do Neolítico de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XIII(3-4), p.193-248

CRUZ, M. D.; CORREIA, V. H. (2007) – *Normas de Inventário: Cerâmica Utilitária, Arqueologia*. Instituto dos Museus e da Conservação.

CRIADO BOADO, F. (1997) – Introduction: Combining the Different Dimensions of Cultural Space: Is a Total Archaeology of Landscape Possible?. CRIADO BOADO, F.; PARCERO, C. (eds.) *Landscape, Archaeology, Heritage*. TAPA 2: Trabajos en Arqueología del Paisaje. Universidade de Santiago de Compostela.

DINCAUZE, D. F. (2000) – *Environmental Archaeology. Principles and Practice*, Cambridge University Press, Cambridge

ELIADE, M. (2004) – *Tratado de História das Religiões*. Porto: Edições Asa.

ERICSON, J.; STICKL, G. (1973) – A Proposed Classification System for Ceramics. *World Archaeology*, 4(3), p. 57-67.

FABIÁN GARCÍA, J. F. (1993) - La secuencia cultural durante la Prehistoria reciente en el Sur de la Meseta Norte Española. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XXXIII (1-2), pp.145-178

FERNANDEZ-POSSE, M.D. (1981) La cueva de Arevalillo de Cega (Segovia). *Noticiario Arqueológico Hispanico*, 12, p.43-84

FERNÁNDEZ-POSSE, M. D. (1982) - Consideraciones sobre la técnica de Boquique. *Trabajos de Prehistoria (NS)*, 39, p.137-159

FIGUEIRAL, I.; SANCHES, M. J. (1998-1999) – A Contribuição da Antracologia no Estudo dos Recursos Florestais de Trás-os-Montes e Alto Douro Durante a Pré-História Recente. *Portugália*, Nova Série, XIX-XX, p. 71-95.

GEIRINHAS F., GASPAR M., SENNA-MARTINEZ J.C., FIGUEIREDO E., ARAÚJO M.F., SILVA R.J.C. (2008) - Copper isotopes on artifacts from Fraga dos Corvos First Bronze Age habitat site and nearby Cu occurrences: an approach on metal provenance. *V Symposio Internacional «Minería y Metalurgia Históricas en el Suroeste Europeo»*, León (España).

GILMAN, A. (2003) – El impacto del Radiocarbono sobre el estudio de la Prehistoria tardía de la Península Ibérica: breves comentarios. *Trabajos de Prehistoria*, 60 (2), p. 7-13.

GOSDEN, C. (1999) – *Anthropology and Archaeology: a changing relationship*. London: Routledge.

GUARINELLO, N. L. (2005) – *Archaeology and the Meanings of Material Culture*. FUNARI, P. P.; ZARAKÍN, A.; STOVEL, E. (eds.). *Global Archaeological Theory. Contextual Voices and Contemporary Thoughts*. Kluwer Academic/ Plenum Publishers

HARRIS, E. (1991) – *Principios de Estratigrafía Arqueológica*. Barcelona: Editorial Crítica.

HARRISON, R. J. (1977) - *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*. Cambridge: Harvard University.

INGOLD, T. (1993) – The Temporality of the Landscape. *World Archaeology*, 25 (2), p. 152-174.

JIMENO MARTINEZ, A. (1984) – *Los Tolmos de Caracena (Soria) (campanias de 1977, 1978, 1979): nuevas bases para el estudio de la Edad del Bronce en la zona del Alto Duero*. Excavaciones Arqueológicas en España, Dirección General de Bellas Artes y Archivos.

JIMENO MARTÍNEZ, A.; FERNÁNDEZ MORENO, J. J. (1991) – *Los Tolmos de Caracena (Soria) (campanias de 1981 y 1982). Aportación al Bronce Medio de la Meseta*. Madrid: Dirección General de Bellas Artes y Archivos, Instituto de Conservacion y Restauration de Bienes Culturales.

JORGE, S. O. (1983-1984) – Aspectos da Evolução Pré-Histórica do Norte de Portugal durante o IIIº e o IIº Milénios a. C. *Portugália, Revista do Departamento de Ciência e Tecnologia do Património da FLUP*, 04-05, p. 97-110.

JORGE, S. O. (1985) – Povoados da Pré-História Recente do Norte de Portugal (IIIº e começos do IIº milénios a. C.): Resultados e problemas das escavações dos últimos



anos. *Revista da Faculdade de Letras: História*, 2, Porto: Universidade do Porto, p. 297-308.

JORGE, S. O. (1986) – *Povoados da Pré-História Recente (III<sup>o</sup> - Inícios do II<sup>o</sup> milénios A. C.) da Região de Chaves - V<sup>a</sup> P<sup>a</sup> de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto, 3 vols.

JORGE, S. O. (1991) – Idade do Bronze: Apontamentos sobre a Natureza dos Dados Arqueológicos. *Revista da Faculdade de Letras, História*, série II, 8, p. 385-392.

JORGE, S. O. (1993) – O povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da pré-história recente do Norte de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XXXIII (1-2), p. 179-221.

JORGE, S. O. (1995) – Introdução. *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. Lisboa: SEC/IPM/MNA, p. 16-20.

JORGE, S. O. (1998) – Diversidade regional na Idade do Bronze da Península Ibérica. Visibilidade e opacidade do “registo arqueológico”, *Arqueologia: percursos e interrogações*, Porto: ADECAP, p. 151-172

JORGE, S. O. (1999) – *Domesticar a Terra, As Primeiras Comunidades Agrárias em Território Português*, Lisboa: Gradiva.

LEMOS, F. S. (1993) – *O Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*. Dissertação de Doutoramento na Especialidade de Pré-História e História da Antiguidade. Braga: Universidade do Minho. 3.vols. Policopiado.

LLORET, C. O.; HURTADO PÉREZ, V. (2005) - Tecnología y producción de decoraciones cerámicas campaniformes con relleno de hueso en la cuenca media del Guadiana. *VI Congreso Ibérico de Arqueometría. Avances en Arqueometría*.

MARTINS, M. (1990) - *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*. Cadernos de Arqueologia. Monografias. Braga: Universidade do Minho

MOLINA, F.; ARTEAGA, O. (1976) – Problemática y diferenciación en grupos de la cerámica com decoración excisa en la Península Ibérica. *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, 1, p. 175-214.

NUNES, J. (2006) - *Estudo do material cerâmico da Cabana 5 da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros)*. Trabalho apresentado na cadeira Seminário II, curso de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.

PEREIRA, L. (1999) – *As Cerâmicas "Cogeces" de Castelo Velho, Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa)*. *Seu enquadramento peninsular*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia Pré-Histórica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Policopiado.

PEREIRA, L (2000) - As cerâmicas "Cogeces de Castelo Velho, Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa. *Côavisão*, 2, Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal.

PRIETO MARTÍNEZ, M. P. (1999) - Caracterización del estilo cerámico de la Edad del Bronce en Galicia: Cerámica campaniforme y cerámica no decorada. *Complutum*, 10, p.71-90

RIBEIRO, O. (1991) – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Sá da Costa.

ROBERTS, B. K. (2003) – *Landscapes of Settlement: Prehistory to Present*. London: Routledge.

RUIZ-GALVEZ PRIEGO, M. (1984) – Reflexiones terminológicas en torno a la edad del bronce peninsular. *Trabajos de Prehistoria*, 41, p. 323-342.

RUIZ-GALVEZ PRIEGO, M. (1998) – *La Europa Atlántica en la Edad del Bronce, un viaje a las raíces de la Europa Occidental*. Barcelona: Crítica Arqueología.

SANCHES, M. J. (1989) – Breve Síntese do Povoamento Pré-Histórico no Planalto Mirandês. *Revista da Faculdade de Letras, História, Série II, 7*, p. 445-456.

SANCHES, M. J. (1997), *Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro (O abrigo do Buraco da Pala no Contexto Regional)*, 2 vol., Textos, 1, SPAE, Porto.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1983-1984) – Contribuições arqueométricas para um modelo sócio-cultural: padrões volumétricos na Idade do Bronze do Centro e NW de Portugal. *Clio/Arqueologia*. Revista da Uniarch, 1. Lisboa. p. 169 – 188.

SENNA-MARTÍNEZ, J. C. (1985) – Contribuição Para Uma Tipologia da Olaria do Megalitismo das Beiras: Olaria da Idade do Bronze. *Clio Arqueologia*, 1. Lisboa. p. 105-138.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1989) - *Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural*. Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1993a) – A Ocupação do Bronze Pleno da ‘Sala 20’ do Buraco da Moura de São Romão. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, p. 55-77

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1993b) – O Grupo Baiões/Santa Luzia: Contribuições para uma tipologia da olaria. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa: Colibri, p. 93-123

SENNA-MARTINEZ, J. C. (2002) – Aspectos e Problemas da Investigação da Idade do Bronze em Portugal na segunda metade do século XX. *Arqueologia e História*, 54, p. 103-124.

SENNA-MARTINEZ, J.C. (2007) – Aspectos e problemas das origens e desenvolvimento da metalurgia do bronze na Fachada Atlântica Peninsular. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 15, Oeiras: Câmara Municipal, p.119-134

SENNA-MARTINEZ, J. C. (2009) - Armas, lugares e homens: aspectos das práticas simbólicas na primeira idade do bronze. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17. Oeiras: Câmara Municipal, p. 467-488.

SENNA-MARTINEZ, J. C.; GARCIA, M. F. S.; ROSA, M. J. O. (1983-1984) – Contribuições para uma tipologia da olaria do megalitismo das Beiras: olaria da Idade do Bronze (I). *Clio/Arqueologia*. Revista da Uniarch, 1. Lisboa. p. 105-138.

SENNA-MARTINEZ *et. al* (2004) – *Resumo do Projecto METABRONZE (Metalurgia e Sociedade no Bronze Final do Centro de Portugal)*, POCI/HAR/58678/2004, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q. & CARVALHO, H. A. (2004) – A Fraga dos Corvos : Um caso de Arqueologia e Património em Macedo de Cavaleiros. *Cadernos «Terras Quentes»*, 1, Macedo de Cavaleiros, Edições ATQ/CMMC, p.32-58

SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q. & CARVALHO, H. A. (2005) – A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat do “Mundo Carrapatas” da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental, *Cadernos «Terras Quentes»*, 2, Macedo de Cavaleiros, Edições ATQ/CMMC, pp.61-81

SENNA-MARTINEZ, J.C. *et alii*. (2006) – A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 3 (2005). *Cadernos Terras Quentes*. Macedo de Cavaleiros. Edições ATQ/CMMC. 3, pp.61-85

SENNA-MARTINEZ, J. C.; FIGUEIREDO, E.; VALÉRIO, P.; ARAÚJO, M. F.; VENTURA, J. M. Q.; CARVALHO, H. (2007) – Bronze Melting and Symbolic of Power: the Foundry Area of

Fraga dos Corvos Bronze Age Habitat Site (Macedo de Cavaleiros, North-Eastern Portugal). *Proceedings of the 2nd International Conference 'Archaeometallurgy in Europe'*, Aquileia.

SENNA-MARTINEZ, J. C.; LUÍS, E. (2009) – A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um Sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 6(08). *Cadernos Terras Quentes*, 6, p. 69-80.

SÉRONIE-VIVIEN, M. R. (1982) – *Introduction à l'étude des poteries préhistoriques*. Siège Social: Hôtel des Sociétés Savants, Bordeaux.

SILVA, M. A. (1994) – A Cista do Gorgulhão (Vila da Ponte – Montalegre). *Portugalia*, Nova Série, XV, p. 137-146.

SILVA, M. F. M; OLIVEIRA, P. C. P. (1999) – Estudo Tipológico dos Cossoiros do Museu da Sociedade Martins Sarmento (Citânia de Briteiros, Castro do Sabroso e proveniência diversa). *Revista de Guimarães*, Volume Especial, II. Guimarães. p. 633-659.

SILVA, E. J. L. & MARQUES, J. A. M. (1984.) - Escavação de uma cista em Lordelo (Anha - Viana do Castelo), in: *Revista de História - U.L.*, Porto, I, pp.51-72

SUÁREZ OTERO, J. (1998) – Cerâmicas e Cultura na Idade do Bronze en Galicia. FABREGAS, R. (ed.) *A Idade do Bronze en Galicia*. Sada, p. 81-104.

FÁBREGAS VALCARCE, R. (ed.), *Idade do Bronze en Galicia: novas perspectivas*. Coruña: Ed. Cadernos de Seminário de Sargadelos, 77, p. 81-103.

UCKO, P. J.; LAYTON, R. (Eds.) (1999) - *The Archaeology and Anthropology of Landscape: Shaping your landscape*. London: Routledge.

VALENTE, M. J. (2004) - A fauna mamalógica do povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7-1, p. 221-225.

VALERA, A. C. (1997) - *O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda). Aspectos da calcolitização da bacia do alto Mondego*. Textos Monográficos 1, Lisboa: Câmara Municipal de Fornos de Algodres.

VALERA, A. C. (2007) – *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*. Município de Fornos de Algodres / Terras de Algodres – Associação de Promoção do Património de Fornos de Algodres.

VARELA, J. M. (2000) – *As cerâmicas do Bronze Inicial e Médio do Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa), tradição e inovação na transição do III para o II milénio a.C.* Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, policopiado.

VILAÇA, R. (1995) – *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*. Trabalhos de Arqueologia 9. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.